

**A velhice, esse grande ocaso:**

**Meditações poéticas de Paulino Cabral, Abade de Jazente**

*(Versão corrigida e melhorada após defesa pública)*

**José Manuel Pereira Vieira**

**Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses**

**Abril 2023**

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Teresa Araújo.**

A redacção desta Dissertação não segue as normas do Acordo Ortográfico de 1990.

Esta dissertação é dedicada à

**Alexandra Costa Gomes**, a quem homenageio  
com as palavras de Cícero:

*Desejar conhecer tudo, seja qual for a matéria,  
denota um espírito curioso; ser atraído pela  
contemplação das maravilhas do universo até  
chegar à paixão pela ciência é a marca  
distintiva dos homens superiores.*

In *As últimas fronteiras do bem e do mal*, Livro  
V, XVIII, 49 (2018)

## AGRADECIMENTOS

Frequentar o Mestrado em Estudos Portugueses e acabar a presente Dissertação foi um dos desafios mais robustos que a Academia me colocou. Após a Licenciatura, frequentei dois anos do Doutoramento e, em razão da (tão habitual e) difícil conciliação entre a vida pessoal, profissional e académica, decidi que era necessário suspender esse ciclo, simplificar e dar conta do possível, preceitos que me conduziram à candidatura ao Mestrado em Estudos Portugueses, começando um novo caminho do zero, mais exequível para o que eu podia dar, na altura, e que alguns entenderam como retrocesso.

Este poderia ser um diário de desventuras, se tivesse desistido do trabalho de pesquisa iniciado no Seminário de Investigação do Doutoramento. Não é, todavia! Este é o diário de uma imensa resiliência que desconhecia em mim e de um investimento pessoal muito grande, em especial no período mediado por uma pandemia que me deixou em modo quase exclusivo para a profissão de assistente social. No decurso do tempo, este também foi um diário de procrastinação e de muitas indecisões. Não obstante, foi um diário de dedicação inteira a um tema que me exige reflexão diária: a velhice e o envelhecimento.

Mais do que cumprir um ritual, e sem mais rodeios, pretendo aqui agradecer a todos aqueles que mais directamente me apoiaram e me foram colo e amparo, ao longo dos últimos anos, especialmente os que se fizeram presentes e tão generosos no último mês, antes da conclusão desta Dissertação:

- Em primeiro lugar, agradeço à **Professora Doutora Teresa Araújo** pelo dom que tem de invocar (e convocar) as Musas, quando dá aulas ou quando orienta um aluno. É uma experiência enriquecedora quanto inspiradora! Nem a sobrecarga de trabalho conseguiu esmorecer a sua disponibilidade, dedicação e empenho insubstituíveis. A palavra amiga, a confiança que me emprestou, o seu saber incomensurável e a calma inabalável foram essenciais para, tantas vezes, dirimir as minhas pequenas dúvidas que mais pareciam o Adamastor por dobrar. Fica a certeza de um laço forte para toda a vida.

- À minha **Família**, agradeço o amor incondicional de todos, independentemente das minhas escolhas e decisões. Amo-vos muito! Em especial, à **mana Rosa**, pela paciência e pela generosidade que sempre teve para ler, em tempo recorde, os produtos finais que lhe ia enviando, e pelo ânimo para continuar e fechar este ciclo.

- Aos amigos-porto-coração, **Teotónio e Marisa**, pessoas únicas que me acompanham na vida, a gratidão pelo ânimo e pela generosidade de estarem comigo, mesmo em dias ventosos, na Galiza. Por me esperarem, sem gostarem menos de mim, obrigado!

- À **Alexandra**, a quem dedico este trabalho, a gratidão pelo caminho de Amizade (pedra-cal-eternidade) feito, em conjunto, desde a Licenciatura em Estudos Portugueses, o

último curso em regime Pós-Laboral (2012-2015), ao qual demos tudo o que éramos (o tempo em que não tínhamos tempo, mas o tempo se multiplicava, benfazejo, sempre a nosso favor); a gratidão pelo companheirismo e pela claridade que sempre trazes nos olhos; e, por fim, a gratidão pela companhia nas centenas de Sábados em que descobrimos todas as Bibliotecas de Lisboa, para nos dedicarmos ao amor pela ciência literária.

- À **Carolina Rodrigues**, pela amizade de tantos anos, e por me animar diariamente, desde o desafio da nova Licenciatura e os outros subsequentes; pelo testemunho de perseverança e firmeza na vida; por acreditar em mim e dirigir comigo, todos os dias, a Instituição que tanto amamos.

- Ao **Professor Valentim Remédios**, pelo interesse que teve em conhecer a minha Dissertação e partilhar ideias, bibliografia e correcções, mesmo com o pouco tempo que tinha. Este tipo de generosidade não se paga, retribui-se.

- Ao **Dr. Pedro Barros** do Centro de Estudos Amarantinos, que se dedica, há muitos anos, ao estudo e divulgação de autores amarantinos, como o Abade de Jazente, e que tão gentilmente me cedeu a bibliografia que tinha (Espero agora poder contribuir para ampliar o conhecimento sobre o nosso poeta!).

- À **Professora Doutora Maria Luísa Malato** que, com o Dr. Pedro Barros, editou uma pequena antologia de 40 poemas, em 2019 (tricentenário do nascimento de Paulino Cabral) e que gentilmente me enviou uma cópia dessa publicação.

- Aos resilientes e generosos de espírito que dedicaram o seu precioso tempo a ler o meu trabalho, na sua fase final, conseguindo ver aquilo que eu já não conseguia “enxergar”. Estou muito grato pelos vossos olhos e coração: **Rivca Helhazar, Carla Ribeiro, Carolina Rodrigues, Sandra Gomes, Carla Crespo e Tonica Maria**.

- Finalmente, mas não menos importante, agradeço às pessoas não mencionadas que, de alguma forma, contribuíram muito para que eu pudesse trilhar este caminho com a alegria necessária: **Carla Mariz, Ana Paula Garcia, Teresa Líbano Monteiro, Maria Farçadas, Natacha Abreu, Susana Canhoto, Paula Camoesas, Professor Doutor António Gomes, Mário Manteigas** e as conterrâneas “*Old School*”: **Carla Correia e Natália Baptista**.

- Um agradecimento especial também às **colegas de trabalho dos serviços de apoio aos utentes idosos** que, nos últimos dias, ficaram mais sobrecarregadas para que eu pudesse dedicar algum tempo à conclusão deste projecto.

Bem-hajam, tod@s vós, pela **GENEROSIDADE**, que é o sentimento que mais me comove e me anima todos os dias.

**A VELHICE, ESSE GRANDE OCASO:  
MEDITAÇÕES POÉTICAS DE PAULINO CABRAL, ABADE DE JAZENTE**

**Dissertação de Mestrado**

**José Manuel Pereira Vieira**

**RESUMO**

Esta dissertação propõe-se apresentar um olhar sobre o inextrincável tópico da velhice e do envelhecimento na obra poética de Paulino António Cabral, Abade de Jazente (1719-1789). Poeta amarantino, figura bem conhecida nas sociabilidades literárias portuenses do século XVIII, os seus deveres eclesiásticos levaram-no para perto da sua terra natal, passando trinta anos a pastorear a paróquia de Jazente, uma localidade rural situada nas faldas do Marão. O tomo I da sua obra *Poesias*, editado por Bernardo António Farropo, foi um sucesso de vendas (dois mil exemplares em menos de seis meses), contudo a nota moralizadora de alguns críticos e a monotonia de alguns temas afastaram a obra e o autor de lugares de destaque na história da Literatura Portuguesa de Setecentos. O tomo II chegou a ser proibido por Alvará Régio (1789).

Em todo o caso, o tema da senescência foi afluído por alguns críticos, muito embora não o tenham valorizado devidamente como assunto poético de Paulino Cabral. Apenas Miguel Tamen o interpretou de uma forma arrojada, nos anos oitenta do século XX.

Escrutinar a figuração do tema do envelhecimento por um poeta que escreveu numa época tão diversa e rica quanto o século XVIII permitiu-nos descobrir que o ecletismo do Abade foi a sua maior riqueza.

O primeiro passo desta investigação consistiu na organização de uma “Antologia da Velhice”, que contou com 60 composições, o *corpus* do nosso trabalho. Seguidamente, a dissertação foi dividida em quatro partes. Na primeira, são discutidas questões preambulares da obra, sua edição e fortuna editorial. A segunda procede à revisão dos estudos sobre a velhice em Paulino Cabral, terminando com a nossa proposta analítica e interpretativa de *Poesias*, sob o prisma do tópico supramencionado.

As composições poéticas que constituem a nossa “Antologia da Velhice” serão examinadas na terceira e quarta partes. A primeira destas cinge-se às composições

poéticas da “Controvérsia... a respeito da idade” (Tomo II de *Poesias*), onde Paulino Cabral e Teodoro de Sá Coutinho, ao longo de noventa e uma páginas, dirimem duas visões distintas e opostas sobre a senectude. Na quarta, fica evidente a representação disfórica da ancianidade na poesia do Abade, sendo o conceito de velhice decomposto em níveis de análise e estudo mais pormenorizados, como a relação do Tempo e do Corpo; aspectos conexos à melancolia, à memória e à solidão; a velhice e o amor; e a degenerescência alusiva ao eu e ao seu entorno.

Ao acrescentar conhecimento ao acervo crítico de Paulino Cabral, esta investigação quer, em última instância, testemunhar a importância e o interesse deste poeta esquecido e, conseqüentemente, reequacionar o seu espaço nas letras portuguesas do século XVIII.

**PALAVRAS-CHAVE:** Abade de Jazente; Paulino António Cabral; Poesia; Século XVIII; Velhice; Envelhecimento; Teodoro de Sá Coutinho.

## ABSTRACT

This thesis aims to present a point of view on the inextricable topic of old age and aging throughout the poetic work of Paulino António Cabral, Abbot of Jazente (1719-1789). A poet born in Amarante, a well-known figure in the 18<sup>th</sup> century Oporto's literary sociabilities, his ecclesiastical duties placed him near his homeland, where he spent thirty years preaching in the parish of Jazente, a rural town located on the slopes of Marão. The Book I of his work *Poesias*, edited by Bernardo António Farropo, was a sales success (two thousand copies in less than six months), however the moralizing undertones of some critics and the monotony of some themes distanced the work and the author from prominent places in the history of the seventeenth century Portuguese Literature. The Book II was even banned by royal charter (1789).

In any case, the theme of senescence was touched upon by some critics, although they did not value it properly as a poetic subject in Paulino Cabral's work. Only Miguel Tamen interpreted it in a bold way, in the 1980s.

By examining the figuration of the theme of aging throughout the work of this poet, who wrote in a time as diverse and rich as the 18<sup>th</sup> century, enabled us to discover that the Abbot's eclecticism was his greatest wealth.

The first step of this investigation consisted in organizing an "Old Age Anthology", comprised of 60 essays, the *corpus* of our work. Then, the dissertation was divided into four parts. In the first part, we address preambular issues of the work, its edition and editorial fate. In the second part, we review the studies on old age in Paulino Cabral's work, finishing with our analytical and interpretative proposal about *Poesias*, in the light of the topic mentioned above.

The poetical compositions that comprise our "Old Age Anthology" will be examined in the third and fourth parts. The first of these is limited to the poetical compositions of the "Controversy... regarding age" (Book II, of *Poesias*), where Paulino Cabral and Teodoro de Sá Coutinho present two distinct and opposing views on senescence, over ninety-one pages. The dysphoric representation of old age in the Abbot's poetry is clear in the fourth part: the concept of old age being broken down into more detailed levels of analysis and study, such as the relationship of Time and Body; aspects related to melancholy, memory, and loneliness; old age and love and the degeneration allusive to the self and its surroundings.

By adding knowledge to Paulino Cabral's collection of critical essays, this research ultimately aims to testify to the importance and interest of this forgotten poet and consequently to reassess his place in the 18<sup>th</sup> century Portuguese Literature.

**KEYWORDS:** Abade de Jazente; Paulino António Cabral; Poesia; 18th century; Old age; Ageing; Teodoro de Sá Coutinho.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	1
<b>Antelóquio</b> .....	4
<b>Capítulo I: Paulino Cabral: Das luzes da ribalta ao esquecimento secular</b> .....	8
I.1. O florilégio de Bernardo Farropo: Questões preambulares e caracterização da obra .....	13
I.2. Fortuna editorial: Obra completa e antologias .....	17
<b>Capítulo II: A problemática da velhice no conjunto de <i>Poesias</i>: Crítica e proposta de leitura</b> .....	21
II.1. A crítica biografista .....	21
II.2. A crítica de configuração (mais) literária .....	28
II.3. Questões metodológicas: Uma antologia (possível) da velhice.....	39
<b>Capítulo III: Figurações da senectude na “Controvérsia... a respeito da idade”</b> .....	43
III.1. O conflito geracional e a tematização negativa do envelhecimento .....	46
III.2. Burro velho aprende línguas: O elogio à velhice .....	56
<b>Capítulo IV: Figurações disfóricas da velhice: Um tratado poético e melancólico</b> .....	70
IV.1. A fatalidade do Tempo e a erosão do corpo .....	71
IV.2. O solilóquio da memória: A arte da melancolia .....	81
IV.3. “Não posso mais” o Amor .....	89
IV.4. Morfologias da degradação: A contemplação da ruína .....	93
<b>Conclusão: Jazente, um poeta de charneira</b> .....	100
<b>Bibliografia</b> .....	108

## ANEXOS

<b>ANEXO A:</b> <i>Alvará Régio</i> de D. Maria I (14/12/1789) .....	i
<b>ANEXO B:</b> Antologia de poemas de Paulino Cabral sobre a velhice.....	iv

## INTRODUÇÃO

A presente Dissertação tem como propósito examinar as representações da velhice na poesia de Paulino António Cabral (1719-1789), mais conhecido por Abade de Jazente, nome da paróquia, no concelho de Amarante, que esteve à sua responsabilidade durante cerca de 30 anos.

E porquê a temática da velhice?

Em primeiro lugar, para “quebrar a conspiração do silêncio” afirmada por Simone de Beauvoir, em 1970, querendo a autora dizer que os velhos eram tratados como “párias” (p. 6), pelo que uma das suas determinações foi a de obrigar a sociedade a ouvir a sua voz. Em segundo, porque nos é diária a realidade do envelhecimento, ao nível profissional. Em terceiro, porque ainda são relativamente escassas as referências sobre a poetização da anciania nos estudos literários. E por fim, mas não menos importante, pelo pretexto de trazer ao terreiro literário um poeta do século XVIII, ainda pouco conhecido e estudado.

Na investigação em apreço, propomos uma abordagem temática à poesia de Paulino Cabral, contribuindo para desenvolver uma reflexão em torno da poetização do envelhecimento, sob a mão criativa de uma nova visão poética sobre a sua obra.

A análise das figurações da senioridade nas composições poéticas do Abade pretende ainda perspectivar, por um lado, as interpretações que a crítica tem elaborado, e, por outro, apresentar uma reflexão crítica focalizada no objecto de investigação.

No Antelóquio pós-Introdução, tentaremos demonstrar a relevância e a urgência em olhar criticamente a poetização da velhice, assim como o seu interesse para os estudos literários.

No Capítulo I, faremos uma pequena contextualização sobre a vida do poeta-clérigo, seguida de uma apresentação sucinta de *Poesias*, obra publicada em dois tomos, em 1786 e 1787, respectivamente. Abordaremos ainda algumas questões editoriais

relativas à *editio princeps* e aos seus paratextos, designadamente os prólogos do editor-livreiro Bernardo Farropo. No final do apartado, faremos referência à sua escassa fortuna editorial.

O capítulo II tem por finalidade cotejar todos os estudos críticos que encontrámos sobre o poeta, dando especial destaque àqueles que reflectem sobre o tópico da senescência, delineando assim uma visão geral do estado da arte. No ponto II.1 e II.2., serão problematizadas as duas grandes linhas críticas: uma de cariz e interpretação mais biografista e outra de cariz mais literário, onde se incluem os estudos mais importantes sobre a obra do poeta maronês.

No ponto II.3., serão clarificadas algumas questões metodológicas, assim como será apresentado o critério de constituição do *corpus*: um critério de coerência temática e discursiva que nos permitiu materializar uma antologia de 60 poemas, a nossa “Antologia da Velhice”. Em função desta decisão, e compreendendo a pertinência temática no contexto geral da obra do poeta, propomos uma abordagem em duas vertentes, que correspondem aos Capítulos III e IV.

O Capítulo III dedicar-se-á à conhecida “Controvérsia... a respeito da idade”, um conjunto poético que dá início ao Tomo II, de onde seleccionámos 32 poemas para o *corpus* da investigação. Esta peça poética será trabalhada de forma autónoma, em relação às restantes composições da Antologia, uma vez que se trata, fundamentalmente, de uma disputa poética entre Paulino António Cabral e Teodoro de Sá Coutinho, não fazendo sentido envolver poemas de outras secções, como veremos. Neste capítulo, será explorada criticamente a dialéctica entre duas mundividências antagónicas que demonstram a clara ambivalência do *tópos* da velhice, como duas faces de uma mesma moeda.

No Capítulo IV, e último, procederemos ao estudo dos restantes poemas do *corpus*, dando continuidade à discussão iniciada no Capítulo anterior. Esta análise das representações poéticas terá como perspectiva principal a figuração distópica da senectude. Dada a necessidade de conceptualizar a problemática de uma forma mais profunda e audaciosa, foi concebido um modelo de análise que dará conta de outros *tópoi* indelevelmente ligados à tematização negativa da velhice, o que nos permitiu

esboroar o conceito e encontrar, na sua tessitura, as camadas e cambiantes que o compõem: a questão do Tempo e do corpo; a memória, a solidão e a melancolia; o amor na velhice; e a degradação exterior, como condição ou consequência da degradação inerente à senescência do sujeito.

Para os leitores menos prevenidos, é importante fazer a seguinte advertência: ao falar dos problemas de conotação e denotação na obra do Abade de Jazente, António Cabral explica-nos que “A proximidade com a experiência não menoriza a [sua] poesia” (1989, p. 89), isto é, a comunhão muito directa e imediata com a experiência na poesia jazentiana (que não deve ser entendida, necessariamente, como poesia autobiográfica) permite ao leitor “redimensionar a realidade a que se refere, nesta relação entre a poesia e o mundo concreto” (p. 72). Se a linguagem não poética imediatiza o objecto (denotação), a linguagem poética mediatiza o mesmo (*ibidem*), reinventando a realidade, o que nos leva a crer que as composições examinadas tratam a velhice como um tema poético e não como o resultado necessário da vivência pessoal do poeta, nos seus últimos anos de vida.

Por todas estas razões, a Poesia é tão necessária para mediatizar a realidade e reinventar a espuma dos dias (citando o título de Boris Vian).

## ANTELÓQUIO

Levanta-te perante uma cabeça branca e honra a pessoa do ancião. (Levítico, 19: 32)

Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais novo, tu mesmo atavas o cinto e ias onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos e outro te há-de atar o cinto e levar para onde não queres. (João, 21: 18)

Desde sempre que o significado de “ser velho” foi marcado por uma grande ambivalência e algumas contradições, como podemos ver, desde logo, nas duas epígrafes acima. Um único Livro Sagrado oferece duas figurações de velhice bem diferentes uma da outra.

Actualmente, investigar a temática da velhice e do envelhecimento é uma prática académica muito profícua, em especial no âmbito das ciências ligadas à saúde, mas sobretudo nas ciências sociais. Não tão frequente, no entanto, é a sua representação nos estudos literários, em especial na poesia.

Por conseguinte, não é tanto o *facto* sociológico, psicológico, económico ou sanitário que este trabalho quer demonstrar, embora haja necessidade de relacionar alguns deles com a poética. A nossa dissertação não tem objectivos de análise social da condição da velhice no século XVIII, mesmo que possamos inferir que, tal como noutros períodos e contextos culturais, a senioridade é tendencialmente percebida de formas muito diferentes. Não pretendemos também validar o *facto* histórico, embora a Literatura possa ser muito útil às ciências históricas (*vide*, como exemplo, o estudo de Maria Antónia Lopes, 2016) e vice-versa.

Na verdade, apesar de distintas entre si, quanto mais interdependente for a relação de todas as disciplinas, melhor será a ciência produzida.

A presente Dissertação pretende aprofundar e obviar o *facto* literário, não descurando, todavia, todos os contributos limítrofes. Neste caso, a formulação poética da velhice e do envelhecimento (e os seus processos heterogéneos e multifactoriais), na obra de Paulino Cabral, vai sustentar e nortear o nosso percurso de investigação. O

interesse e o desejo de originalidade deste trabalho reside, precisamente, na pertinência deste olhar crítico sobre a configuração literária da senescência no universo poético de Paulino Cabral. A partir de uma observação mais enfocada no *tópos* em causa, pretendemos explorar a linguagem e as operações poéticas que um autor da segunda metade do século XVIII utilizou, num contexto, como poucos, de grande diversidade estética.

Com efeito, quando Paulino Cabral poetiza a velhice, escreve-se como um Outro e dá à luz um Outro no mundo, deixando de pertencer à mera ordem da subjectividade biográfica, contrariamente ao entendimento que levou muitos críticos ao erro de avaliar o poeta e não a poesia. Olhar a figuração da velhice em *Poesias* é aceder a uma experiência do/no mundo, sem que ela represente necessariamente a vida individual de quem escreve.

É evidente que a representação ficcional da senectude interage com o imaginário social do que é ser velho, questão cada vez mais pertinente neste século XXI em que o envelhecimento demográfico se tornou uma realidade incontornável. Por esse motivo de pertinência, é importante interpretar crítica e literariamente esta problemática do nosso tempo, mesmo que deslocada temporalmente.

Este olhar literário é fundamental para compreender realidades que, por vezes, extravasam o próprio campo literário, razão pela qual o presente trabalho se inscreve nesta inquietação que a literatura ancora: porque a Literatura não só é capaz de responder, como simultaneamente desassossega e perturba, permite problematizar, ensaiar aproximações que questionam e nos afectam. Este olhar sobre a condição (poética) da velhice é, sobretudo, um olhar sobre a condição humana, que importa a cada um de nós e importa, de forma especial, à Literatura.

Como foi dito na Introdução, há uma motivação pessoal na escolha do tema, contudo destacamos igualmente a relevância social deste tópico, desde logo o interesse em percebê-lo noutra contexto, noutra época e noutras latitudes, juntando ao facto desafiante da escolha de um autor menos conhecido, que passou quase metade da sua vida numa a pastorear uma aldeia recôndita do concelho de Amarante.

Graças ao manancial de instrumentos bibliográficos a que hoje temos acesso<sup>1</sup>, convocámos, ao longo desta Dissertação, um intertexto simbólico e cultural, que permitiu o adensamento hermenêutico de algumas temáticas inerentes à tópica do envelhecimento. Ainda que desviando aparentemente o assunto em foco, serão propostas algumas pontes intertextuais com a base do pensamento ocidental. É nosso dever ser epígonos desse espólio infinito que é a Antiguidade Clássica.

De acordo com Guy Debord (2017), *A Velhice*, de Simone de Beauvoir, estremeceu a sociedade, em 1970, especialmente os países ocidentais, porque expôs, de uma forma contundente, a exclusão, o abandono e o desprezo experienciados pelos velhos na sociedade epocal. Não pretendemos, hoje, apontar o que está bem ou mal no mundo em geral ou na realidade específica da velhice. Queremos apenas reiterar a utilidade da Literatura no âmbito da reflexão sobre a senescência, porque ela também tem uma capacidade catártica e, ao mesmo tempo, nos oferece a possibilidade de ampliar horizontes, multiplicar razões e tecer argumentos sobre grandes problemáticas dos nossos dias.

Como disse Maria João Simões, nos seus estudos sobre Imagiologia, “A literatura com as suas figurações (...) obriga-nos a questionar as nossas próprias imagens estereotipadas” (2005, p. 76) e faz-nos perceber que a representação do que é ser velho no século XVIII concorre para uma profunda reflexão sobre o que é ser velho no séc. XXI, ainda que o nosso objecto literário tenha já uma provecta idade: 237 anos.

A Literatura, assim como a Poesia, tornam-nos capazes de reformular, reestruturar e compreender a nossa experiência do mundo, assim como nos permite perscrutar a sombra onde a luz se perdeu, (re)iluminando aquilo que um dia brilhou e depois se apagou. Relacionar velhice e Literatura é, precisamente, reacender um lugar de obscuridade que, cada vez mais, é lugar de rejeição e evitamento.

---

<sup>1</sup> Destaco e homenageio, a este propósito, os trabalhos de Simone de Beauvoir (1970), George Minois (1999) e Carlos Sá Furtado (2019) no âmbito da *história* da velhice. Destaco ainda a importância dos trabalhos de tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Frederico Lourenço, Sebastião Tavares de Pinho e outros, que têm contribuído muito para “democratizar” o acesso a textos clássicos, onde está presente o tópico da senectude.

Hannah Arendt disse numa entrevista: “Para mim, escrever faz parte da compreensão; a escrita faz parte da compreensão (...). Eu não escrevo para influenciar. Eu escrevo para entender” (1964). A nossa Dissertação tem uma finalidade muito semelhante ao propósito da filósofa alemã: compreender, não influenciar; compreender e partilhar aquilo que nesta demanda conseguimos alcançar.

## CAPÍTULO I

### Paulino António Cabral: Das luzes da ribalta ao esquecimento secular

Assim é a lei da vida, triunfo e olvido.

José Saramago, *A viagem do elefante* (2008)

Paulino António Cabral, especialmente conhecido pela função que desempenhou durante cerca de 30 anos, Abade de Jazente, nasceu a 6 de Maio de 1719, na Quinta do Reguengo, freguesia de S. Pedro da Lomba, concelho de Amarante (no extinto concelho de Gouveia de Riba-Tâmega).

Segundo Camilo Castelo Branco (1879), o poeta escreveu a sua “genealogia em verso” (p. 181), num poema que inspirou muitos críticos de pendor biografista:

Um de meus Bisavós foi mercador,  
Outro foi de Alfaiate oficial,  
Outro tendeiro foi sem cabedal,  
E outro, que Juiz foi, foi lavrador.

O meu paterno Avô foi professor  
De latim, que ensinou ou bem, ou mal;  
E o materno viveu no seu casal,  
De que inda agora eu mesmo sou senhor.

Meu Pai Médico foi, e homem de bem,  
Minha Mãe Dom teria, porque enfim  
Muitas menos do que eia agora o têm.

Abade eu fui, e se saber de mim  
Alguma coisa, mais quiser alguém,  
Saiba, que versos faço, e os faço assim.  
(II,93)<sup>2</sup>

Dizem os documentos idóneos consultados por alguns críticos, que era filho de João Cabral (médico) e de Ana Cerqueira, que faleceu aos 12 anos do poeta. Teve dois irmãos: Sebastião (de quem pouco se sabe) e Manuel, que chegou a ser Familiar do

---

<sup>2</sup> A partir deste momento, seguiremos o método de identificação dos poemas proposto por Miguel Tamen, no seu *Roteiro* de 1983: “Identifiquei cada texto com um algarismo romano e um algarismo árabe, que remetem, respectivamente, para o tomo e a página da 1ª edição” (sublinhado nosso). Exemplificação da identificação do poema acima: II,93 – este poema encontra-se no tomo II, na página 93 da 1ª edição.

Santo Ofício, Desembargador da Relação do Porto e Desembargador da Casa da Suplicação (Queiroz, 2014). Após a morte da mãe, sabemos que a família se mudou e permaneceu no Porto, onde o pai continuou a exercer a profissão de médico, mas também funções eclesiásticas que terá abraçado, nessa altura. Segundo Júlio Castilho, “depois de enviuar, já formado em Medicina, tomou ordens sacras, e foi Notário do Santo Offício por provisão de 17 de Julho de 1733 (...) e exerceu no Porto longos anos de profissão de médico” (1909, p. 203).

Sabemos também que Paulino Cabral se formou em Direito Canónico (Cânones, como consta no Arquivo de Coimbra)<sup>3</sup>, entre os anos de 1735 e 1741, ano da sua formatura. Desde 1748, estava a pastorear interinamente a paróquia de Santa Maria de Jazente, próximo da sua aldeia de nascimento, até que no dia dezassete de Fevereiro de 1753, chegando a bula papal, foi nomeado Abade por D. José Maria da Fonseca e Évora, prelado que teve um papel fundamental nas sociabilidades literárias do Porto das décadas de 40 e 50, conhecendo bem Paulino Cabral dos serões literários que dinamizava no Paço Episcopal.

O Abade amarantino vai manter-se nas suas funções eclesiásticas até 1783, ano em que a velhice ou a doença o obrigaram a renunciar ao cargo. Foi viver para Amarante nos últimos anos de vida e terá vivido com muitas dificuldades, falecendo a 20 de Novembro de 1789 com 70 anos. Foi enterrado na Igreja de S. Pedro, na mesma localidade.

Como refere Maria Luísa Malato (2019), não temos um retrato dele e muito pouco sabemos da sua vida, além das informações mais fidedignas obtidas através de documentos oficiais. A sua reputação, de resto, foi construída de boca em boca e com base na crítica, muitas vezes pouco fundamentada. O romance de Arnaldo Gama, *Um motim há cem anos*, ficcionalizou uma personagem homónima, cuja caracterização moteja a figura de Paulino Cabral numa reunião literária portuense: “olhos vivos e cintilantes, que harmoniza com sorriso de ironia fina e delicada”; “benjamim das

---

<sup>3</sup> Acedemos ao “Índice de Alunos” da Universidade de Coimbra, onde consta uma Ficha com a “História / administrativa / biográfica / familiar” do ex-estudante Paulino António Cabral: <https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=128980&detailsType=Description&ht=paulino%7cant%c3%b3nio%7ccabral>

assembleias da época, sem as quais ele não podia viver”; “tinha o peraltismo no sangue, nos nervos, em todo o organismo”; “dançava, cantava, fazia a cômte às damas” ([1ª edição 1861] 1935, p. 295). Neste contexto literário, Júlio Castilho também refere que a sua presença de “astro brilhante dos brindes” e a sua capacidade de observação e socialização fazia dele o “rei das funcções e das assembleias, dos abadesados, dos passeios campestres a Ramalde ou à Foz” (1909, p. 220).

Também se sabe que o Abade pertenceu à Arcádia Portuense, juntamente com João Xavier de Matos, seu colega de Coimbra (Figueiredo, 1927; Saraiva & Lopes, 1975; Pontes, 2002), entidade até hoje pouco conhecida, que se reuniria nos anos 60 sob os auspícios do Bispo do Porto, onde era feita muita versificação destinada a outeiros conventuais e assembleias burguesas. Sabemos ainda que, pelo seu gosto por estas sociabilidades, Paulino Cabral passaria algumas temporadas no Porto, para frequentar serões literários e conviver com figuras ilustres do meio. No entanto, a este respeito há demasiada informação contraditória e pouco fundamentada.

Poeta multifacetado, com uma veia satírica rápida, aguçada e muito elogiada (“Tolentino de batina e coroa”, expressão de censura por parte de Firmino Pereira - 1914, p. 290), vai desconstruir alguns modelos morais e de comportamento da sociedade setecentista, ao mesmo tempo que satisfazia os novos gostos literários. O próprio editor Bernardo Farropo reconhece essa particularidade, ao destacar, no Prólogo do tomo II de *Poesias*, que, “com a graciosidade com que atava os defeitos, ou seja da Religião e da Sociedade, faz com que o leitor, quando cuida entreter-se, se instrua; e supondo zombar dos vícios alheios, reconheça os próprios, e se incite à emenda” (1787, 4). A este propósito, Melo e Castro inscreve o Abade no conceito de “Poesia Pícaro”, uma vez que lhe atribui uma certa “Comunicação transgressiva” (1989, p. 54) que se verifica, especialmente, nas suas composições mais burlescas. Esta tonalidade mais jocosa, satírica e ardilosa cumpre, a nosso ver, “um papel social, quer de divertir, quer de desmistificar os valores da própria sociedade” (p.53). Alexandre O’Neill elogia igualmente o filão satírico com que se identifica e mostra o seu grande apreço pelo poeta, em dois momentos (*cf.* 1965 e 2008),

David Mourão-Ferreira e outros críticos (Castilho, 1909; Coelho, 1961; Melo e Castro, 1989; Cabral, 1989; Pontes, 2002) elogiaram o tom prosaico de Paulino Cabral, que se consubstanciava numa comunhão mais imediata com a realidade trivial. Essa “poesia do quotidiano” (Mourão-Ferreira, 2004), herdeira de uma linguagem mais coloquial e directa, é percebida na atenção dada aos pormenores do dia a dia (a pesca, os animais, a caça, as danças, os chás, o jogo, os comportamentos e hábitos sociais...), temas que eram, até então, menos explorados poeticamente. Rosário Pontes reconhece o seu “realismo descritivo” (2002, 470), registo igualmente encontrado em algumas composições prévias de Correia Garção (*vide* “O louro chá no bule fumegando”). Mais uma vez, o editor de *Poesias* percebeu que não estava perante um poeta de “modas ou convenções estilísticas” rígidas (Cabral, 1989, p. 77), referindo que a liberdade poética de Jazente o afastou dos “insulsos lugares-comuns de conchinhas, seixos, rios, pastoras, cabanas, faeiros &c” (1787, p. 5), numa clara farpa à poesia neoclássica.

Paulino Cabral foi também um poeta da domesticidade e do amor ao campo (embora este *locus* se transfigure, algumas vezes, numa espécie de cárcere). A crítica destaca estes tons horacianos (Martins, 2000, p. 36), sustentados numa filosofia hedonista e epicurista de apologia à vida simples e rústica, envolvida de alguns prazeres à mistura (“Eu como, eu bebo, eu durmo e sem receio”, I,23).

Não obstante a sua expressividade apolínea e dionisíaca, o lado saturnino deste poeta da claridade (“O nome dou às coisas com claridade”, I,12) vai contrastar com o sagaz observador dos costumes sociais e do quotidiano, como veremos adiante. Paulino não é apenas o cómico-folgoção ou o clérigo frascário que alguns críticos insinuaram.

Francisco Miranda de Andrade e Rosário Pontes realçam, inclusivamente, que alguns dos seus melhores poemas são uma “espécie de diário íntimo” (Andrade, 1979, p. 24), onde se encontra plasmada uma “instabilidade emocional, presa fácil de tédio e melancolia” (Pontes, 2002, 471). Esta autora é, a nosso ver, a que melhor caracteriza a poética jazentiana, na medida em que demonstra a amplitude dos versos de Paulino Cabral: a “concepção de um absurdo vivencial e emocional” (p. 470); os acentos horacianos e camonianos; a “interiorização dos ambientes sombrios”, variando entre “laivos de amplo realismo descritivo”; a observação cuidada do quotidiano; e as

“múltiplas facetas de uma vida assumida enquanto sobreposição de paradoxos e de contradições nunca dialecticamente resolvidas” (p. 471). Sugere, inclusivamente, que o poeta se situa, poeticamente, “Entre o olhar desenganado e crítico de Nicolau Tolentino e a expressividade tenebrosa de Bocage” (ibidem).

A presente síntese permite-nos concluir que Paulino Cabral não terá sido seguidor de uma única doutrina ou escola literária. Na verdade, o poeta-Abade teve o enorme privilégio de contactar com todos os fluxos literários que coloriram o século XVIII: o Barroco, mesmo que retardatário, o neoclassicismo emergente na segunda metade de setecentos e os primeiros assomos pré-românticos. Nem todos se dão conta desta riqueza singular, porquanto a ideia que ainda grassa é a de “Um século XVIII considerado fútil, quando visto como último vestígio do Barroco, dogmático quando considerado Neoclássico, inábil quando prenúncio do Romantismo” (Borrvalho, 2004, p. 65). Por todas estas razões, é importante reflectir “Porque é que a História esqueceu a Literatura Portuguesa do Século XVIII?” (título do ensaio).

Encerrar a poesia do Abade numa gaiola poética seria simplista e uma injustiça muito grande, na medida em que estamos, com efeito, perante um poeta eclético e policromático, um poeta de charneira que não foi fiel a um só deus estético.

Do ponto de vista da poética, a presente Dissertação não pretende tratar das questões periodológicas, de uma forma rígida ou estanque, embora, em algum momento, possamos sugerir a sua articulação nas composições que analisadas. O escasso número de trabalhos críticos dedicados à obra de Paulino Cabral, assim como a nossa proposta de abordagem temática à velhice, impeliu-nos à urgência que este estudo merecia, além de trazer à discussão um poeta que merece ser lembrado às suas gentes e aos leitores portugueses, em geral.

## I.1. O florilégio de Bernardo Farropo: Questões preambulares e caracterização da obra

A primeira – embora intencionalmente incompleta, segundo veremos – compilação da obra poética do Abade de Jazente foi publicada em 1786 e 1787, em dois volumes, com o título *Poesias*, pela mão do renomado livreiro-editor Bernardo António Farropo<sup>4</sup>, no Porto, em formato in 8º. Nos respectivos frontispícios está identificado o impressor (“Na oficina de Antonio Alvarez Ribeiro”, um dos mais conhecidos impressores portuenses<sup>5</sup>) e indicada a licença da Real Mesa Censória, podendo igualmente ser apreciada uma gravura com a representação de uma lira envolvida por uma coroa de louros, não sendo, contudo, uma marca de impressor.

As primeiras informações de que temos conhecimento sobre o Abade de Jazente podem ser encontradas nos preâmbulos destes dois volumes, redigidas pelo seu editor. A importância destes elementos paratextuais é essencial para a compreensão do contexto e de algumas idiosincrasias desta obra poética.

O prólogo do primeiro tomo, bastante reduzido (ocupa apenas uma página), representa uma interessante declaração de intenções, onde o livreiro assume um compromisso com o público leitor. Farropo quer demonstrar a qualidade dos “excellentes versos de Paulino Cabral [de Vasconcellos]”<sup>6</sup> (Farropo, 1786, s.p.) e o seu apreço por uma “Controvérsia” literária do poeta com Teodoro de Sá Coutinho acerca da idade, conjunto poético que, no final de contas, apenas terá lugar na abertura do segundo tomo. Em jeito de *captatio benevolentiae*, o editor refere as morosas diligências e as dificuldades com que se deparou na preparação da obra (“mendiguei com indizível trabalho” as composições que se encontravam “truncadas, e dispersas”) e menciona que pediu a intervenção do autor para reconhecer e retocar aquelas “informes, e erradas copias, que as desfiguravão”.

---

<sup>4</sup> Cf. Meireles, 1981 e Leão, 1999, p. 102-105.

<sup>5</sup> Cf. Meireles, 1981 e Leão, 1999, p. 110-112.

<sup>6</sup> Para Júlio Castilho e outros críticos, o sobrenome *Vasconcellos* é uma espécie de paragoge, não pertencendo efectivamente ao nome do poeta: quando se defende que foi um erro que consta no termo do seu óbito (1909, p. 201-202), o argumento não é sustentável, uma vez que a publicação da obra é anterior à sua morte (Viana, 1944, pp. 5-6); quando confrontados os documentos formais/oficiais onde esse apelido não consta, o argumento também fracassa.

Apesar deste esforço de exaustividade compilatória dedicado aos “curiosos de bom gosto”, Bernardo Farropo reconhece que alguns “Sonetos admiráveis se excluirão da coleção”, provando que a selecção e a organização do *corpus* foi da sua inteira responsabilidade, o que evidencia, por um lado, o seu papel de antólogo e, por outro, a complexidade dos problemas editoriais que ainda hoje se colocam à obra do Abade de Jazente. Francisco Topa (1998) levanta algumas questões relativas ao labor de Bernardo Farropo, uma vez que “as circunstâncias que rodearam o seu trabalho editorial comprometeram significativamente o produto final” (p. 11). Não se sabe se a edição (pelo menos, o primeiro tomo) correspondeu à vontade do autor ou se a edição primou pelo rigor crítico e apuramento textual necessários (*ibidem*), assim como não foram solucionados potenciais problemas de autoria ou de estabelecimento do texto (p. 12). De qualquer forma, é sobre o material editado que vamos urdir o nosso trabalho de investigação.

O segundo volume contém um prómio mais longo e audacioso (*cf.* 1787, pp. 3–10), sendo iniciado por um rasgado encómio à excelente recepção do primeiro volume. O livreiro atesta o seu êxito comercial pela venda de “dous mil exemplares em menos de seis mezes” (1787, p. 3). Embora a sua argumentação legitime a relevância (e a finalidade comercial) deste produto editorial, mais uma vez estamos perante um editor que acumula o papel de crítico e antólogo. Ao apresentar os critérios que permitiram seleccionar e burilar os textos do segundo tomo, está claramente assumida a sua inteira responsabilidade sobre a compilação e a organização das composições.

Neste sentido, o editor portuense reitera a morosidade dos “trabalhos e fadigas” (p. 6), porquanto os manuscritos se encontravam dispersos, muitos deles com “erros, alteraçõens, e variantes” (*ibidem*), sob autoria alheia ou a circular em cópias duvidosas. Salaria ainda que o árduo labor de fixação dos textos manuscritos (“confrontallos, revellos, emendallos”) lhe custou “muitas jornadas, para desencantar do centro de diferentes gabinetes estes preciosos tesouros” (p. 7).

Farropo menciona explicitamente que não recorreu “para este fim ao próprio A., por saber a sua grandíssima indiferença para a gloria da Poesia” (*ibidem*), sugerindo que Paulino Cabral teria pouco interesse em publicar e organizar as suas poesias num volume

impresso.<sup>7</sup> Afastada a intervenção do autor, a obra publicada resulta, destarte, da soma dos esforços pessoais de Bernardo António Farropo e alguns amigos, “curiosos literatos, e de bom gosto”, que o ajudaram a tornar publicáveis (“pôllos em estado de aparecerem”, p. 7) as *Poesias* do Abade de Jazente. Demonstra, como vimos, que o acervo literário compilado foi um exercício antológico da sua autoria, florilégio esse que reúne as “melhores flores” de Paulino Cabral.

No fecho do preâmbulo, o editor desfere um derradeiro lance comercial, afirmando que ficam em seu poder “mais algumas obras do Abbade Paulino, as quaes juntas com algumas novas, que for produzindo, poderaõ formar um terceiro volume” (p. 10). Na advertência final, subsequente ao índice (em lugar de cólofon), reitera a ideia, afirmando que possui mais versos “para dar ao Prelo” e que, contrariamente ao anunciado, não apresenta ainda, neste volume, as prometidas poesias de Teodoro de Sá Coutinho<sup>8</sup>.

O prometido terceiro volume nunca chegou a ser publicado e desconhecemos se chegou a ser organizado. Júlio Brandão fez um ensaio em torno de um “volume de versos inéditos (quasi todos sonetos) do Abade de Jazente, escritos nos últimos anos da sua existência” (1923, p. 48). Todavia, não encontramos nenhuma outra referência a este volume desconhecido, nem sabemos se, existindo de facto, se trataria de um esboço do terceiro volume de *Poesias* ou, eventualmente, uma organização autógrafa, o que nos parece igualmente implausível. No *Dicionário Bibliográfico*, Inocêncio Francisco Silva afirmou ter visto poesias inéditas, mas acrescenta que “a maior parte são totalmente impróprias para o prelo” (vol. VI, 1862, p. 359).

Nas considerações preambulares à obra de Paulino Cabral, pudemos verificar a função de exórdio retórico que estes elementos paratextuais encerram, designadamente os prólogos dos dois tomos de *Poesias* (Farropo, 1786; Farropo, 1787). Ambos os textos contêm uma reflexão crítica bastante pertinente sobre algumas

---

<sup>7</sup> Há críticos que fundamentam a justificação do desinteresse do Abade, através dos seus próprios versos: “Ó vós, que apeteceis, os que algum dia / Versos cantei de amor; vós por piedade / Deixai ficar em muda escuridade / Delírios vãos da vaga fantasia” (I,159).

<sup>8</sup> Segundo a nossa pesquisa, nunca chegaram a ser publicados mais poemas de Teodoro de Sá Coutinho, além daqueles que compõem a referida “Controvérsia”, no Tomo II, e uma composição apresentada no *Cancioneiro Alegre*, de Camilo de Castelo Branco.

questões editoriais, exibindo ao leitor preocupações relativas à selecção e organização do *corpus*, apresentação das fontes, decisões metodológicas e recepção da obra.

Através de Inocêncio Francisco da Silva, ficamos a saber que, embora publicado com a respectiva licença prévia da Real Mesa Censória, “o Tomo II da edição de 1787 (...) fôra prohibido, e não sei se mandados recolher os exemplares por editar” (vol. VI, 1862, p. 359).

O *Alvará Régio* de D. Maria I, de 14 de Dezembro de 1789, produzido pela Régia Officina Typografica, que anexamos integralmente no final desta Dissertação (Anexo A), elencou os seguintes argumentos para a proibição de circulação da obra:

E porque finalmente me constou, que no segundo tomo da Obra (...) se haviam clandestinamente introduzido algumas Obras escandalosas, e por todos os títulos indignas da luz pública: Sou servida pelos mesmos motivos ponderados Ordenar, que o dito segundo tomo seja entregue na Secretaria da mesma Real Meza no preciso termo de trinta dias, para ser expurgado das ditas Obras, e poder depois correr: Ficando aliás prohibida toda, e qualquer Pessoa de vender, reter, ou por qualquer modo espalhar o mesmo livro sem estar expurgado, debaixo das penas já cominadas.

De acordo com o *Inventário* de Francisco Topa (1998, p. 23) a edição *princeps* de *Poesias* do Abade de Jazente, nos seus dois tomos, contempla 397 textos, estando 367 atribuídos ao nosso poeta, 28 a Teodoro de Sá Coutinho e 2 textos anónimos. Os textos estão repartidos da seguinte forma: glosas em décimas espinelas – 3; letras – 2; liras – 1; odes – 1; poemas em décimas espinelas – 6; poemas em oitava rima – 1; romances decassilábicos – 6; romances heptassilábicos – 1; sonatas – 2; sonetos – 340; outros poemas – 2; textos em prosa – 2.

Quanto às composições de Teodoro de Sá Coutinho, temos a seguinte distribuição: sonetos – 27; silvas – 1.

Os dois poemas anónimos são sonetos.

## I.2. Fortuna editorial: Obra completa e antologias

Para Francisco Topa, “o sucesso da poesia de Paulino Cabral (1719-1789) não viria a sobreviver à morte do autor, ocorrida dois anos após a publicação do segundo volume, verificado o escasso número de edições posteriores” (1998, p. 9). Na verdade, embora numa média de duas edições por século, são pouco numerosas as edições existentes e as antologias produzidas.

Neste seguimento, passamos a apresentar, sucintamente, a pequena “história bibliográfica”<sup>9</sup> de *Poesias* do Abade de Jazente, por forma ao leitor desta Dissertação conhecer mais a fundo a obra e as suas sequelas, partindo assim de um diagnóstico real.

A segunda edição de *Poesias* foi publicada, em 1837, também no Porto, pela Tipografia Rollandiana, composta por dois volumes no pequeno formato *in 16<sup>o</sup>*. O livreiro Francisco Rolland manteve o título da *editio princeps*, contudo o primeiro tomo viu o seu *corpus* aumentado à custa do segundo, conforme detectou Inocêncio Francisco da Silva: “deu-se nova collocação aos versos, reunindo ao Tomo I uns sessenta e tantos sonetos, que haviam entrado no antigo tomo II” (1862, p. 359). Na sua análise comparativa, o bibliógrafo acrescenta que “Nesta edição (correcta, como o são geralmente as d’aquella typographia) cortou-se, não sei porquê, o prólogo que andava à frente do tomo II” (*ibidem*), facto que confirmado ao consultar a obra na Biblioteca Nacional de Portugal. No confronto entre as duas edições, verificámos ainda a ausência da advertência final de Bernardo António Farropo, no Tomo II, provavelmente porque, quarenta anos depois, não faria mais sentido publicitar um terceiro volume que nunca chegou ao prelo.

Maria Luísa Malato Borralho explica que a poesia de salão e de tertúlia do final de Setecentos deixou de ser central no século XIX, onde o valor da poesia escrita e impressa ganhou maior relevância, fruto de circunstâncias sócio-políticas também diferentes. Destaca ainda que alguns homens de letras, “poetas que conheceram as duas sociedades”, entre a década de 20 e 60 de Oitocentos, se dedicaram a publicar

---

<sup>9</sup> Expressão de Miguel Tamen (1983).

“textos de amigos e conhecidos, já falecidos”, o que pode ter acontecido no feliz (a) caso da publicação da 2ª edição de *Poesias*, em 1837 (2004, pp. 72-73).

A terceira edição da obra teve lugar em Lisboa, no ano de 1909, pela mão de Júlio Castilho, com a novidade de integrar um “Estudo sobre a Vida e as Obras do Abade de Jazente”, um dos mais significativos até hoje escrito: “sai agora a 3ª [edição], completada de um estudo sobre a vida e pessoa interessante do Abbade” (Vol. I, p. 5). Na “Advertência dos editores”, preâmbulo à sua edição, o editor clarifica os critérios e orientações filológicas que nortearam o seu trabalho, e aponta aquilo que diferencia aquela das edições anteriores. Menciona que a ordem das peças é a mesma da primeira edição, introduzindo, porém, algumas alterações: uniformiza a ortografia, suprime as “absurdas maiúsculas iniciais dos versos” e corrige “alguns pequeninos lapsos, quer typographicos quer metrificatorios, que o Poeta haveria sem dúvida emendado com meio minuto de atenção” (*ibidem*). Não obstante este esforço filológico, Castilho adiciona novidades às obras em questão: deu títulos inéditos a cada um dos poemas, atribuiu uma numeração a cada um deles, “para maior facilidade nas buscas”, e acrescentou “um índice minucioso, que é sempre útil em qualquer obra” (*ibidem*, pp. 5-6).

A quarta edição de *Poesias* foi organizada por Miguel Tamen, em 1985, quase duzentos anos após a primeira<sup>10</sup>, exibindo o “*texto integral da 1ª edição*” num único volume, devidamente compartimentado. No *Roteiro* de estudo e antologia que precedeu esta edição (1983), Miguel Tamen pronuncia-se sobre os critérios filológicos que regeram o trabalho:

Segui, portanto, a primeira edição, tendo emendado apenas a ortografia. Conservei a pontuação, o que, por vezes, compreensivelmente, dificulta a leitura. Corrigi algumas gralhas claramente tipográficas. Eliminei os títulos que Castilho introduziu e Viana conservou. (...) Identifiquei cada texto com um algarismo romano e um algarismo árabe,

---

<sup>10</sup> Francisco Topa (1998) afirma que existem cinco edições das *Poesias*, contando a Antologia de Mário Gonçalves Viana (1944) como a quarta edição das *Poesias* (p. 9). Não concordamos com essa relação de edições, uma vez que Viana publicou uma antologia e não uma edição completa. No nosso entender, a 4ª edição é a de em 1985, editada por Miguel Tamen.

que remetem, respectivamente, para o tomo e a página da primeira edição.<sup>11</sup> Mantive todas as notas (1983, p. 23).

Esta edição integra um ensaio introdutório intitulado “A insignificância do Abade de Jazente” (Tamen, 1985), que dá seguimento às propostas de leitura do *Roteiro* de 1983.

No âmbito da evocação ao II Centenário das Invasões Francesas e da morte do poeta, a Câmara Municipal de Amarante prestou homenagem ao seu conterrâneo, editando, em *facsimile*, a *editio princeps* de *Poesias*, em dois volumes in 8º (2009), correspondendo à quinta edição de *Poesias*.

No que se refere ao género antologia, algumas delas terão igualmente contribuído para a perpetuação de alguns poemas de Paulino Cabral entre os leitores subsequentes ao poeta. A par das antologias, destacamos igualmente a importância dos ensaios críticos e o aparecimento do nome do Abade nas entradas lexicais dos Dicionários Literários, o que contribuiu igualmente para a acuidade e recepção da sua obra poética, nos tempos subsequentes, em particular ao longo do século XX.

A mais antiga antologia de que temos conhecimento, onde se encontram reunidos alguns poemas de Paulino Cabral, é o *Cancioneiro Alegre* de Camilo Castelo Branco, publicado em 1879 (pp. 181-198), praticamente cem anos após a *primeira edição*.

A primeira antologia constituída exclusivamente por composições do Abade foi publicada em 1944, pela mão de Mário Gonçalves Viana, no Porto, também autor do “Ensaio preambular” que precede a antologia (pp. 5-86). É, a par do *Estudo* de Castilho (1909), um dos trabalhos mais relevantes sobre o poeta amarantino.

Ao organizar o seu “florilégio” abacial, Mário Viana constitui o seu *corpus*, recorrendo à edição de Castilho com títulos, e acomoda as suas flores em “Rubricas ou

---

<sup>11</sup> Sublinhado nosso, em razão de lembrar que, nesta Dissertação, iremos identificar as composições, de acordo com esta proposta (e.g. I, 35).

Assuntos, de maneira a tornar possível, ao leitor, seguir, passo a passo, a evolução psicológica do Abade de Jazente” (p. 87). Pretende, dessa forma, “compreender [e expor] as diversas fases da intensa vida interior de Paulino António Cabral, nas suas relações com a sociedade onde viveu” (*ibidem*). Esta disposição em núcleos temáticos resulta da reflexão crítica que Viana estrutura ao longo do seu estudo, sendo que as composições jazentianas seleccionadas estão organizadas nas seguintes “Rubricas”: “Ironias e sátiras”; “Amores humanos”; “Nize, símbolo de amor”; “Crítica de costumes”; “Os tratamentos da época”; “Visões rústicas”; “A amizade aos cães”; “Meditações filosóficas”; “A vida e a morte”; “Decepções e arrependimentos”.

Em 1983, Miguel Tamen apresenta uma antologia igualmente temática, precedida de um *Roteiro* onde apresenta grandes matérias de estudo, numa conceptualização de maior envergadura, que ultrapassa a discussão costumeira do que é biográfico ou ficcional nos versos do poeta.

O académico parte da intenção de não definir a poesia de Paulino Cabral num “momento, corrente ou modelo literário do século XVIII” (p. 31) e reúne os poemas em “famílias de texto” (p. 23), de onde emerge uma proposta inovadora. Partindo do pressuposto de que a poesia do Abade reorganiza o passado e a tradição (p. 33), a poesia do clérigo maronês é organizada em torno de uma tripla funcionalidade, ou melhor, em torno de um mesmo mal que se instala em três “regiões bem localizadas”: no corpo, nas coisas em geral e na paisagem, consubstanciando três tipos de doenças: “doenças do Corpo”, “doenças das Coisas” e “doenças da Paisagem”. Como teremos oportunidade de explicar, estas enfermidades representam “a exibição de uma degradação em progresso” (p. 34).

Na bibliografia anexa, é possível consultar outras antologias que incluem poemas de Paulino Cabral.

Uma vez enquadradas estas questões preambulares, passamos agora ao estado da arte, capítulo onde serão cotejados os estudos críticos sobre a poetização da velhice, na obra de Paulino Cabral.

## CAPÍTULO II

### A problemática da velhice no conjunto das *Poesias*:

#### Crítica e proposta de leitura

A velhice não é a conclusão necessária da existência humana.

Simone de Beauvoir, *A Velhice* (1970)

No presente capítulo, pretendemos abordar a forma como a crítica se aproximou do tópico da velhice, na obra do Abade de Jazente. O modo como a figuração da senioridade é aqui representada servirá de base à nossa reflexão posterior. Neste apartado, procuramos preparar uma moldura teórica que promova uma leitura mais abrangente do autor, quer do ponto de vista da “technê”, quer do ponto de vista semântico.

No final do capítulo, apresentaremos, de forma mais detalhada, a nossa proposta de análise e interpretação.

#### II.1. A crítica baseada na biografia

As principais orientações dos estudos críticos que fazem menção à questão da senescência na obra de Paulino Cabral presumem, sobretudo, fazer coincidir a criação poética com a biografia do poeta. Consideram, por isso, que um poema que vincula o tópico da velhice ou do envelhecimento terá sido escrito pelo Abade nos seus últimos anos de vida, traduzindo, por isso, a sua experiência e história pessoal.

A primeira referência sobre esta matéria é feita, precisamente, no Prólogo de Bernardo Farropo ao segundo volume de *Poesias*. Ao apresentar a organização da obra, explica que

Principiará este Volume pela graciosa controvérsia da idade entre o nosso A., e Theodoro de Sá Coutinho, na qual Paulino moteja a Theodoro de velho, e este chamando burro a Paulino, afirma, que aquelle, bem que mais moço, vem a ser mais velho, que elle Theodoro, porque hum burro aos quinze anos he velho, quando um homem apenas aos sessenta. (1787, p. 9)

A alusão à “Controvérsia entre Paulino Cabral de Vasconcelos, e Teodoro de Sá Coutinho de Azevedo, a respeito da idade”, tem sido, de resto, bastante mencionada pela crítica, por se tratar de uma das grandes peças poéticas sobre a velhice e o confronto geracional, como veremos.

No seu *Cancioneiro Alegre*, Camilo de Castelo Branco deduz que o Abade reflecte na sua poesia as agruras da própria velhice, começando pelas questões amorosas. Diz o escritor que “Passava dos sessenta anos, quando [Paulino Cabral] sentiu nevarem-lhe no coração estas frialdades” (1887, p. 187) do amor e despede-se de Nize no soneto “Adeus, Nize gentil: a minha idade”.

Camilo sugere ainda que, através dos seus versos, se percebe que o velho Abade, “Gemeu os restantes anos da vida em pobreza” (*ibidem*) por causa do vício do jogo, vendo-se obrigado a “renunciar o seu benefício, e ausentar-se do teatro das suas fragilidades senis” (*ibidem*). No entanto, não só lamenta a sua idade, como também ridiculariza a figura feminina no soneto “Senhora Nize, a verde mocidade / Já lhe disse adeus, tenha paciência” (p. 185), pelo facto de esta gostar de “reverdecer em danças com cadetes e peraltas” (*ibidem*), o que o sujeito poético entende não ser prática para a sua idade. A crítica termina, sugerindo que nas composições do Abade “não há raio de graça celestial nem toque de contrição; mas há bastante exemplo para vigários portugueses” (p. 188).

Embora o “Estudo” de Júlio Castilho (1909) constitua um avanço significativo nos estudos críticos sobre *Poesias*, parte da sua linha interpretativa presume igualmente alguma relação entre a biografia e a criação poética, reflectida, nomeadamente, na utilização recorrente do verbo “inferir”<sup>12</sup>, quando relata conexões entre os versos e vida pessoal do poeta. Num desses momentos, infere que o Abade, já sexagenário,

---

<sup>12</sup> Vide, por exemplo, pp.226-227.

terminando a sua carreira por motivo de doença grave que o impedia de cumprir os seus deveres paroquiais (p. 242), escreve os seus poemas da velhice, que descrevem as suas perdas, sendo, por essa razão essencialmente melancólicos e pessimistas. Em relação à “Controvérsia” com Teodoro de Sá Coutinho, resume esses versos a “gracejos sobre a idade dos dois” (p. 228), onde Paulino aponta de forma chistosa os prolectos anos do amigo.

Apesar deste viés, Castilho é o primeiro crítico a sugerir que muitas das “peças literárias que tomamos como pessoalíssimas, não passam de ensaios de rima, peloticas técnicas, imitações, desabafos em horas feriadadas, modas, ou valentias e fanfarronadas de solitário” (1909, p. 237), postura que o deixa “absolver o viver do Abade de todos os desmandos da sua penna; desmandos, sim, mas nunca torpezas” (p. 241). É Castilho também o primeiro a oferecer ao leitor uma biografia alicerçada numa pesquisa documental<sup>13</sup> (cf. pp. 200-201) e testemunhos pessoais (que considera) idóneos. Pese embora o seu empenho e o alcance pioneiro do seu “Estudo”, continuaram a existir múltiplas lacunas biográficas que apenas podem ser preenchidas por conjecturas ou por suposto biografismo.

Em 1914, Firmino Pereira retoma uma leitura que, além de biografista, encerra uma tonalidade bastante moralizante sobre o autor e a obra. Menciona que Paulino Cabral, o “mais galante dos padres que então frequentavam as salas nobres e os logares onde se reunia a elegância feminina do último quartel do século XVIII”, “o padre peralta efeminado e dengoso” que “Achava a vida encantadora e tratava de a gosar o mais amplamente possível”, o “Epicurista amável e festivo, [que] gostava de mulher e boa mesa” (1914, p. 276), não tinha qualquer preocupação com a salvação da sua alma (p. 288). Neste ensejo, coloca o Abade no seio das sociabilidades lúbricas entre a Igreja e as “sécias” que frequentavam as fontes do Porto, acusando-o de libertinagem e comportamentos impróprios à sua condição de sacerdote. Além de encerrar algumas contradições conceptuais na sua análise (um epicurista tem necessariamente de gostar

---

<sup>13</sup> Para (re)construir uma biografia do poeta, informa que usa diversos documentos, nomeadamente: registo baptismal, documentos com assinaturas autógrafas, registos do cartório paroquial, documentos da “*Camara Ecclesiastica do Bispado do Porto*”, o “*cartório genealogico*” do Visconde de Sanches Baêna, o termo do óbito, “*processos de habilitação*”, entre outros.

de mulher e boa mesa?), o crítico não fundamenta as suas observações, tratando-se de uma incriminação gratuita ao autor, travestida de preocupação literária.

Diz ainda Firmino Pereira que, nos seus últimos anos, já velho e doente, o poeta rejeitava os convites dos amigos do Porto (p. 289), embora a sua vida campesina representasse um tédio que o entristecia, demonstrando na poesia que escrevia. Por outro lado, “A sós com a sua enfermidade o Abade-poeta, irritou-se e azedou-se” (p. 290), começando a escrever sátiras maldosas sobre aqueles com quem tinha convivido mais proximamente<sup>14</sup>. Neste entendimento, a poesia satírica jazentiana resulta, não de um óbvio jogo literário muito habitual nas sociabilidades setecentistas, mas da revolta do Abade contra a velhice e a doença que o assola nos últimos anos de vida, interpretação crítica muito forçada e pouco verosímil.

Júlio Brandão trouxe novidades à crítica, em 1923, ao relatar que teve acesso a um volume inédito com “*Os últimos versos do Abade de Jazente*” (título do ensaio), através do seu amigo Abílio de Magalhães Brandão. Refere, no entanto, que este conjunto poético “*em nada adianta aos outros*” (p. 48), na medida em que encontra “o mesmo poeta satírico, de veia fácil, em que o verso, em especial o soneto, é frequentemente esbelto – sem as maçadorias mitológico-gongóricas, sem as lampreias de ovos gratulatórias, sem as farfalhices da época” (*ibidem*). Reitera a sua aceção biografista da obra, argumentando que o Abade não é árcade, porque é sincero, numa clara confusão conceptual. Este inédito representa, para o crítico, a psicologia e a vida do poeta nos últimos anos da sua existência (*ibidem*), porquanto exhibe

o homem já valetudinário e pobre – a olhar para o passado resplandecente, de que se afastara com dor de Boabdil, a ver sumir-se, num crepúsculo de oiro e purpura, a sua maravilhosa Granada... É por isso um livro edificante e de tristezas – em que o riso nos parece um bando de aves arripiadas a fugir do granizo. (p. 49-50)

Para ilustrar o matiz da poesia da velhice, Brandão cita o soneto “Ora o jogo, ora a pesca, ora o pesadelo”, que não consta em nenhum dos dois volumes conhecidos de *Poesias*, e resgata a ideia ovidiana de exílio e o conhecido binómio passado glorioso vs.

---

<sup>14</sup> “Na hora cruel da velhice, Voisenon também rabujou contra aqueles que o encheram de carícias. Paulino Cabral, porém, foi mais longe. Satirizou-os, trocou-os, arranhou-os, feriu-os” (*idem*, p. 290).

presente triste, razão pela qual denomina o volume de “livro elegíaco” (p. 52). Numa leitura igualmente moralizante, termina afirmando que há nesse volume muito poucos versos de “compunção e arrependimento” (*ibidem*).

Na verdade, o volume mencionado nunca foi visto ou sequer mencionado por nenhum crítico, desconhecendo-se a sua real existência. Em 1998, quando Francisco Topa apresenta um *Inventário das Fontes Testemunhais* dos poemas de Paulino António Cabral e Teodoro de Sá Coutinho chegou à mesma conclusão: “Basta de resto dizer que não lográmos encontrar o volume a que Júlio Brandão faz referência (p. 13).

Balbino Carvalho e Artur Magalhães Basto (autor convidado pelo primeiro) dedicaram também algum tempo à obra do Abade, em 1943, embora só em 1955 a obra tenha sido coligida e publicada. Contém alguns artigos de Jornal escritos por Magalhães Basto e uma “Conferência” que Balbino Carvalho proferiu no Salão Nobre da Câmara Municipal de Amarante, no dia 9 de Maio de 1943, em homenagem ao Abade.

Magalhães Basto começa por elogiar o estudo de Júlio Castilho e ataca ferozmente os trabalhos de Arnaldo Gama, quando criou uma personagem homónima ao Abade, em *Um motim há cem anos. Crónica Portuense do século XVIII*, de 1861, e Firmino Pereira, que denegriram a imagem do poeta e a moral do sacerdote.

Não obstante, em alguns momentos o crítico cedeu igualmente ao simplismo da leitura biografista dos poemas, no âmbito temático da senescência. No final do seu terceiro artigo de Jornal, Magalhães menciona que o “Abade estiolava e envelhecia em Jazente” (1955c, p. 29), construindo uma narrativa de velhice decrépita e trágica, provada poeticamente. Para suportar esta leitura, cita algumas composições que, para si, descrevem o triste fim de vida de Paulino Cabral: “Aqui onde me trouxe o duro fado”; “O jogo, o amor, a mesa, as musas belas”; “Ó vós, que apeteceis, os que algum dia”; “Sobre a frente o cabelo arrepiado”; “Adeus, Nize Gentil; a minha idade”; e “Eu que tive prazer, tive alegria”.

Mário Gonçalves Viana é, a par de Júlio Castilho, um dos estudiosos mais prolíficos da poesia do Abade de Jazente, tendo publicado, como vimos antes, a primeira antologia exclusivamente constituída por composições do Abade Jazente. No seu

“Ensaio Preambular”<sup>15</sup>, vai refundar a biografia do poeta, permeando-a de questões relativas às suas sociabilidades, a estadia no Porto, as críticas pouco edificantes e a apresentação do seu lado poético sentimental (“O drama íntimo do Abade de Jazente”). Sustentando boa parte da sua interpretação nos versos do sacerdote amarantino, conclui que, apesar de engendrar “amores de imaginação e puramente fantasiosos” e utilizar mistificações literárias muito comuns na sociedade do século XVIII (1944, p. 79), “Paulino Cabral era uma alma complexa: desdobrava-se em diversos eus poéticos” (p. 66), que no fundo reflectem a sua vida pessoal.

Apesar do relativo salto qualitativo do seu estudo, que veremos seguidamente, Gonçalves Viana recorre normalmente à biografia do Abade para justificar algumas tonalidades poéticas. Vejamos um exemplo: ao longo do ensaio, refere que o Abade folgoso e alegre se tornou “um velho alquebrado, para quem a vida constituía um duro fardo” (p. 12); o poeta, “alegre frequentador de serões e tertúlias, deixa de rir, deixa de fazer versos alegres” (p. 60) e encerra “a sua carreira risonha, de crítico de costumes folgoso e implacável” (p.58). É neste momento, diz Viana, que se ergue o homem velho das meditações, das “verdades singelas” (título de uma composição poética, no final do Tomo II) e das introspecções filosóficas.

No seu ensaio de interpretação, alguns dos *poemas da velhice* vão integrar os seguintes núcleos temáticos: “Meditações filosóficas”, “A vida e a morte”, “Decepções e arrependimentos”. Apesar de “perdoar” o poeta pelos seus “deslizes e erros” (p. 86), a sua pesquisa teve por objectivo “tornar possível, ao leitor, seguir, passo a passo, a evolução psicológica do Abade de Jazente” e “compreender [e expor] as diversas fases da intensa vida interior de Paulino António Cabral” (p. 87).

Alguns anos mais tarde, Jacinto do Prado Coelho retoma a leitura do poeta e, a propósito do “seu triste envelhecer” (1969, 132), assinala que é possível encontrar nas “confidências”<sup>16</sup> do Abade uma reacção temperamental “ao correr dos anos, aos

---

<sup>15</sup> Capítulos do seu “Ensaio Preambular”: “Notícia biográfica”, “A Obra do Abade de Jazente”, “O Abade de Jazente e a cidade do Pôrto”, “Os amigos do Abade de Jazente”, “O Abade de Jazente, folgoso e crítico de costumes”, “O drama íntimo do Abade de Jazente”, “¿O Abade de Jazente seria um perverso?” e “Antologia”.

<sup>16</sup> A palavra citada foi retirada do título do ensaio: “As confidências do Abade de Jazente” (1972).

desgostos também, ao tédio, à doença, aos problemas de consciência, à dor sem cura de envelhecer” (1972, p. 121). Considera, inclusivamente, que “Os poemas francamente originais do ciclo ‘nefando’ se situam na velhice do Abade” (p. 124), sugerindo, portanto, que os mesmos remetem para a experiência pessoal do poeta.

A *História da Literatura Portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, compreende Paulino Cabral numa síntese sobre a Arcádia Portuense, onde figura junto a João Xavier de Matos, poeta que terá frequentado os mesmos saraus literários do Paço Episcopal. É mencionado que a obra poética do clérigo maronês foi esquecida por “moralismo deslocado” (1975, p. 694) e que, além dos seus versos constituírem importantes “depoimentos históricos”, “o que há de mais vivo na sua obra é o diário da própria vida íntima, que não se limita a quadros arcádicos de ninfas durienses” (ibidem), como o próprio editor Bernardo Farropo evidenciou nos prólogos de *Poesias*. As preocupações poéticas do Abade em relação à anciania estão sobretudo ligadas aos temas da “morte que nunca mais chega, o martírio de sobreviver à velhice caquética e à doença” (p. 695), vivências pessoais que aturdiram o velho Abade.

À semelhança de Camilo Castelo Branco, Francisco Miranda de Andrade (1979) elogia a sinceridade de Paulino Cabral, seja em matéria de linhagem<sup>17</sup>, costumes ou interesses pessoais (p. 284). O autor defende o “fácies moral” do poeta, criticando aqueles que, abusivamente, o acusaram de “devassidão ou torpeza” (p. 285).

Embora a análise de Miranda de Andrade represente um salto qualitativo em relação à crítica de carácter biografista, reitera a “sinceridade” poética do autor, uma vez que a sua vida pessoal - a sua renúncia ao cargo, já sexagenário, a doença e os últimos anos retirado em Amarante (p. 286) – denuncia o seu enfado pela vida rural, o tédio e o aborrecimento de viver a sua velhice.

Segundo o crítico, as últimas composições do segundo volume (“Odes ao Outono”, “Liras” e “Advertências Morais”) dão conta de temáticas ligadas à brevidade da vida e à proximidade da morte, versos esses ditados pela “longa experiência de vida” (p. 294). Miranda de Andrade refere, por fim, que nos seus últimos anos as saudades da

---

<sup>17</sup> Cita, a este propósito, o mesmo soneto que colocámos no início do Capítulo I: “Um dos meus avós foi mercador”.

vida social do Porto, do amor e das suas musas determinaram que a sua voz lhe saísse “em cantos tristes, em prenúncios funestos, desalentada e saudosa” (ibidem), mencionando dois sonetos de Jazente: “Adeus! Já basta, Amor: a mocidade” e “Musas, adeus, e adeus eternamente”.

O tema da anciania é retomado, de forma muito breve, por Ofélia da Paiva Monteiro, que sintetiza a perspectiva que estamos a explorar, associando a poesia do Abade de Jazente à sua biografia. Diz-nos que os poemas reflectem um homem que “sofre, sobretudo com o avançar da idade, de solidão, tédio e desengano”, e tenta demonstrar que o poeta “assiste com lucidez à voragem do tempo e à sua própria decadência senil”, citando um dos poemas da Controvérsia: “Já, Teodoro, o cabelo me embranquece” (1995, p. 3). Com efeito, e veremos isso no lugar próprio deste trabalho, esta é uma das composições referenciais da problemática da velhice na obra de Paulino Cabral.

## **II.2. A crítica de configuração (mais) literária**

Se no apartado anterior elencámos uma plêiade de críticos que remetem a experiência poética da velhice à primeira pessoa do poeta, prosseguimos agora para um conjunto de estudiosos que privilegia mais o texto e a criação poética do que a biografia de quem escreve. Deixamos as considerações que concebem a reflexão poética como meditação autobiográfica, para incidirmos sobre aquelas que a entenderam como ficcionalização literária, expondo assim uma construção crítica que se foca essencialmente na linguagem poética, ou na sua *technê*, e nas questões relativas à anciania.

Como vimos anteriormente, Balbino Carvalho e Artur Magalhães Basto dedicaram-se à obra do Abade e grande parte dos seus argumentos, que confrontam o binómio biografia vs. poesia, propõem uma análise que ultrapassa o biografismo suposto. Carvalho salienta a “falta de verdade” da narrativa de Firmino Pereira,

porquanto as suas descrições e a caracterização do Abade são exageradas, e acrescenta mesmo que o crítico se preocupou muito mais com “o padre do que [com] o literato” (1955, p. 55). Ora, julgar a sua poesia “só porque era padre (...) parece-me grande injustiça” (p. 53).

Tanto no prólogo como nos três artigos coligidos<sup>18</sup>, Magalhães Basto defende a integridade moral de Paulino Cabral, depreciando as leituras biografistas de Arnaldo Gama, Firmino Pereira e Júlio Brandão, que “não tiveram outro fundamento, para apresentarem o Abade de Jazente como o apresentaram, senão o que leram nos seus versos do Poeta. Nada citam; em nada se baseiam, a não ser nas Poesias” (1955a, p. 8). Por esta razão, a figura de Paulino Cabral é passível de ser objecto de elogios por parte de quem vê o poeta, e maiores reticências por parte de quem não separa o poeta do eclesiástico (1955a, p. 7). Menciona ainda que “Só as Poesias não bastam. Não se sabe se muitas delas representam, como não é impossível, simples brincadeiras fantasistas, sem qualquer valor autobiográfico” (pp. 8-9).

O argumento mais contundente resultou da proposta de Magalhães Basto, a problemática da datação dos poemas, que vem expor a falibilidade da leitura de índole biografista: “Ainda que alguns desses versos traduzam a verdade pura, o seu significado, para o caso de Paulino Cabral, varia muito conforme a época em que tivessem sido escritos – e eles não estão datados” (1955a, p. 9). Por conseguinte, se os versos mais sensualizados fossem autobiográficos, poderiam muito bem ter sido escritos em “época anterior à sua elevação a Abade de Jazente, em 1752”, por exemplo; ou então poderiam resultar das “verduras da mocidade, desse tempo em que residiu no Porto, na Rua Chã, com o seu Pai, e era poeta querido e festejado nos serões literários do magnífico Prelado D. Frei José Maria da Fonseca e Évora” (1955d, p. 28). Este fundamento, assim como a grande incerteza relativa a algumas datas e acontecimentos da vida de Paulino Cabral<sup>19</sup>,

---

<sup>18</sup> Os três artigos constantes no livro foram publicados na secção “Falam velhos manuscritos” d’ *O Primeiro de Janeiro*, periódico portuense que esteve à responsabilidade do autor cerca de duas décadas, de acordo com informação recolhida em

[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20artur%20de%20magalh%C3%A3es%20basto](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=docentes%20e%20estudantes%20da%20primeira%20flup%20-%20artur%20de%20magalh%C3%A3es%20basto)

<sup>19</sup> Pensemos, a este propósito, na diversidade de opiniões sobre as estadias do Abade no Porto: há quem defenda que seria frequentador assíduo dos salões antes de ser nomeado para a Paróquia de Jazente; há

tornam bastante dubitável uma leitura puramente biografista dos seus versos, levantando sérios problemas de plausibilidade às teses que insistem nesse viés.

À semelhança do que fez Castilho no seu “Estudo”, Magalhães Basto e Balbino de Carvalho justificam as apreciações sobre alguns episódios da vida pessoal do Abade, recorrendo à consulta de documentos oficiais. O primeiro consultou “os assentos do livro paroquial”, encontrando-os regularmente assinados pelo seu Abade (Basto, 1955d), debilitando o argumento de que Paulino Cabral passaria longas estadias no Porto. Balbino defende que, naturalmente, Paulino Cabral se ausentaria para visitar o Porto, uma vez que tinha um coadjutor na paróquia de Santa Maria de Jazente, todavia “nesses livros do arquivo paroquial, é rara a intervenção do coadjutor, a não ser que fosse mais frequente nos nascimentos, casamentos e óbitos, que não pude consultar” (1955, p. 46).

Na conclusão da “Conferência” de 1943, afirma que não quer ostentar “um poeta asceta e místico, mas neste caso deverá existir um lugar intermédio, entre o ascetismo e a libertinagem”, “desde que, seriamente, se procure analisar, sem exageros, o homem e a sua obra” (*ibidem*). Na verdade, não existem fontes epocais fidedignas que possam corroborar a “vida irregular e sem virtudes” (p. 58) do Abade Paulino, pelo que também “aproveitar os seus versos para ao invés de, por eles, lhe louvar o talento, condenar a sua conduta social, afigura-se-me grave injustiça” (p. 59).

Quando Fidelino de Figueiredo integra Paulino Cabral no grupo de poetas “Independentes” que escreveram sobretudo na segunda metade do século XVIII e princípio do século XIX, trata fugazmente o tópico da velhice, quando introduz um elemento de comparação: considera que o poeta vai “acordar um tema de Sá de Miranda, o contraste de envelhecer com a alternativa regular das estações” (1931, p. 253), no soneto “Primavera de um velho”<sup>20</sup>, cuja chave de ouro diz o seguinte:

Tudo alegre se vê; somente austera  
Não quis a minha sorte, que até'gora  
Chegasse para mim a Primavera.

---

quem defenda que iria ao Porto apenas de vez em quando, após a sua nomeação; e há quem afiance que abandonou Jazente para se instalar no Porto a expensas da Paróquia.

<sup>20</sup> Poema intitulado por Júlio Castilho: “Já se derrete a neve, e da montanha” (I,186).

Se em alguns momentos, Mário Gonçalves Viana seguiu o biografismo fácil, como vimos, a sua abordagem desloca-se dessa via quando se propõe elaborar uma antologia temática. Por conseguinte, constrói criticamente um inventário de “rubricas ou assuntos” onde distribui algumas composições da senioridade, nos apartados que atrás referenciámos: “Meditações filosóficas”, “A vida e a morte” e “Decepções e arrependimentos”.

Francisco Miranda de Andrade ultrapassou o biografismo anterior, onde a experiência pessoal da velhice ditava os poemas mais funestos, propondo uma linha crítica que propõe uma separação em dois tipos de poemas: os de carácter circunstancial e anedótico (a maior parte) e os de cunho especulativo e filosófico (1979, p. 287). No segundo grupo, podemos encontrar aqueles que fazem uma apologia da paz virgiliana vs o bulício da cidade, as queixas pessoais e a “instabilidade de temperamento” do poeta (p. 290). Considera ainda que alguns poemas de amor e reflexões sobre a vida, representaram assomos pré-românticos “em cujo estro vieram bater as várias correntes literárias que coexistiram no seu tempo: a barroca, a neo-clássica, a romântica” (p. 291).

O crítico observa, finalmente, que essas confidências pré-românticas se manifestaram também em composições que denunciavam “certas atitudes ou sentimentos perante a existência, [o] cansaço da vida, [o] peso da dor, [a] convicção da sua própria desgraça, [a] crueldade do destino, [a] apetência da morte...” (*ibidem*), motivos contíguos à formulação poética da velhice.

Ao elogiar Paulino Cabral pelos seus versos “correntios, desataviados, voluntariamente prosaicos” (2004, p. 305) e de grande originalidade (“soube ir ainda mais longe que o próprio Garção”), David Mourão-Ferreira recria o conceito de “poesia do quotidiano” para definir um lugar provável para o poeta na história literária do século XVIII. O crítico argumenta ainda que o Abade se despoja do “jogo de conceitos e das metáforas” barrocas, para propor uma arte poética que inscreve nos próprios versos: “O nome às coisas dou com claridade” (p. 306)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Soneto “Tem hoje a nossa Língua tal decência” (I,12).

Mourão-Ferreira menciona que são estes “quadros da vida citadina” (2004, p. 308) e campestre que se destacam nos versos prosaicos do Abade de Jazente, proposta muito semelhante à de Jacinto do Prado Coelho, ao referir que “O prosaísmo do quotidiano, quando não a facécia grosseira, distingue, quer a sua pintura da vida campesina, quer os quadrinhos em que satiriza os costumes da cidade” (1969, p. 132). Se, por um lado, o poeta apresenta poucas ou “nenhumas preocupações teológicas – e muito menos místicas – amante da boa mesa, do bom vinho, do bom ripanço, e também do próprio amor...” (Mourão-Ferreira, 2004, p. 307), por outro ostenta as “cores mais justas e as imagens mais impressivas” (*ibidem*) ao descrever a solidão campestre ou a sua amarga velhice, desvelando uma dimensão nova e outra maturidade.

Com efeito, nos últimos anos, a melancolia bateu-lhe à porta – e de maneira bem pouco piedosa, como acontece muitas vezes com aqueles que melhor souberam saborear os prazeres da existência. É então uma outra dimensão que se atinge; é então outra ‘espessura’ que, talvez sem querer, a personagem adquire” no “desencantado balanço à sua vida (*ibidem*).

Cândido Martins segue uma concepção crítica congénere, destacando que a poesia do Abade de Jazente, “ora alegre e coloquial, ora prosaica e satírica”, fala-nos de si, retrata a sociedade epocal e os “pormenores banais do quotidiano” (2001, p. 26). Mais, se é possível decifrar um ideal hedonista de fruição do maior prazer possível, existe igualmente uma filosofia epicurista da existência humana que sugere a moderação e o equilíbrio, bem plasmados no soneto “Eu como, eu bebo, eu durmo, a vida passo” (II,140).

O âmbito desta crítica ao tópos do envelhecimento vai no sentido de que Jazente “toma a poesia como forma de confiança melancólica e satírica” (2001, p. 26), explorando assim uma nova sensibilidade de teor pré-romântico, onde a escrita funciona “como confissão de sentimentos da natureza humana, poesia-confidência” (p. 28), o que nem sempre se coaduna com o equilíbrio epicurista, com a ausência de reflexões metafísicas ou com o ideal bucólico horaciano. O poeta jocoso e bem-disposto “dá lugar ao poeta meditativo e melancólico, entediado pela doença, pelas questões da sua consciência e a constatação do inexorável envelhecimento” (p. 37). Na verdade, à “serenidade apolínea” e à *aurea mediocritas* arcádica de algumas composições,

sucedem-se descrições plangentes da natureza, da existência e das vivências pessoais do poeta.

Neste conjunto de leituras críticas de feição literária, Miguel Tamen foi grande o grande responsável pelo renascer do poeta e por trazer à reflexão literária novas perspectivas sobre a obra, não obstante a sua “insignificância” (1985, p. 10). No *Roteiro* introdutório à antologia que organizou em 1983, o académico assevera que, no caso de Paulino Cabral, a crítica não deve tentar identificar modelos ou correntes literárias, porque além de ser um caminho simplista e pouco fidedigno, tudo “isto é Literatura” (p. 32).

Em primeiro lugar, no preâmbulo da sua edição de *Poesias* (1985), Tamen identifica dois problemas na obra de Jazente. Desde logo, a ausência de significado, ou seja, “algumas das coisas que escreveu não querem já dizer nada” (p. 9), e a sua “insignificância”, percebida em largos fragmentos da obra, à luz dos dias de hoje (p. 9-10). Algumas poesias satíricas e circunstanciais, por exemplo, caberão decerto nesta classificação. O crítico acrescenta, todavia, que não-sentido e insignificância não são necessariamente insignificantes ou irrepresentáveis, pelo que “Quem nos diz que precisamos aqui de uma teoria?” (p. 11). Neste ponto, a nossa concordância é absoluta, porquanto é esse o apanágio da nossa Dissertação: se não temos de construir uma teoria, por que razão não estudar o que não é representativo ou o que tem sido sub-representado? Porque não estudar o que não é canónico e tem permanecido na sombra, como se já tivesse sido tudo dito?

Partindo do pressuposto de que os modelos habituais de interpretação literária não respondem à necessidade de ir mais além ou mais fundo (barroco, neoclássico ou romântico), Miguel Tamen presume um “quadro teórico possível para uma hermenêutica do insignificante” (p. 10), não excluindo, por isso, “aquilo que não se percebe” (p. 12), crítica que desfere ao trabalho antológico de Gonçalves Viana.

Em segundo lugar, o crítico sugere que “a leitura da sua considerável produção é geralmente acompanhada de uma monotonia directamente proporcional ao número

de versos lidos” (p. 13), isto é, existe uma repetição frequente de fórmulas e versos que “geram variantes ínfimas, [sendo que] os mesmos temas recorrem, os mesmos argumentos operam” (*ibidem*), confluindo numa “monotonia, decididamente, de tipo semântico” (p. 15).

Apresentadas as premissas iniciais, é exposta a hipótese de trabalho: ao invés de encastrar a obra de Paulino Cabral no inventário periodológico do século XVIII, a sua “vontade de Literatura, que é também uma vontade de interlocução, pode sem grandes riscos ser vista como força organizadora de um passado: do passado que estava ao seu dispor” (p. 33), ou seja, partindo do conceito de tradição, Tamen defende que, em *Poesias*, a dimensão argumentativa da tradição é bastante forte e a sua força retórica traz novas perspectivas à crítica (1983, p. 33).

À monotonia semântica junta-se, portanto, outra de natureza retórica, onde o “nó temático da argumentação pode ser (...) representado pela palavra doença” (1985, p.15), conceito que introduz a grande novidade desta análise literária:

Deveríamos dizer que o Abade de Jazente nos fala de um ‘mal universal’ que se manifesta em doenças particulares. Cada doença resulta da presença desse ‘mal’ numa região. Essas regiões são três: o corpo, as coisas em geral e a paisagem. Mas cada região pode sofrer mais de uma doença. (p. 16)

Por conseguinte, existem três tipos de doenças: “doenças do corpo”, “doenças das coisas” e “doenças da paisagem”. A poesia do Abade maronês é encarada, deste ponto de vista, como a “exibição de uma degradação em progresso” (1983, p. 34; 1985, p. 16), um “espectáculo” onde se movimentam estados intermédios e sequenciais, como veremos em mais pormenor no Capítulo IV. A existência destes estados intermédios pressupõe, por exemplo, que o corpo não morre logo e, por esse motivo, pode sofrer de amor, envelhecer ou adormecer (1985, p. 16), ou seja, estes sintomas são manifestações de distintas doenças do corpo. As coisas também não se aniquilam logo, perdem sentido; e as paisagens não se desorganizam logo, arruinam-se (1983, p. 34). Cada região poderá padecer de mais de uma doença e cada uma delas compreender vários sintomas.

Neste sequência, a relação com a tradição é modificada e, no seu limite, os versos de Paulino Cabral provocam e podem culminar numa degradação conceptual e

semântica, perdendo o seu sentido tradicional: “penso que as regiões da doença do Abade de Jazente (corpo, coisas e paisagem) tendem para uma perda de sentido” (1985, p. 17).

Em relação ao corpo, Tamen identifica quatro doenças que o fazem padecer: o amor, a velhice, o sono e a morte. “Para o corpo, os problemas começam com o Amor”, sendo este percebido como um “excesso” (ibidem) e tratado de forma contraditória (dois tipos distintos): por um lado, o amor, “embora sendo doença”, não é desagradável; por outro, o amor, “porque doença”, é sumamente desagradável (1983, p. 40). É, sobretudo, a distância entre o amante e amada o que vai definir um e outro tipo de amor. No primeiro caso, existem, poeticamente, soluções epicuristas (“Engolfa-te de amor no doce abismo; / Busca o prazer; a vida alegre passa; / Logra-te enfim; que o mais é fanatismo”) que denotam a proximidade dos interlocutores. O segundo tipo está imbuído de sensações muito fortes como mortes violentas, ingurgitação, destruição pelo objecto amado ou suicídio. Surgem, neste caso, sintomas ligados a resíduos líquidos (o sangue, o veneno) ou à música, como o canto do cisne e o canto das sereias (1983, p. 42-43; 1985, p. 18).

De que forma Miguel Tamen aborda, então, a questão da velhice? Enquanto doença do corpo, a velhice funciona, neste quadro conceptual, como um *input*, mas simultaneamente como *output* das doenças do amor: “Ser velho é não ser capaz de ser amante ou dar voz à voz do corpo que diz ‘não posso’” (1985, p. 45). Esta “impotência da velhice” conjuga-se, por conseguinte, com a noção de “degradação do corpo” que nem sempre é simetricamente acompanhada por uma “degradação do desejo” (pp. 45-46). O amante vai queixar-se do corpo e faz dessa perda um espectáculo visível, quando enumera as consequências desse esmorecimento. A velhice como doença converte-se, assim,

em modo de escrever em discurso. Mas atenção: não se trata de encenar alguém a falar como um velho (o discurso não imita um tipo), mas de alguém fazer corresponder à velhice certos tipos de fala (...): como se eles viessem de uma insuficiência fisiológica. (1983, p. 47)

De acordo com este posicionamento, o único discurso que daqui decorre é um discurso sentencioso, revestido de máximas e conselhos, receitas, recomendações, fórmulas médicas, diagnósticos ou descomposturas (1983, pp. 46-47; 1985, p. 19). Às suas musas o amante relembra as “Doces lembranças da passada glória”, mas simultaneamente pede que se esqueçam, porque ele não é o mesmo.

Antes de concluir o desdobramento desta doença do corpo, o crítico realça outra singularidade da velhice na obra do Abade. Ela “é uma doença de que só quem fala sofre”, citando o soneto “Triste, só, melancólico, e doente”, incluído no conjunto poético referido. Consequentemente, a degradação do corpo parece ser comunicada também aos adereços, nomeadamente na expressão “barrete sujo”. Ao velho, foi-lhe “adjudicado um mal psicológico: a melancolia” (*ibidem*).

O sono e a morte, doenças consequentes à doença da velhice, mantêm uma relação estreita neste ciclo sequencial. Se os jovens não dormem, os velhos, por seu lado, têm sono em excesso, o que os aproxima da imagem da morte (“*Stulte, quid est sommus, gelide nisi mortis imago?*”). Destarte, “Apenas os corpos degradados se podem proporcionar uma antevisão da degradação final”, delatando assim “uma espécie de doença propedêutica” (pp. 48-49) à morte.

Maria do Rosário Pontes (2002) corrobora a conceptualização de Miguel Tamen, como o próprio subtítulo do seu ensaio anuncia: “O Abade de Jazente: uma certa interiorização da decadência”. Não obstante, destaca, na sua problematização, os “primeiros acentos de fragilidade romântica” (p. 471) de Paulino Cabral e do seu contemporâneo João Xavier de Matos, ambos pertencentes à denominada Academia Portuense. Pontes observa, assim, que a complacência na degradação dos corpos, das coisas e das paisagens contribui para uma individualidade poética, onde existe uma “interiorização / exteriorização de um sentimento muito nítido de degenerescência e até de contaminação que transforma a experiência existencial numa ausência de sentido dificilmente suportada” (p. 472).

Numa aparente leitura de pendor mais biografista, a autora refere ainda que o Abade, ao renunciar às suas funções eclesiásticas, em 1783, versa sobre “as lembranças dolorosas de um passado feliz, de prazer e de alegria, vivido numa “cabana” junto a uma

“rica ermida”<sup>22</sup>. Considera, porém, que apesar deste “epicurismo rústico” é na personagem madura que “se observam sintomas de uma consciência aguda de um ‘mal de viver’ que o Abade melhor revela a sua diferença” (p. 471), sendo essas composições verdadeiramente marcantes.

Ao “concretismo visual e auditivo” (p. 475), ao “realismo descritivo à Cesário Verde” (p.473) e ao tom chistoso de algumas produções poéticas, Rosário Pontes contrapõe os poemas que traduzem uma “obsessão da efemeridade da vida e da fugacidade do tempo”, a atenção persistente à “inexorabilidade e irreversibilidade temporais”, que se conjugam frequentemente com “reflexões amargas sobre a velhice, a vaidade humana e a própria morte” (p. 475). Na verdade, os “acordes trágicos da lira” de Paulino Cabral convertem-se, não raras vezes, num quadro que Rosário Pontes denomina de “poesia de ruínas: fúnebre, violenta, melancólica e desesperada, (...) delação de uma individualidade comovedora, porque dolorosa” (p. 477) e desesperada.

Reverendo as perspectivas teóricas sobre a poetização da senescência até agora destacadas, percebemos que os primeiros estudos assentam, sobretudo, numa concepção tendencialmente biografista, onde os versos reflectem a experiência da velhice na primeira pessoa, isto é, os poemas transpõem a vida pessoal e a experiência de vida daquele que escreve. Deste ponto de vista, tudo concorre para a existência de uma poesia de velhice nos últimos anos de vida do poeta ou, quem sabe, para a existência de traços de um “estilo tardio”, como propôs Rui Guilherme Silva num ensaio sobre a “obra tardia” de Herberto Helder (2021), argumento que não corroboramos na nossa leitura crítica.

A poesia do Abade de Jazente corresponde, nesta perspectiva, a um “diário da sua própria vida íntima”. Todavia, se esta “sinceridade” foi considerada como novidade literária epocal, é essa mesma “sinceridade” que o vai condenar para a posteridade, pela dedução falaz da uma determinada conduta imoral.

---

<sup>22</sup> Referência ao soneto “Eu, que junto à Cabana, em que vivia” (I,216).

Ao apresentarmos a perspectiva crítica de âmbito mais literário que se propõe explorar os ângulos da poética e da tópica jazentiana, onde a ficção tem um papel fundamental, estamos a dizer também que Paulino Cabral foi “um pintor da vida moderna”, *avant la lettre*, cuja observação foi posta ao serviço da sua poesia. Provavelmente sem se aperceber, o primeiro editor de *Poesias* teve uma sensibilidade crítica antecipada, porque compreendeu que a poesia do Abade seria “hum entretenimento do espírito” (Farropo, 1787, p. 7), muito mais do que a confissão sincera da sua intimidade.

Neste capítulo, foram destacadas ainda outras questões relativas à formulação poética do *tópos* da velhice na obra do Abade de Jazente, nomeadamente: a) a comparação que Fidelino de Figueiredo faz entre o poema “Já se derrete a neve, e da montanha” (I, 186) e o tema das estações do ano, em Sá de Miranda; b) as categorias temáticas propostas na antologia de Mário Gonçalves Viana; c) a dicotomia cidade / campo, amplamente discutida por Miranda de Andrade e Cândido Martins; d) a (des)integração do poeta nas diversas correntes literárias coexistentes na segunda metade do século XVIII; e) a singularidade dos “quadros da vida citadina” e campestre, que desaguam numa espécie de “poesia do quotidiano” (Ferreira, 1969, p. 308) ou a reflexão pesarosa sobre a transitoriedade da vida e o estado de degradação inerente à própria vetustez.

Referenciámos ainda a importante proposta de análise de Miguel Tamen, cujo entendimento passou por uma focalização no ponto de vista conceptual e ideológico de *Poesias*. A hipótese aventada não se ocupou tanto de questões de suposto biografismo ou de ficção poética, mas colocou a ênfase numa preocupação que, apesar de nova, não abdica do olhar crítico sobre a poética. Ao invés de arrumar o problema num adjetivo (barroco, neoclássico, romântico), o crítico propõe uma hipótese de sentido para o tipo de reorganização que a sua obra faz de um passado e da sua relação com a “tradição” (1983, p. 33).

Ser velho é ter uma “doença” que corrompe o corpo (e o espírito) que, no limite, conduz à extinção do mesmo. A degradação física, a degradação do desejo, o

esquecimento, a melancolia ou de como a velhice “se converte em modo de escrever, em discurso” são alguns dos tópicos retomaremos, ao longo desta Dissertação.

### **II.3. Questões metodológicas: Uma antologia (possível) da velhice**

Estando revistos os estudos da crítica, explicaremos agora o problema de investigação que norteou este trabalho. Em primeiro lugar, partimos de uma suspeita inicial de que o tema da velhice tinha alguma recorrência na obra poética de Paulino Cabral, o que efectivamente se verificou no estado da arte. Da mesma forma, ficou provado que a formulação poética da senescência era muito diversa e multidimensional, o que nos permitiu propor um exame, mais ou menos original, para as figurações da velhice, em *Poesias*.

Do ponto de vista literário, percebemos também que, por vezes, os poemas citados pela crítica para fundamentar a reflexão poética sobre a velhice não demonstravam evidências textuais concretas onde o “discurso” pudesse ser atribuído, poeticamente, a um velho ou estivesse a ser produzida uma meditação inequívoca sobre a velhice. Ao invés, alguns estudos optaram por inferir a temática a partir de elementos mais periféricos ou indiretos.

Por outro lado, percebemos ainda que a crítica não é tendencialmente monográfica. Pelo contrário, tenta abranger uma diversidade de tópicos que, por vezes, deixa muitas questões em aberto, sem elaborar o aprofundamento desejável. Neste âmbito, Miguel Tamen foi, efectivamente, o primeiro a olhar audazmente, e com o foco necessário, a formulação da velhice, conjugando-a com aspectos literários que valorizaram a sua proposta de análise.

Tendo em conta as interpretações que a crítica foi elaborando, uma das primeiras opções metodológicas da nossa investigação consistiu na elaboração de um novo *corpus* antológico subordinado ao *tópos* da velhice, aliado ao critério da evidência textual do tema da anciania, com vista à análise poética e hermenêutica da matéria

recriada pela mão do Abade. Dito de outro modo, quisemos criar um florilégio cujas flores são a evidência do nosso trabalho crítico de selecção e organização dos poemas, ensaiando assim novas propostas para a análise das composições do Abade amarantino.

Vimos anteriormente que os problemas de datação não impediram alguma crítica de tresler os versos jazentianos, obviando julgamentos que fazem coincidir o sujeito poético com o Abade biograficamente velho. Esta premissa, da qual discordamos, levou-nos a estabelecer, desde logo, novas opções: ultrapassar o juízo moral da poesia de Paulino Cabral, distanciar-nos do biografismo que não tem ajudado a elevar o poeta e apreciar / examinar os elementos poéticos averiguáveis, ou seja, construir conhecimento, a partir do que pode ser, de facto, verificável.

Pelos motivos expostos, as composições incluídas na nossa “Antologia da Velhice” (Cf. Anexo B) têm como tópico central a velhice / o envelhecimento, tendo por base o seguinte critério de seleção: poemas que, do ponto de vista discursivo, apresentam marcas inequívocas sobre as problemáticas em causa, excluindo, destarte, alguns poemas utilizados por outros estudos, em virtude de não revelarem a clareza necessária. O foco do nosso exame será, portanto, o texto, a linguagem poética e o discurso.

Podemos exemplificar a nossa opção metodológica, a partir da proposta de Miguel Tamen (1983) sobre a velhice como “doença do corpo”, por ser a mais recente e a mais consistente. Dos poemas que o crítico incluiu na sua antologia temática (1983), existem alguns que, a nosso ver, apenas podem ser interpretados, como aludindo à problemática em causa, através de um caminho menos imediato. Reiterando, o que propomos é partir de um critério mais objetivo e material, que nos permita excluir as composições que nos levam a supor uma abordagem ou uma referência à velhice, através de um escavado trabalho hermenêutico.

Vejamos, por exemplo, dois poemas que não foram incluídos na nossa antologia, mas que foram integrados no *Roteiro/Antologia* de Miguel Tamen (1983).

O primeiro é dedicado ao amigo e congénere, Abade da Polvoreira, José Moreira da Silva.

*(Ao mesmo seu amigo.)*

Deixa, Moreira, o mundo; é tempo agora  
De ver da praia firme o golfo insano,  
As velas colhe, e o tardo desengano  
Com levantadas mãos devoto adora.

Repousa pois: o mundo hoje devora  
Com enganos cruéis o peito humano;  
E rindo-te de ver o antigo engano,  
As antigas paixões sábio melhora.

Deixa Amor, deixa as Musas, e somente  
Do Ilustre Baco o copo à boca arrima;  
Pois alegra a quem vive descontente:

Louva o homem discreto, o Sábio estima;  
Ama a virtude; mostra-te prudente;  
Toma tabaco, fala à tua Prima.  
(I,23-153)

O segundo poema está incluído na “Controvérsia ... a respeito da idade”:

*(De Paul.)*

Triste, só, melancólico, e doente,  
Na muda solidão desta espessura,  
Estou, Teodoro, ia mais mortal figura,  
Que a Tristeza até agora fez patente.

Tenho um barrete sujo sobre a frente,  
A cabeça inclinada, a vista escura,  
E reclinado estou em tal figura,  
Que mais pareço um morto, que um vivente.

Submergido no próprio pensamento...  
Mas lá vem geme, algum talvez me saca,  
Deste meu solitário aturdimiento.

É o Miqu'lete... adeus: dá-me a casaca;  
Já sei que há no Seixedo ajuntamento:  
João, não ouves? Aparenta a faca.

(II,88) (sublinhado nosso)

Diz-nos Miguel Tamen que alguns poemas que espelham o padecimento da enfermidade da velhice apresentam um tom discursivo “decididamente sentencioso”, terminando “em forma de máxima ou conselho” (1983, p. 46), bem verificável no

primeiro soneto. Concordamos e temos prova disso noutros poemas onde o sujeito do discurso poético é inequivocamente um velho. Segundo o crítico, o elemento decisivo “Deixa, Moreira, o mundo” pode ser interpretado como um apelo à reflexão e ao movimento introspetivo. No entanto, em nenhum momento podemos deduzir objectivamente que o sujeito poético é um homem velho que dá sentenças e conselhos ao seu amigo.

No segundo poema, os traços de decadência parecem corresponder a uma configuração material da Tristeza, especialmente quando Tamen sustenta que “os defeitos do corpo foram comunicados aos adereços (o ‘barrete sujo’) e foi-lhes, inclusive, adjudicado um mal psicológico: a melancolia” (p. 48). Concordamos, uma vez mais, com as notas críticas, contudo se atentarmos bem ao soneto, não encontramos marcas discursivas que exibam um velho como *persona* lírica ou o motivo da vetustez inequivocamente poetizado. Existe, de facto, uma tonalidade melancólica de fundo, mas o estado de espírito não nos permite inferir um velho ou a temática da velhice. Foi um critério mais lato e de intuição que permitiu que qualquer uma destas composições integrassem o *corpus* da antologia de Miguel Tamen.

Sumariamente, a lente que colocámos para apreciar as *Poesias* de Paulino Cabral permitirá restringir, afunilar e especificar intencionalmente as composições da senioridade. Apesar deste critério antológico, não ignoramos que existem múltiplas peças poéticas que estabelecem um diálogo possível com o tema e que, de outra forma, teriam amplificado o universo que trazemos a estudo. No entanto, quisemos retirar o excesso e aplicar a máxima arcádica de reduzir ao essencial, coligindo assim os textos que contêm provas discursivas que remetem, de forma iniludível, para os problemas da anciania.

Tendo em conta os limites próprios de um trabalho desta natureza, daremos prova, nos próximos capítulos, da realidade poliédrica encontrada, assim como destacaremos os variadíssimos enfoques a partir dos quais o Abade de Jazente poetizou a velhice e o envelhecimento.

### Capítulo III

#### Figurações da senectude na “Controvérsia... a respeito da idade”

As escadas

Toma, este é o meu corpo, o que sobe as escadas  
em direção à tua escuridão, deixando-me,  
ou a alguma coisa menos tangível,  
no seu lugar.

Também elas envelheceram, as escadas,  
também, como eu, desabitadas.  
Anoiteceu, ao longe afastam-se passos,  
provavelmente os meus,  
e, à nossa volta, os nossos corpos desvanecem-  
se como terras estrangeiras.

Manuel António Pina, *Todas as Palavras. poesia reunida* (2012)

O grande conjunto poético sobre a velhice, na obra do Abade de Jazente, é a “Controvérsia entre Paulino Cabral de Vasconcellos e Teodoro de Sá Coutinho de Azevedo<sup>23</sup>, a respeito da idade”. Ao longo de noventa e uma páginas, os dois amigos dedicam dezenas de composições um ao outro, especialmente sonetos, onde “dizem com uma constância exemplar que o outro *é tão velho que...*” (Tamen, 1983, p. 47). Esta grande peça poética composta por sessenta poemas (28 atribuídos a Teodoro de Sá Coutinho e 32 a Paulino Cabral) abre o Tomo II de *Poesias*, embora tivesse sido anunciada no prólogo do tomo I (Farropo, 1786), como vimos no primeiro capítulo.

Embora o tema de fundo seja a “larga idade”, nem todos os poemas serviram os critérios de selecção enunciados, pelo que o *corpus* da “Controvérsia” é composto por 32 poemas, 21 de Paulino Cabral e 11 de Teodoro de Sá Coutinho.

Sobre o interlocutor Teodoro de Sá Coutinho sabemos muito pouco, além das informações dadas por Camilo Castelo Branco, no seu *Cancioneiro Alegre*, onde menciona que o poeta não foi muito conhecido pelos “bibliófilos”, sendo apenas

---

<sup>23</sup> Assim como o acréscimo do sobrenome “Vasconcellos” a Paulino Cabral (*vide* nota 6), não sabemos a razão que levou Bernardo Farropo a incluir o sobrenome “de Azevedo” a Teodoro de Sá Coutinho.

notória a sua intervenção na “Controvérsia”. Refere ainda que terá nascido no final do século XVII, o que lhe daria pelo menos duas décadas de avanço na idade, em relação ao Abade de Jazente. Regista também que terá pertencido à Casa de S. João de Rey, sendo por isso descendente de Francisco de Sá Miranda. Do autor, apresenta um único poema, “Carta de Guia. Que uma freira mestra deu a uma corista principiante no trato amoroso, primorosamente clligraphado e bastante sebáceo do uso”, encontrado num mosteiro minhoto, no espólio de uma freira, dez anos antes da constituição do seu trabalho antológico. Segundo averiguação do escritor, o poema pertenceria a uma freira chamada Soror Tres Estrellas, que terá estudado a “Carta” desde o seu noviciado e, em 1820, aquando da Constituição, “quis romper a clausura e vir cá para fora commungar das liberdades publicas” (1879, p. 165).

Camilo Castelo Branco termina a sua incipiente caracterização, dizendo que o poema é uma relíquia, “porém, quando no século XXI [redescobrimo-lo no século correcto!], se restaurarem os mosteiros, a Carta de guia de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este CANCIONEIRO uma extracção exorbitante” (*ibidem*). De notar também que o *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio Francisco da Silva (1862) não contém nenhuma entrada com o nome do poeta, embora lhe faça referência na entrada lexical de Paulino Cabral.

Aquando da pesquisa sobre Abade de Jazente no Arquivo da Universidade de Coimbra, encontrámos também o Historial de Teodoro de Sá Coutinho, onde é revelado que é natural de Amarante, não tendo filiação preenchida. Frequentou, de forma irregular, o Curso de Cânones, entre 26-10-1716 e 11-02-1731, conforme o Índice de Alunos do mesmo Arquivo<sup>24</sup>. Não encontrámos testemunhos que provassem que chegou a partilhar o mesmo ofício de Paulino Cabral.

Fidelino de Figueiredo menciona que Paulino e Teodoro se conheceram no Porto, mais precisamente nos saraus literários que D. José Maria da Fonseca e Évora promovia no Paço Episcopal, nos anos 40 e 50, e que teria sido nesses convívios que se “sustentou essa contenda das idades” (1931, p. 253).

---

<sup>24</sup> <https://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=206539>

O que este conjunto poético tem de mais interessante, além da temática de base, são as dimensões argumentativa e retórica exploradas na tessitura dos poemas. Por outro lado, este bloco de textos, muitas vezes semelhante a uma conversação, assume-se, a nosso ver, como uma espécie de epistolário poético argumentativo. O nome “Controvérsia” remete precisamente para conceitos análogos como “discussão”, “debate de ideias” ou “polémica”, neste caso uma disputa poética de ideias que tem como ponto de partida a questão da “idade”. Através da digressão que cada um faz nas suas composições, podemos apreciar a facilidade com que respondem um ao outro, permitindo-nos o acesso aos tópicos e dimensões que poetizam.

Se nos baseássemos nas notas biográficas expostas nos poemas, depreenderíamos que esta disputa teria sido mantida durante alguns anos, uma vez que são mencionadas diferentes idades para os interlocutores: nos poemas II,19-27, v. 53; II,28-37, v. 23 – Teodoro tem cerca 60 anos; nos poemas II,42; II,43,; II,49; II,53; II,61; II,73 – Teodoro tem 70 anos; no poema II,70 – Teodoro tem 75 anos (“quinze lustros”); no poema II,47 – Teodoro tem 76 anos; no poema II,80 – Paulino tem cerca de 50 anos. Esta averiguação foi perfilhada por vários críticos (Inocêncio, 1863; Castilho, 1909; Figueiredo, 1931; Topa, 1998; Tamen, 1983). Além disso, se a possibilidade de contacto frequente no Paço Episcopal está situada entre os anos 40 e 50, provavelmente uma parte dos poemas da “Controvérsia” poderão ter sido escritos antes do exercício das suas funções eclesiásticas, em Jazente, o que provaria a antiguidade e a perduração desta disputa.

Antes de passarmos à análise do *corpus* textual, é importante mencionar ainda que estamos perante dois poetas cuja herança clássica não será de somenos importância, desde logo pela própria formação académica e religiosa. Por outro lado, o edifício retórico no qual assenta a metaliteratura epocal promove esta ligação recorrente às bases e aos fundamentos do pensamento ocidental. Neste sentido, achámos pertinente propor, ao longo do capítulo, algumas pontes intertextuais com autores que problematizaram a velhice na Antiguidade Clássica, o que nos permitiu compreender melhor a arquitectura do discurso poético da “Controvérsia”.

Apesar deste diálogo intertextual, é de notar, porém, que os poemas não encerram uma preocupação teórica ou filosófica, mas tão-somente o intuito de alentar o jogo poético e o confronto de entendimentos, muitas vezes figurados entre a hipérbole e a ironia, numa postura mais especulativa ou anedótica. Por conseguinte, podem ser apreciados poemas muito jocosos, com visões muito despudoradas da velhice, assim como outros cujo pessimismo é absolutamente devastador.

### III.1. O conflito geracional e a tematização negativa do envelhecimento

Envelhecer

Antes, todos os caminhos iam.  
Agora, todos os caminhos vêm.  
A casa é acolhedora, os livros poucos.  
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.

Mário Quintana, *Poesia Completa* (2005)

A “Controvérsia... acerca da idade” inicia-se com dois poemas do Abade Paulino intitutados, igualmente, “Aos anos de Teodoro de Sá Coutinho. Romance Endecassílabo”, cuja intenção é a de felicitar o “Sábio amigo” pelos seus “anos tão grandes” (II,13-18). O sujeito começa por explicar que, por culpa do Fado, a sua flauta não quer tocar, delito maior por ter sido Teodoro quem o ensinou a tocar o instrumento: “Nada posso afinar: tudo discorda; / a fruta, o peito, a boca, o sopro, os dedos” (vv. 10-11). O acento melancólico de abertura parece prenunciar o ideário que Paulino Cabral delineará ao longo destes poemas.

Rapidamente, o tom laudatório do primeiro poema se transforma, no segundo, numa conversa-reflexão sobre as “mudanças no mundo” (“Conversemos um pouco, meu Teodoro...”), em jeito de repetição anafórica: “Tudo se altera; nada é perdurável”; “Muda-se o vento”; Muda-se o mar”; Muda-se a Terra”; “Muda-se enfim o Céu distante” (II,19-27). Recorrendo ao tempo histórico, o eu lírico afirma que o interlocutor é tão velho que testemunhou mudanças dinásticas ocorridas há séculos atrás, assim como

assistiu a guerras e conquistas em todo o mundo. Existe, porém, uma única coisa da ordem do imutável: “Só tu (tens bons sessenta, meu Teodoro) / Só tu nunca mudas”.

A partir deste momento, passamos à exposição mais concreta da vetustez de Teodoro, conduzida de uma forma bastante chistosa:

... pois ainda  
Aos afagos das Musas folgazonas  
Nessa idade caduca te arrebitas.  
Só tu, outra vez digo, te não mudas;  
Pois inda fazes versos, quando as iras  
Do tempo engolidor te despovoam  
Os dentes, o cabelo, a força, a vista.  
(...)  
Inda montas no Pégaso, correndo  
Por toda a montanha bipartida.  
(II,19-27)

O segundo poema acaba, advertindo Teodoro que pendure a sua “fruta doce, E também o frutim de travessia” (vv. 152-153), pois na sua idade não faz sentido que “façamos mais versos”. Recorrendo a uma *auctoritas* literária, escarnece do amigo, recordando que Homero, “Por despido, e só por cego, na velhice, / Um Cupido barbado parecia”, demonstrando quão ridículo poderá tornar-se.

O terceiro poema da “Controvérsia” anuncia a esperada resposta de Teodoro de Sá Coutinho, que dedica uma “Silva” (II,28-37) ao seu amigo, composição que inaugura os primeiros passos desta relação dialógica. A partir daqui, cada um, à vez, apresentará motivos e argumentos para demonstrar que um está mais velho que o outro. É abertura de um conflito geracional, onde são dirimidas visões distintas sobre a longevidade.

Como se este poema se tratasse de uma composição doutrinária, Teodoro defende que só é velho “quem o parece” (v. 22), ilustrando esta argumentação com a história de um velho e “um moço em competência” (v. 30), que nos faz lembrar as parábolas da Bíblia, instrumento retórico frequentemente utilizado no contexto católico. O mais novo ria-se do velho; este, por sua vez, embora “mais sisudo, / la vencendo, ia logrando tudo; / Flor e fruto colhia no que obrava” e “em todo o tempo flores produzia” (vv. 31-36). O moço convertia em ira o seu riso e, “Frenética a [sua]

razão, turbado o [seu] siso, / Contra o velho mil calúnias formava” (vv. 38-39). O ancião, troçando “da arrogância, / Da facécia, da raiva, e [da] petulância” (vv. 41-42) do moço, conclui a altercação de uma forma sentenciosa:

Com plácido semblante,  
Com voz jocunda, e ânimo constante,  
Repousando em si mesmo, e em si todo,  
Lhe falou livremente deste modo:  
Sabei, menino, que na minha terra,  
Onde a lei da razão pura se encerra,  
E onde sem desabono  
O seu dá cada um sempre a seu dono,  
Têm assentado os homens de talento,  
Por discreto, e cabal conhecimento,  
Que um burro de quinze anos se experimenta  
Ser mais velho, que um homem de sessenta:  
E assim sabei, rapaz, por esta conta  
Que em vós, e mais, que em vós, um velho monta.  
(vv. 43-56)

É neste ensejo de conselho que Teodoro introduz, pela primeira vez, a frequente metáfora do mundo animal, chamando “burro” ao amigo Paulino, com todas as características chistosas que essa nomenclatura implica. Neste combate poético, inferimos desde logo as apreciações antagónicas acerca da vida e da senectude: o sujeito poético de Teodoro encontra-se já dentro da velhice e o sujeito jazentiano, embora mais novo, parece estar nesse rumo.

Teodoro insiste, com desdém, que a um “homem de setenta” (II,43) são acrescentadas “vigorasas forças”, pelo que ele continuará a parecer um “moço”. A sua idade madura proporciona a resolução das contradições, acrescenta saber e aumenta a sua vitalidade:

Qualquer homem, que conta setenta anos,  
Robusto pode ser, forte e valente;  
Mas um burro de quinze apenas sente  
Do chicote os vergões, da espora os danos.

Um homem de setenta sem enganos,  
Forças tem, filhos faz, brincos consente;  
Mas um burro de quinze, é só patente  
Cemitério de moscas, e gusanos.  
(II,61)

Numa destas reflexões-resposta, Paulino alerta que as alegrias certas do congénere ancião tenderão a transformar-se em forçoso desgosto, recorrendo também a uma lição alegórica. O sujeito de Jazente diz ao interlocutor que não vale a pena falar sobre este tema (“Calemos, pois”), porque é inevitável enunciar os “tristes danos” de “quem se vê do precipício à borda”. Abordar e aprofundar este tema é equivalente a dar falsas esperanças a um ladrão encarcerado: “Pois fora indiscrição dos desenganos, / Na cadeia ao ladrão falar em corda / E a quem já se vê velho, nos bons anos” (II,46). O tom de desdém e ironia é notório, contrastando com a visão optimista de Teodoro sobre os seus “largos anos”.

A longo desta secção do Tomo II, o leitor passa a ser o espectador de um teatro de personagens discordantes, cujos pontos de vista e argumentação enriquecem a reflexão sobre a senioridade. Enquanto Teodoro alega que é na velhice que um homem velho alcança o maior Saber (“E quanto mais a idade cresce, / Mais se vê nas Ciências sublimado” - II,43) e a honra lhe é acrescentada (“E verás que te diz o velho honrado<sup>25</sup> / Que os teus quinze são mais que os meus setenta” – II,81), Paulino assevera, ao invés, que a “Sábia a velhice é mestra da verdade; / Mas falta a vida, assim que se conhece” (II,42), recuperando a ideia de que a sagesa dos velhos não é acompanhada pelo vigor e pelo dinamismo do corpo já envelhecido. Nestas meditações, começa a ficar explícito o horror da velhice por parte de quem é mais novo.

Neste seguimento, Teodoro denuncia a “maldade” do amigo para com a sua vetusta idade e auspícia “Que se perto da morte andam setenta, / Os quinze à borda estão da sepultura” (II,49), introduzindo uma dimensão interessante: o mais novo parece ter um pensamento mais anacrónico que o mais velho. Na composição seguinte, o eu de Sá Coutinho recorre novamente à costumada metáfora, para frisar o seu pensamento:

Sempre as partes do homem são fecundas,  
Mas as do burro desiguais, e toscas;  
Umam amáveis sempre, outras imundas:

Aquele mostrará rugas, ou roscas,  
Este com espravões, chagas profundas,

---

<sup>25</sup> Teodoro compara-se, neste poema, à figura de Nestor, que era conhecido pela sua coragem e valentia.

Um sempre com vigor, outro com moscas.  
(II,61)

Nos sonetos II,70 e II,72, poemas em que a primeira e segunda estrofes são praticamente decalcadas (monotonia de “tipo semântico”, Tamen, 1985, p. 15), o sujeito de Jazente recorre à enumeração para acrescentar valor retórico à sua visão disfórica da velhice. Por um lado, inventaria as adversidades e as consequências inerentes ao envelhecimento e, por outro, alega que, afinal, todos começam a envelhecer desde a juventude.

O eu poético insiste igualmente na conexão inelutável entre a figura do Tempo e a velhice, questão que abordaremos detalhadamente no próximo capítulo, e recorda, com alguma dramaticidade, que o Tempo subjuga todas as coisas “e com dente voraz, perpétua fome, / Nos arranca, nos traga, e nos carcome / Os cabelos, a pele, a carne, os ossos” (II,70). Na segunda quadra e no primeiro terceto, cada um dos poemas reitera os efeitos devastadores da passagem do Tempo, utilizando um jogo verbal intenso cuja carga semântica nos remete para o sentido da visão e para a presentificação dessas consequências:

Mas que muito, se os mármore mais grossos  
Na duração dos séculos consome?  
Despedaça, desfaz, devora e come,  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos?

Enfim, Teodoro, as nossas mocidades  
Engolem pouco a pouco sem clemência  
O Dia, o mês, os anos, as idades.  
(II,70)

Até mordendo os mármore mais grossos,  
Pelas bocas dos séculos os come;  
Desbarata, destrói, desfaz, consome  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos.

Sorver o mundo inteiro enfim procura  
Porque apesar da sua permanência  
Abate, quebra, rompe, e desfigura.  
(II,72)

Se as duas primeiras estrofes são semelhantes, as respectivas chaves de ouro têm finalidades distintas. No primeiro poema, o poeta destaca o problema da

irreversibilidade do Tempo e desafia o amigo a comprová-lo: “Nada pode fazer-lhes resistência: / E se tu queres ver estas verdades, / Tira a peruca, apalpa, e tem paciência”. A segunda composição, por outro lado, termina com espanto e admiração, tópicos que a seguir retomaremos: “Mas em Teodoro [o Tempo] encontra resistência; / Pois com ter quinze lustros<sup>26</sup>, nele dura / O brio, a força, o ânimo e a potência”.

A resposta de Teodoro, no poema II,73, demonstra, uma vez mais, as posições dicotômicas em destaque, desvalorizando os trágicos presságios de Jazente. Na verdade, não importa ao sujeito de Sá Coutinho se “do Tempo a edacidade / Das Torres arruíne a arquitectura, / Se um homem de setenta anos procura / Vencer de seus estragos a impiedade”. É o carácter o que mais importa (“Resiste pois o homem que é valente, / Às inquietas paixões do Tempo irado / Com valor sempre firme, e permanente”), pois é a sua qualidade que promove e define uma boa velhice. Como resposta ao interlocutor, insiste que que, aos quinze anos, um “burro” fica desfigurado, desfalecendo ao quarto lustro: “Morre o burro dos quinze estropiado, / Sem ter memória do presente, / Nem conservar lembranças do passado”.

No âmbito desta relação dialógica, a *persona loquens* mais jovem não elabora uma concepção positiva e de esperança em relação à velhice que, para si, é um espectro da “Tenra Meninice [que] se endurece” (II,42) e a mais detestável consequência nefasta da “Sorte Escassa” e do “Tempo tragador” (II,48). Envelhecer é rumar à inevitabilidade da morte, sem qualquer contemplação ou misticismo (“Assim por graus nos vem buscando a Morte, / De cuja lei se não isenta / Dos míseros mortais a triste sorte” – II,42).

Ao longo do capítulo, tentamos demonstrar que esta poética de negação das qualidades da “larga idade” utiliza diversos recursos estilísticos e retóricos que enriquecem a argumentação. Para já, podemos destacar a adjectivação lúgubre habitualmente utilizada para enfatizar o léxico que envolve a aceção disfórica da velhice e do que a ela diz respeito: “Morte cruel”, “noute escura” e “noute infeliz” (II,48); “campa fria”, “[a morte] seca, amarela” (II,68); “escura Eternidade” (II,74); “mortal

---

<sup>26</sup> Correspondendo um lustro a cinco anos, Paulino sugere que o interlocutor terá cerca de setenta e cinco anos.

fragilidade” (II,75), “tardios desenganos” (II,78); “despovoada a boca”, “calva a frente”, “infeliz velhice”, “duro Fado” (II,80); “escura sorte”, “falsa vitória” (II,91).

Sublinhamos também que há, nesta peça, uma tonalidade um pouco diversa daquela que analisaremos no Capítulo IV, apartado onde será aprofundada a tematização negativa da velhice nos poemas extra “Controvérsia”. Nas composições que estamos a analisar, a formulação poética levada a cabo pelo sujeito de Jazente refere-se sobretudo à velhice enquanto estágio da vida humana e à velhice do Outro, não é uma velhice poetizada na primeira pessoa.

Quando o sujeito se refere à velhice em primeira pessoa (apenas nestes dois poemas: II,78 e II,80), traçará o retrato angustioso que, até então, foi elaborando a propósito da idade do seu amigo Teodoro. Para isso, recorre aos tópicos da decrepitude física e psicológica que agora enfrenta:

Já, Teodoro, o cabelo me embranquece,  
Parte me cai, e parte se arrepia,  
Encrespa-se-me o rosto, e principia  
O Tempo a declarar que me anoitece.

(II,78)

É curioso assistir à representação deste conflito de ideias, a partir da perspectiva da idade de cada um deles, plasmada numa interessante conflito geracional. De uma forma geral, o mais jovem elogia a mocidade e enumera as suas vantagens sobre a velhice, descrendo da existência de uma boa velhice e insistindo nos seus defeitos grotescos; o mais velho, por sua vez, enaltece a longevidade e as suas vantagens sobre a juventude, mostrando que um corpo pode degradar-se, mas o espírito, o ânimo e a sabedoria prevalecem sobre ele.

Do lado de Paulino Cabral, é muito clara a formulação poética que exalta a juventude: às “Ninfas belas” e “juvenil Aurora” o sujeito opõe “tardas avós, caducas Tias” (II,40); à “Tenra Meninice” e à “viril Robustez” opõe a “triste sorte” de quem é velho (II,42); aos “bons anos” opõe os “tristes danos” (II,46); e à “idade (...) florescente” opõe léxico com a adjectivação soturna que vimos atrás (e.g. “Morte cruel”, “noute escura” e “noute infeliz”, II,48).

Se recuarmos às bases da cultura ocidental, podemos resgatar algumas hipóteses da Antiguidade Clássica sobre o lugar dos velhos na sociedade. No que concerne à visão disfórica do eu jazentiano, encontramos uma ressonância intertextual com a lição aristotélica.

Aristóteles “was the originator of the scientific study of life and many areas of his biology (...). But remarkably little attention has been paid to his theory of aging, or gerontology” (Woodcox, 2018, p. 65). O filósofo retomou a ideia biológica de Hipócrates de que o processo de envelhecimento tem como causa uma perda de calor e de humidade, tornando-se o corpo seco e frio, como o do homem velho. A morte natural corresponderá, precisamente, à extinção desse calor vital que se dissipa progressivamente, ao longo da vida<sup>27</sup>. Por conseguinte, a experiência humana não é um factor de progresso, mas de involução e enfraquecimento gradual (Beauvoir, 1970; Minois, 1999; Woodcox, 2018).

Para justificar a sua antipatia pelos gerontes, o filósofo de Estagira vai tecer duras críticas à vetustez, em algumas das suas obras: na *Política*, critica a Gerúsia espartana, conselho de anciãos que governava a cidade-estado, e em *Ética a Nicómaco* censura a avareza e o egoísmo dos mais velhos. É, todavia, na *Retórica* que o seu propósito vai mais longe. No “Livro II”, quando apresenta os pressupostos da argumentação, vai analisar o carácter do orador, por relação à emoção dos ouvintes. Quando coteja o carácter com a idade, o filósofo elogia sobejamente o “carácter do jovem” por oposição ao “carácter do idoso”.

No capítulo 12 do mesmo livro, começa por elaborar um retrato dos mais jovens, parecendo que, à partida, estaria a condenar a mocidade: os jovens são “propensos aos desejos passionais; “incapazes de dominar-se”; “volúveis”; “rapidamente se fartam dos seus desejos”; são “impulsivos, irritadiços e deixam-se levar pela ira” (2005, p. 194). Não obstante, percebemos rapidamente que estas características são, afinal, apanágio do

---

<sup>27</sup> Encontramos esta ideia desenvolvida no tratado aristotélico *Petits Traités d' Histoire Naturelle*: Nos velhos, existe “un défaut de chaleur, là où réside le principe de l' existence” e “à la fin, le feu s' éteint” (2002, p. 129).

bom orador (e, por conseguinte, do bom governante), porque este consegue “apaixonar” os seus ouvintes.

O encómio continua, permitindo antever os atributos inversos que dedicará aos mais velhos. No seu entender, os jovens “gostam de honrarias e vitórias”; “gastam pouco, porque não têm a experiência da necessidade”; “têm bom carácter, porque não viram muitas maldades” e, por isso, “são mais confiantes, porque ainda não foram enganados”; “sentem calor (...), vivem da esperança”; “são corajosos, pois são impulsivos e optimistas”; “para a juventude, o futuro é longo e o passado curto; (...) nada há a recordar, tudo a esperar”; “preferem o belo ao conveniente e vivem mais em função do carácter do que segundo o cálculo”; e “gostam de rir e gracejar” (2005, pp. 194-195).

Pelos argumentos enumerados, a mocidade apresenta uma superioridade moral evidente. A partir das características indigitadas à juventude, Aristóteles reproduz, de forma quase simétrica, um imaginário negativo sobre a anciania, da mesma forma que Paulino desconsidera a velhice do amigo Teodoro: “aqueles que já passaram a flor da idade possuem caracteres que, na sua maior parte, são pouco mais ou menos os opostos daqueles”.

Em síntese, “O facto de terem vivido muitos anos, de terem sido enganados e cometido faltas em diversas ocasiões, e ainda porque, via de regra, aquilo que fazem é insignificante, em tudo avançam com cautela e em tudo dizem menos do que convém. Têm as suas opiniões, mas nada sabem ao certo, e, na dúvida, acrescentam sempre talvez”. Por outro lado, “têm mau carácter, que consiste em supor sempre o pior em tudo”; “são suspicazes devido à sua desconfiança, e desconfiados devido à sua experiência”; “não aspiram nada grande, nem de extraordinário, só ao indispensável à vida.”; “São cobardes e propensos a recear tudo”; “São frios, ao passo que os jovens são ardentes; “São mais egoístas do que o necessário”; “Vivem mais virados para o útil do que para o belo”; “São pessimistas, em razão da sua experiência; “Vivem de recordações mais do que de esperanças”; “nem são propensos a desejos, nem procuram satisfazê-los, mas agem segundo o seu interesse”; “Se cometem injustiças é por malícia, não por

insolência”; “andam sempre a queixar-se, não gostam de brincadeiras, nem de rir: é que gostar de se lamentar é o contrário e gostar de rir” (2005, p. 195-197).

A esta visão sinistra da velhice, podemos ainda acrescentar que Horácio não tinha os velhos em grande conta, na medida em que o ancião “tudo realiza com temor e frieza, (...), inerte e ávido de futuro, de carácter descontente, lamuriento, louvador dos tempos passados, (...) castiga e censura os que são mais novos” (2012, vv. 169ss).

Neste entendimento, o envelhecimento e a senectude são negativos, porquanto são entendidos como degradação em curso do corpo sensível e da alma (que também definha com a idade, concepção oposta à de Platão), razão pela qual o carácter do homem se vai apoucando e amesquinhando, ao longo da vida. A velhice é a antecâmara para a morte, pois de um velho não se pode esperar nada senão o pior.

Embora algumas vezes elogie os “compridos anos” de Teodoro, como veremos a seguir, as descrições que o sujeito de Jazente agrega à velhice são bastante enquadráveis na gerontologia aristotélica e nos versos de horacianos, que tecem uma crítica desapiedada e até cruel à senescência.

### III.2. Burro velho aprende línguas: O elogio à velhice

Não queiras transformar  
em nostalgia  
o que foi exaltação,  
em lixo o que foi cristal.  
A velhice,  
o primeiro sinal  
de doença da alma,  
às vezes contamina o corpo.  
Nenhum pássaro  
permite à morte dominar  
o azul do seu canto.  
Faz como eles: dança de ramo  
em ramo.

Eugénio de Andrade, *Poesia* (2017)

Como pudemos verificar na secção anterior, o sujeito jazentiano faz alusão, quase exclusivamente, à velhice do Outro, referindo-se sobretudo à velhice do amigo, numa tonalidade céptica e pessimista. Com a distância de quem é mais novo e não assume as mesmas preocupações da vetustez, tece duras críticas à idade madura e enumera frequentemente as consequências nefandas do envelhecimento.

Não obstante, se, por um lado, este tópico é poetizado de um modo tão depreciativo, não raras vezes chega a demonstrar alguma admiração pelos “largos anos” do amigo, ainda que alguns versos perpassem um tom irónico ou chistoso.

Numa dessas composições, Paulino chega mesmo a solicitar a fórmula da eterna juventude ao interlocutor:

Só tu, Teodoro, eterna resistência  
Lhe soubeste fazer: da mocidade  
Conservas sempre a cândida aparência.

Comunica-nos pois tal raridade;  
Ou dize onde aprendeste essa ciência,  
Faremos imortal a nossa idade.  
(II, 38)

Fazendo referência à entidade “Tempo” que “tudo estraga, mais valente / Que o rápido, e sulfúreo Meteoro”, o poema II,64 celebra essa grande excepção que é

Teodoro, porquanto “só tu tens apostado / Desafiar a mesma Eternidade”. Através de um jogo de sonoridade com a letra “t” (a aliteração ocorre 27 vezes ao longo do soneto), o sujeito lírico faz um encómio quase musical à “força” e à “resistência” do amigo, terminando a chave de ouro com uma exclamação: “Tudo me pasma. Oh tempo! Oh Teodoro”.

No mesmo registo, o poema II,68 introduz o tópico da inevitabilidade da morte, aquela entidade “seca, amarela”, que ceifa a vida a todos os mortais, trazendo consigo o “pavor” e a “agonia”. No desfecho de toda a vida humana, a morte personificada “Despedaça, desfaz, consome, rela, / E leva quanto encontra à campa fria”, inclinando todos à sua passagem, mesmo o mais destemido. Não obstante, eis que ocorre o imprevisto:

Mas Ah! Que digo? Ela suspende o corte;  
Ela passa adiante, e finalmente  
Os teus anos respeita, e foge a Morte.

A natureza segue o seu ritmo de renovação da vida, como destacado no introito do poema II, 58: “Renova a pele a esquálida Serpente, / A pena a Águia, as pontas o Veado, / As flores o jardim, a relva o prado (...) // Renasce o Mundo em cada Abril florente”. Apenas Teodoro, na sua “longa idade / Nunca envelhece, é sempre Primavera”, numa clara “afronta sem pavor à Eternidade” (II,58). A velhice de Teodoro, que afugenta a própria morte, é tão velha que se confunde com a própria Eternidade.

Todos estes poemas com um final laudatório, ainda que potencialmente imersos nalgum gracejo, representam, no nosso entender, algumas das inquietações que assolariam o sujeito de Jazente em relação ao bom viver do amigo. Se o tempo flui implacavelmente e tudo está destinado à finitude e à sepultura, como é possível o velho Teodoro apresentar (e viver) uma concepção tão oposta? Se “Tudo está sujeito à lei do Fado” (II,54) e ao “Tempo tragador” (II,48), como explicar a boa disposição e o vigor de um homem velho? Como entender que esses “largos anos” possam acrescentar ao invés de retirar? Será neste questionamento que reside a grande admiração (e, quiçá, alguma invidia ou desdém) pela velhice entusiasta de Sá Coutinho. As últimas estrofes do poema II,66 revelam precisamente este sentimento ambivalente:

Assim nos foge o Tempo. Afortunado  
Do Sábio, que desfruta o valor puro  
Do círculo das horas apressado.

Feliz mil vezes tu, que já maduro,  
Colhendo desenganos do passado,  
Dás ao mundo lições para o futuro.  
(II,66)

Ao longo deste poema, Paulino Cabral introduz uma pequena nota positiva na representação da velhice. Na sua empenhada perscrutação sobre a senescência, o poeta realça, provavelmente sem se aperceber, uma das grandes qualidades da idade avançada: congregar, numa só pessoa, três tempos em concomitância, o passado, o presente e o futuro. No fundo, Teodoro representa o homem velho que detém uma vida passada, na qual é acumulada experiência suficiente para viver um presente desenganado, projectando “lições para o futuro” (II,66).

Embora não saibamos se a sequência dos poemas da “Controvérsia” corresponde a um conjunto poético pré-existente, aprovado ou organizado pelo Abade de Jazente ou por Teodoro de Sá Coutinho, a verdade é que parece existir, amiúde, uma resposta relativamente coerente, por parte de Teodoro, ao despique iniciado pelo Abade conterrâneo.

Se, por um lado, as composições de Paulino Cabral encarnam o arauto da desgraça, é nos poemas de Teodoro que se vai urdir o testemunho positivo do que é ser velho, lugar disposto entre a dignidade e a sapiência. Apesar de terem sido seleccionados apenas onze poemas de Sá Coutinho, temos à disposição uma doutrinação bem optimista da ancianidade, em primeira pessoa. Desde o início, a *persona* lírica de Sá Coutinho traz à disputa poética a ideia de valorização da senioridade que Luís Machado de Abreu muito bem problematiza, no seu ensaio “Velhice como cesura” (2005):

Pode haver a tentação de levar a estima pelos tempos de juventude longe demais, erigindo-os em padrão pelo qual se aferem as outras idades. Nada mais desastroso, porque ceder a essa tentação estaremos a alimentar duas ilusões complementares. Por um lado, elevamos a mocidade à condição de idade perfeita e plena, o que está muito longe de ser. Por outro, desvalorizamos a densidade simbólica das outras fases da existência, (...) especialmente a velhice. (p. 12)

Como vimos, Paulino começa por tentar provar quão velho é o seu amigo, nos “Romances Endecassílabos” que abrem a “Controvérsia”. Ao introduzir a história do velho e do burro, na sua primeira resposta, Sá Coutinho demonstra que a sabedoria, a resistência e a serenidade são atributos do velho e não do jovem. Aliás, “um burro de quinze anos se experimenta / Ser mais velho que um homem de sessenta” (II,28-37, vv. 53-54). Mais à frente, refere que, “Pé ante pé irei na tua mula / Entrando pelo centro do Parnaso” (vv.64-65), acusando o amigo de fazer versos sem pensar: “Que nunca faças versos de repente; / E outrossim, que te mande em alto brado, / Que sempre faças versos de pensado” (vv. 76-78).

Nesta linha de raciocínio, Teodoro assume-se, desde logo, como porta-voz de uma vetustez que infirma a imagem estereotipada que Paulino quer patentear. No poema II,43, o eu lírico relembra que, quanto mais velho é um homem, “Mais se vê nas Ciências sublimado”, acrescentando, inclusive, que a “esta idade / As vigorosas forças lhe acrescentam”, em oposição à decrepitude sugerida pelo interlocutor.

Se Paulino Cabral desfere uma crítica desfavorável à velhice, desvalorizando o papel do ancião na sociedade, Teodoro pugnará, ao longo de toda a “Controvérsia”, pela valorização deste período da vida, à semelhança de alguns diálogos de Platão e Cícero, na Antiguidade Clássica, num contexto aparentemente desfavorável aos mais idosos (Beauvoir, 1970; Minois, 1999; Pereira, 2012; Alcântara, 2013).

Antes de explorar este diálogo intertextual e simbólico, é interessante referir que que pode haver aqui algumas reminiscências da estética barroca, uma vez que foi nela que o poeta foi primeiramente formado:

o poeta barroco assume duas atitudes [face à consciência da inevitabilidade da morte] contraditórias: por um lado incita ao *carpe diem*, convidando o destinatário dos seus poemas a experimentar os prazeres do mundo antes que estes acabem; por outro, assume uma atitude reflexiva e didáctica, retirando dessa certeza uma lição do desengano. (Ramon, 2020, p. 375)

Teodoro parece seguir, indubitavelmente, a primeira via, sem os receios que o amigo apresenta, preparando-se melhor para a inexorável finitude da vida e aproveitando o tempo que lhe resta até que a Parca o visite.

Platão é um dos primeiros poucos filósofos da Antiguidade a fazer o elogio da velhice, quando teoriza a sua *Politeia* (Πολιτεία)<sup>28</sup>, no início do Livro I. Numa visita à casa do velho Céfalo, Sócrates é convidado por Polemarco, seu filho, a permanecer mais tempo. O ancião encontra-se “sentado numa cadeira almofada, com uma coroa na cabeça, pois dava-se o facto de ele ter acabado de fazer um sacrifício no pátio” (Platão, 2012, 328c), e começa por contextualizar a sua debilidade física:

- Ó Sócrates, tu também não vens lá muitas vezes ao Pireu para nos veres. Mas devias fazê-lo, porque, se eu ainda tivesse forças para ir facilmente à cidade, não seria preciso vires cá. (328c-d)

Embora o argumento seja aparentemente desfavorável à idade, logo percebemos que o diálogo tem por base uma visão dualista do homem, que subalterniza o corpo sensível em relação à alma. O corpo é o “elemento material onde a alma repousa” (Blessman, 2004, p. 24) e pertence ao mundo sensível, às aparências, por comparação ao espírito que é imortal e cabe na ordem das Ideias.

Céfalo prossegue, esclarecendo que, “na medida em que vão murchando para mim os prazeres físicos, nessa mesma medida aumentam o desejo e o prazer da conversa” (Platão, 2012, 328e), ao que Sócrates pergunta qual é, efectivamente, o seu parecer sobre “esse período da vida a que os poetas chamam estar no ‘limiar da velhice’” (Beauvoir, 1970, p. 122).

Ao iniciar a sua argumentação, Céfalo comenta que os amigos da sua idade partilham consigo grandes lamentos, denunciando “saudades do prazer da juventude, ou recordando os gozos do amor, da bebida, da comida e de outros da mesma espécie” (Platão, 2012, 329a) ou os “insultos que um ancião sofre dos parentes” (329b). Estabelecendo uma analogia discursiva com o tratado romano *De Senectute*, de Cícero, o geronte Catão-o-Velho parte igualmente das provas negativas apontadas à velhice pelos jovens interlocutores, enumerando os quatro grandes males da velhice: “aparta

---

<sup>28</sup> Este é o título original d’ *A República*, “cujo sentido etimológico é ‘constituição’ ou ‘forma de governo’ de uma pólis ou cidade-estado. Refere-se a tudo o que diz respeito à vida pública de um Estado, incluindo os direitos dos cidadãos que o constituem” (*A República*, 2012, p. XLVII, Introdução de Maria Helena da Rocha Pereira).

da administração dos negócios”; “debilita o corpo”; “impede o desfrutar de quase todos os prazeres”; e “está próxima da morte” (2009, 5.15).

Nestes dois diálogos, há um jogo de acusação e de defesa, onde é driblada uma detalhada contestação que atribui qualidades diferenciadas à provecta idade. Em Platão, o prazer físico e erótico é considerado um excesso que impede a fruição de prazeres maiores associados ao espírito, à moderação e à serenidade: “Quando as paixões cessam de nos repuxar e nos largam, acontece exactamente o que Sófocles disse: somos libertados de uma hoste de déspotas furiosos” (Platão, 2012, 329e-d). O lamento do passado que alguns velhos sentem, confirma a sua ignorância, ao passo que a resignação e a tranquilidade associadas à esperança das recompensas do Hades asseguram a fortuna e a virtude do homem velho. Se o vigor físico, a coragem e os valores guerreiros são o trunfo da juventude, como preconizou Aristóteles, na premissa platónica as vantagens da anciania são incontestáveis: o comedimento dos prazeres e das paixões, o entendimento e o culminar de uma vida virtuosa. Portanto, a actividade intelectual é muito superior à condição física, porque é de uma outra ordem.

No mesmo diálogo, Céfalo menciona que não existe angústia na velhice daqueles que foram providentes e buscaram sempre a verdade, argumentos que, mais tarde, Cícero e Séneca irão recuperar. No fundo, a disposição da juventude vai determinar a disposição da velhice, isto é, o verdadeiro culpado da infelicidade do velho e dos sentimentos negativos em relação à idade avançada é o “carácter das pessoas” (Platão, 2012, 329d): “Se elas forem sensatas e bem-dispostas, também a velhice é moderadamente pensosa; caso contrário, ó Sócrates, quer a velhice, quer a juventude, serão pesadas a quem assim não for” (329d). Por outro lado, aquele que cometeu injustiças, “- ou devido à debilidade da velhice (...) enche-se de desconfianças e temores, e começa a fazer os seus cálculos (...) [e] atemoriza-se” (330e), com receio da expiação das injustiças cometidas.

Através da dialéctica socrática, o fundador da Academia alvitra um entendimento da vida humana como evolução e melhoria progressiva, concepção que permite o filósofo dissertar sobre o cidadão ideal e o filósofo-rei (“philosophos basileus”), a quem deve ser dada a dura incumbência de governar a cidade. Estabelecido

o grande valor da idade avançada, Platão lança as bases de uma gerontocracia, claramente sugerida por Sócrates, no Livro III: “Não é evidente que os governantes têm de ser os mais velhos, e os governados os mais novos?” (412c).

Neste pressuposto, e dependendo do “carácter” ou da “debilidade”, a velhice pode representar o culminar da vida, o momento em que o homem, desprendido das suas paixões e do domínio da “doxa” (δόξα) poderá entregar-se aos prazeres do espírito e, por conseguinte, à governação da cidade (476d)<sup>29</sup>. “Ora daquele que tem aversão às ciências, sobretudo ainda sendo jovem, e ainda sem discernimento para saber o que é bom ou não, não diremos que gosta de ciência nem de filosofia” (475b-c), pelo que “somente os egressos da caverna, os que contemplaram as ideias [e o belo], se acham qualificados para governar” (Beauvoir, 1970: 122). É a eles que compete regressar à escuridão e ensinar aos acorrentados o prazer e o esplendor das essências, rompendo, assim, os grilhões da ignorância<sup>30</sup>.

O diálogo ciceroniano entre Marco Pórcio Catão e os jovens Caio Lélcio e Cipião Emiliano tem igualmente na sua base argumentativa as desvantagens de ser velho, ao jeito do diálogo iniciado por Céfalo. Cipião questiona Catão-o-velho por que razão “nunca a velhice ter constituído para ti um fardo, sendo ela detestada por grande maioria dos velhos, que afirmam carregar com um fardo ainda mais pesado que o Etna” (2009, 2.4), ao que o interlocutor afirma que a velhice é, na verdade, um processo heterogéneo (“se a culpa devesse apenas recair sobre a velhice, então verificar-se-ia o mesmo com todos aqueles de idade avançada”). Por esse motivo, é “na maneira como se vive, e não na própria idade” (3.7) que está a razão para uma velhice bem-sucedida ou não, baseando-se na ideia platónica de “carácter”. Catão-o-Velho explica que

(...) os velhos que foram com efeito moderados, sem nunca terem sido difíceis ou desumanos têm uma velhice que pode ser bem tolerada; por outro, a má índole e a desumanidade são dolorosas para qualquer idade. (3.8)

Cipião e Lélcio, as artes e a prática da virtude são as armas próprias à velhice, as quais devem ser cultivadas em todas as idades. Quando já se viveu bastante, produzem frutos

---

<sup>29</sup> É interessante mencionar aqui a distinção que Platão faz entre o “philosophos”, detentor das qualidades de amor à ciência, ao conhecimento e à essência do mundo inteligível, e o denominado “philodoxos” (etim. – amigo da opinião), conceito que associa à aparência e à ignorância inerente ao mundo sensível.

<sup>30</sup> A alegoria da caverna é desenvolvida por Sócrates no início do Livro VII, a partir de 514a.

extraordinários (...), como ainda a consciência de uma vida bem gerida e a recordação de inúmeros actos louváveis constitui uma grande felicidade. (3.9.)

Apenas os “insensatos” e os temerosos atribuem à velhice “os seus próprios defeitos e a sua própria culpa” (5.14), resultando numa “velhice estulta” (2.4) e zangada. Segundo o ancião, os atributos que diferem os velhos dos jovens são o “exercício da reflexão, da razão, da deliberação”, motivo pelo qual os mais velhos ocupam os lugares do senado e da alta magistratura (6.20). Desde que “que o amor ao estudo e a criatividade se mantenham” (7.22), conservam-se intactas as faculdades mentais e a memória. Ou melhor, “Enquanto os corpos envelhecem devido ao esgotamento físico, os espíritos revitalizam-se pela actividade intelectual”, combatendo assim a “velhice inerte, estéril e ociosa” (11.36). No fundo, Cícero criou uma “bússola” para “guiar os jovens e velhos no exercício de uma vida feliz e em harmonia com a natureza, afastando-os do conflito de gerações” (Alcântara, 2013, p. 5).

Teodoro de Sá Coutinho é também essa voz auspiciosa e esperançosa no debate poético com Paulino Cabral. O soneto II,47 sintetiza, de forma clara, alguns dos requisitos para conseguir uma velhice bem-sucedida, o que denota a consistência das bases filosóficas do poeta.

No introito do poema, o sujeito elucida o amigo Paulino que “Eu aceito os bons anos, sem que o susto / De poder desgostar-me, me entristeça”. O eu aceita as consequências dos seus “largos anos” e não teme o que a velhice lhe possa reservar, preconizando as concepções de Platão e Cícero, e provavelmente o estoicismo de Séneca. Ora, se a velhice depende muito mais do carácter e da preparação ao longo da vida do que da própria idade, Teodoro afigura-se de uma velhice feliz e tranquila, porque desenganada (expressão muito cara ao Barroco e ao Neoclassicismo):

A mim nunca me pode ser modesto  
Esse reparo teu: os desenganos  
Da minha idade tenho no meu gesto.  
(II,47)

Com efeito, é este também o entendimento de Sêneca nas suas *Epistolae Morales ad Lucilium* (2019, Carta 49). Vejamos quando pede um conselho e uma palavra de ânimo ao seu interlocutor epistolar, Lucílio:

A morte persegue-me, a vida escapa-se-me. Aconselha-me o que fazer nesta situação, indica-me como conseguir que nem eu fuja da morte, nem a vida fuja de mim. Dá-me coragem para encarar as dificuldades, para aceitar o inevitável; torna-me menos angustiante a falta de tempo. Diz-me que o que a vida tem de bom não é a sua duração, mas sim o modo como a empregamos: diz-me que é possível (e é mesmo o que sucede as mais das vezes) viver-se longamente e, mesmo assim, viver-se pouco. (49.10)

O sujeito de Sá Coutinho inicia a segunda quadra de forma bastante doutrinária: “Para ti, guarda o medo; pois é justo / Que dos quinze a lembrança te estremeça” -, lembrando a expressão *memento mori*, cujo significado podemos decifrar na Carta 4 de Sêneca:

Ninguém pode obter uma vida segura se continuamente pensar em prolonga-la, se considerar entre os bens mais preciosos um grande número de anos .  
Medita diariamente nisto, para seres capaz de abandonar a vida com serenidade de espírito: muitos são os que se agarram a ela como pessoas agarradas pela corrente, que jogam a mãe aos cardos e aos rochedos! Muitos há que andam miseravelmente à deriva entre o medo da morte e os tormentos da vida, sem querer viver nem saber morrer. (4.5)

Sêneca aborda, precisamente, a inevitabilidade da morte, mas reflecte sobre a sua necessária preparação, da mesma forma que é fundamental preparar a velhice. Se a vida deve ser vivida com felicidade, a advertência de que a morte é certa deve ser encarada com disposição e ânimo firme. Assim, sem temor e munido das quatro virtudes cardeais da cidade ideal de Platão (sabedoria, coragem, temperança e justiça), o sujeito de Sá Coutinho demonstra, pela exemplaridade do seu caso, que os mais jovens têm medo e fogem da velhice, contudo quem passa a vida a temer ou a evitar os seus males, não está preparado quando nela entrar, advertência que faz a Paulino e ao leitor, em geral. Na realidade, a sua argumentação vai no sentido de que uma velhice feliz depende bastante da forma como é construído o percurso de vida, ou seja, a velhice é uma construção cujos alicerces devem ser consolidados muito antes de lá chegar.

No poema subsequente, Teodoro acusa Paulino de hipocrisia e maldade, porquanto deturpa a imagem da senectude, sob uma capa de verdade aparente. Neste

nível, o sujeito problematiza a vetustez sob a perspectiva platónica, colocando o amigo no interior da “caverna”. Ao julgar que está a contemplar o mundo das essências e da verdade, na verdade aquilo que Jazente tão persuasivamente defende não passam de aflorações pouco profundas pertencentes ao domínio da “doxa” e do estereótipo.

Paulino, estas imagens da verdade,  
Que pinta a tua voz sempre eloquente,  
Parece, que as anima um zelo ardente,  
E são véus com que encobres a maldade.  
(II,49)

Neste ensejo, a sabedoria epicurista do velho Teodoro é um dos ingredientes que alimenta a sua visão optimista e equilibrada da velhice, bem percebida na metáfora do mundo animal que, repetidas vezes, emprega. No poema II,73, num jogo de alternância de estrofes onde exhibe as suas características (homem) e as do seu amigo (burro), o sujeito é doutrinário na sua visão sobre a senectude:

Resiste pois o homem [de setenta], que é valente,  
Às inquietas paixões do Tempo irado  
Com valor sempre firme e permanente.

Por conseguinte, a *persona* lírica de Sá Coutinho apresenta-se como um modelo de virtude no poema II,61, plasmando, uma vez mais, o conflito geracional latente. Neste caso, há um eu que, no alto dos seus “setenta anos” admite a sua superioridade em relação ao jovem Abade: se, por um lado, um homem de setenta anos “Robusto pode ser, forte e valente”, um “burro de quinze apenas sente / Do chicote os vergões, da espora os danos”; se “um homem de setenta sem enganar / Forças tem, filhos faz, brincos consente”, um burro de quinze “é só patente / Cemitério de moscas e gusanos” (II,61), envelhecendo ou morrendo mais depressa que o primeiro (*vide* poemas de Teodoro que traduzem o mesmo argumento: II,39; II,49; II,53; II,73; II,75; II,81).

Tal como verificámos nos poemas de Paulino Cabral, de modo inverso, a apologia à velhice chega-nos também por meio de tiradas irónicas e jocosas ou sob a forma de sentenças e conselhos práticos. No poema II,57, o sujeito toma a exemplaridade da sua experiência como modelo a seguir:

Nem te lembras da minha longa idade,

Se a tua com razão nunca melhoras;  
Deixa correr os meus dias, e horas,  
Sempre atento à mortal fragilidade.  
(II,75)

Como pudemos verificar no final do apartado anterior, é nas últimas composições do conjunto poético da “Controvérsia” que Paulino expõe, pela primeira vez, a vivência da senectude na primeira pessoa, lamentando-se dos sintomas físicos e psicológicos que vem sofrendo (cf. II,78 e II,80). Teodoro servir-se-á do despertar do amigo para reiterar as manifestações físicas descritas, refundando a metáfora das estações do ano (também herdeira da Antiguidade Clássica) e das horas do dia para as diversas idades do homem:

Agora, que de neve se embranquece  
Aquele monte, e o burro se arrepia,  
É chegado o Inverno: principia,  
Paulino, a ver que cedo te anoitece.  
(II,79)

Com efeito, o sujeito de Sá Coutinho trilha cada expressão do sujeito jazentiano para o relembrar que “Agora sim, ó sábio amigo, / É tempo de abraçar os desenganos, / Que o Tempo a todos dá”. Finalmente, Paulino sente-se mais velho que Teodoro, como previsto por este, e concomitante aos sintomas físicos, aponta um importante sintoma da velhice de Paulino: “Se já teu canto a todos enfastia, / E até Nize de ouvir-te se aborrece”.

Nos poemas II,78 (de Paulino) e II,79 (de Teodoro), são reelencadas características de velhice nefanda, bem transpostas na adjectivação empregue. Paulino refere-se à senescência como uma “*Triste pensão dos míseros humanos*”; Teodoro fala na “*velhice cruel*” que aflige o amigo; e Paulino lamenta, novamente, a sua “*infeliz velhice*” (II,80).

Se analisarmos melhor as de concepções dicotómicas presentes nestes poemas, deduzimos que o sujeito de Jazente foi atingido por um fenómeno diferente daquele que Teodoro experimenta, desde o início da disputa poética: “mas não comigo”, dirá Teodoro, quando se refere aos tardios desenganos do Abade. E acrescenta um conselho para o amigo:

Vai-te enfim despedindo dos humanos;  
Que a velhice cruel entra contigo,  
E nunca tens de a ver nestes meus anos.  
(II,79)

O Poema II,80 revela uma função claramente catártica, na medida em que o eu jazentiano ainda se sente incrédulo em relação à sua vetustez. Diz ao amigo Teodoro que, depois de tantos versos dedicados “aos largos anos teus, que impertinente (...). // Eu nunca imaginei, que em mim se visse / Despovoada a boca, e calva a frente”. Ainda assim, atribui a Teodoro (e ao Tempo) as culpas do seu Fado (“Mas foram pragas tuas, ou crueldade / do rude Tempo”), finalizando com nova atribuição de culpas: “Ah! Teodoro, Teodoro, estás vingado”.

O último poema do *corpus* atribuído a Teodoro (II,81) encerra o derradeiro apanágio à velhice e adita mais características positivas à “larga idade”. Se, na abertura, elogia o amigo por finalmente chegar à verdade no poema anterior (“Que tarde, meu Paulino, resplandece / Na tua boca a cândida verdade?”), relembra-o também que “a longa idade / De sábias instruções nos prevalece”, perdoando-o pelos insultos “com tanta impiedade”. O sujeito mostra de novo a superioridade de que é dotado, pois “a piedade / Mais do que a vingança as almas enobrece”. E que qualidade melhor que a piedade para um “velho honrado”?

Assim como Catão-o-Velho apresenta aos seus interlocutores um tratado de cuidados à senectude e reitera os seus benefícios por comparação à juventude, a argumentação de Teodoro de Sá Coutinho segue igualmente uma linha de atribuição de qualidades à velhice que, no seu caso, é apresentada como uma velhice bem-sucedida. Há, assim, uma certa exemplaridade e uma lucidez optimista que enquadram esta velhice (idealizada?) que contraria, amiúde, as ideias catastróficas e estereotipadas de Paulino Cabral. Esta composição exhibe, tanto a Paulino como ao leitor, um homem velho dotado de serenidade e experiência, um eu que, desde cedo, parece ter preparado a sua longevidade, o que advém do seu conhecimento do mundo e de uma visão desenganada do fluir do Tempo e da vida. Este sujeito vetusto alcança um nível de sabedoria e intrepidez que o livra das “vãs fantasias”, garantindo que na sua experiência há um

espaço de desengano, onde o conhecimento lhe dá legitimidade para dar conselhos e sentenças.

Esta lição dos desenganos é também abordada por Paulino Cabral em dois poemas (fora da “Controvérsia”), que importa aqui relacionar. Num momento em que o sujeito parece compreender que as aparentes vantagens da mocidade são “ilusão” e “vaidade”, assim como “Tormento é toda a vida, é toda enganos”, conclui o seguinte:

Porque enfim se a prudência nos socorre,  
Ditada a lição dos longos anos,  
Quando se sabe, então é que se morre.  
(I,117)

No poema I,152, dedicado “Aos anos do dito Sereníssimo D. Gaspar”, reconhece que um homem velho, “Avistando tão perto a Parca dura”, que afastar-se do “mundo enganador desabusado”:

Fique-se embora pois: todo o cuidado  
Me deve a prevenção da sepultura;  
Pois, bem que tarde já, sempre é ventura  
Ao menos o morrer desenganado.

Acabem-se os projectos da vaidade;  
Rompam-se os da ambição; e dê-se um corte  
A quanto for estorvo da piedade.

Para terminar a análise deste conjunto poético, podemos afirmar que existe uma clara ambivalência no tratamento poético da velhice, na “Controvérsia... a respeito da idade”, percebida nas duas grandes linhas de interpretação apresentadas, ao longo do capítulo. Estas composições quase epistolares ressumam uma riqueza argumentativa e retórica que não passou despercebida ao próprio editor Bernardo Farropo, uma vez que destaca esta peça no preâmbulo do tomo I de *Poesias*, quando na verdade só é publicado no II.

Se do lado do Abade é notória uma propaganda disfórica à senioridade, considerado como processo de declínio físico e cognitivo, através das lições de Teodoro somos confrontados com um eco de esperança, que consubstancia a velhice como um período virtuoso e de grandes gáudios, mostrando que é possível envelhecer de uma forma positivamente alternativa. O Tempo pode conter a inevitabilidade de morte, mas

é também pode ser celebração de vida. No fundo, as alegações que o sujeito de Sá Coutinho vai tecendo, ao longo dos seus versos, correspondem, quem sabe, à tentativa de legitimação do papel do ancião na sociedade, qual Catão ou Céfalo do século XVIII.

Parece muito claro também que esta disputa literária resultou de um gosto particular do século XVIII, onde a poesia era entendida e exercitada como um jogo de reacções e experiências muito directas (Castilho, 1909; Figueiredo, 1931; Viana 1944), muito frequente nos serões literários onde se terão estreado Paulino e Teodoro. Como esclarece Maria Luísa Malato Borralho, nesse contexto, “independentemente dos critérios de qualidade literária que possa ser julgada, escrever era uma vivência, uma forma de estar social, com uma dimensão que nos é hoje cada vez mais estranha” (2004, p. 72). Este tipo de prática literária estava intimamente conexo às sociabilidades em voga (*cf.* trabalho de Maria Antónia Lopes, 2016) e desse modo era possível dissertar sobre temáticas muito diversas, mais específicas ou circunstanciais, mais satíricas ou mais sérias. Foi esse, aliás, um dos tópicos destacados no prólogo de Miguel Tamen à sua edição de *Poesias* (1985). Estas considerações justificam igualmente que não seja muito fácil captar uma filosofia ou uma linha de pensamento clara nas divagações poéticas que, tantas vezes, se nos escapam pelos dedos.

Não sabemos como terá sido envelhecer ao longo do século XVIII, a não ser por uma hermenêutica literária, histórica ou artística, por isso deixamos em aberto uma questão semelhante à levantada por Georges Minois, em relação aos dois diálogos filosóficos citados, *A República e De Senectute* (1999, p. 80): Será que a visão positiva e o ideal de longevidade de Sá Coutinho não terá escondida uma finalidade de reabilitação do papel social dos velhos na sociedade setecentista? Não terá sido esta disputa poética um ensaio que chamava a atenção para a importância do tema poético da velhice ou foi apenas um curioso resultado das sociabilidades literárias do século XVIII?

## Capítulo IV

### Figurações disfóricas da velhice: Um tratado poético e melancólico

Deve ser da velhice, é muito possível. Viver do espírito quando já se não tem corpo para acompanhar. Na velhice já todo o real se esgotou, o que fica dele é a imaginação ou um divagar sem consistência, farrapos soltos à deriva.

Vergílio Ferreira, *Em Nome da Terra* (2009)

Se, no capítulo anterior, testemunhámos uma encenação poética fecunda entre os dois poetas na sua longa “Controvérsia”, enfatizando o contraste de duas mundividências distintas, nas restantes secções de *Poesias* deparamo-nos com um registo poético, por regra, mais circunspecto e até meditativo, no que respeita à poesia da velhice.

Sabemos que, no conjunto poético supracitado, o Abade dissertou sobre essa entidade nefanda que é a velhice, mais concretamente poetizou “os largos anos” de Teodoro de Sá Coutinho, num afastamento quase estratégico de alguém que é mais jovem. Examinando as restantes composições extra “Controvérsia”, encontrarmos um sujeito poético que oferece uma reflexão mais distanciada do mundo quotidiano, onde as apreciações à “avarenta idade” (I,117) são feitas na primeira pessoa, situação que ocorreu unicamente nos dois poemas da “Controvérsia” que mencionámos atrás.

No presente e último capítulo deste trabalho de investigação, pretendemos dedicar a nossa atenção à forma como o Abade de Jazente representou poeticamente a senescência, na sua acepção disfórica, em razão de poucos poemas exprimirem os proveitos ou os benefícios de chegar à velhice.

A análise do restante *corpus* antológico, composto por 28 poemas (22 poemas do tomo I e 6 poemas da secção “Sonetos de Paulino Cabral de Vasconcelos” do tomo II), vai permitir-nos continuar a efectuar uma reflexão em código literário, examinando o conceito de senectude em toda a sua espessura poética, inferindo, de antemão, a matiz melancólica e *espectacular* que atravessa todas estas camadas.

Os poemas em apreço traduzem, de forma muito clara, a relação da velhice com uma complexidade de “estratos” e variações gerontológicas que importa aqui enumerar: um plano físico ou fisiológico, um plano psicológico ou emocional, um plano afectivo e um plano de exterioridade vs interioridade, que representam cada secção deste capítulo.

#### IV.1. A fatalidade do Tempo e a erosão do corpo

##### Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
- Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

Cecília Meireles, *Viagem* (1939)

Nas suas *Cartas a Lucílio*, Séneca dissertou também sobre a velhice, trazendo ao debate a relação do Homem com o Tempo: “A velocidade do tempo é infinita, e só quando olhamos para o passado é que temos consciência disso” (1991, Carta 49.2). É, de facto, na longa idade que o Tempo costuma acentuar uma gravidade que não tinha numa idade mais precoce, sendo realçados os efeitos e as consequências da sua passagem. Escreveu ainda o estoico romano que “Habitualmente não me parecia tão veloz a passagem do tempo; agora, porém, parece-me incrivelmente rápida, talvez porque sinto aproximar-se o fim, talvez porque passei a dar-lhe atenção e a avaliar o desgaste que em mim provoca (Carta 49.4).

Desde os primórdios da literatura e da filosofia, o Tempo (assim como outras entidades adversas: Fado, Destino ou Fortuna, também presentes na poética do século XVIII) é geralmente conotado com uma carga muito pessimista. Na mitologia grega, por exemplo, o poderoso Cronos (etim. Tempo) ingeria os seus próprios filhos, para que nenhum subisse ao Trono olímpico, usurpação que o próprio já cometera com o seu velho pai Úrano. O Tempo é, desde cedo, caracterizado por ser uma entidade falaz e sem escrúpulos, que tudo destrói e consome.

Esta relação de pouca cordialidade do Tempo para com os humanos aparece amiúde ancorada à tematização da velhice, seja pela sua efemeridade e irreversibilidade ou pelo sentido de finitude da vida, como bem traduziu Séneca.

Na nossa “Antologia da Velhice”, o primeiro poema em que há referência inequívoca ao Tempo, é precisamente um daqueles raros exemplos em que o sujeito jazentiano se refere à velhice de outrem, sem ser a de Teodoro. De forma muito jocosa e mordaz, o eu lírico repreende a “Senhora Nize” (veja-se a forma de tratamento que utiliza com a sua tão íntima Nize), pois “a verde mocidade / Já lhe tem dito adeus, tenha paciência”. A bem da verdade, acrescenta ainda que

Tudo o tempo destrói: e esta verdade  
Principia a chorar vossa Excelência;  
Quando não, meta a mão na consciência  
E mostre a certidão de idade.

(I,59)

Num lirismo quase cómico, o sujeito poético censura e ridiculariza a mulher velha, porque esta quer continuar a frequentar as “Danças altas”, as assembleias e os jogos: “Olhe que já por si murmura a gente”. Entre outros “preconceitos” epocais, está subentendida outrossim que a beleza é transitória e fugaz, e o tempo implacável extorque toda a formosura humana. Neste recado chistoso, o sujeito defende que a felicidade e as sociabilidades lúbricas não são para as velhas, mas sim para as jovens, numa clara tonalidade aristotélica. Além disso, as pessoas já murmuram e isso não é positivo para uma mulher da sua idade.

Noutro poema, desta feita encomiástico, dedicado ao aniversário do “sereníssimo Senhor D. Gaspar, Primaz de Braga”, o sujeito elabora uma nova reflexão poética sobre o Tempo e os seus efeitos, elogiando D. Gaspar, na chave de ouro, como fez várias vezes com o amigo Teodoro: “Só os Heróis se isentam dos seus danos: / Pois logram durações da eternidade, / Como Gaspar as logra nos seus anos” (I,146)<sup>31</sup>.

Na mesma composição, é utilizado o habitual recurso retórico da enumeração para enfatizar e particularizar os efeitos nefastos do tempo: o tempo “a Terra alaga”, “As águas seca”, “os ares evapora”, “O fogo extingue”, “Peitos penetra”, “corações devora”, “vidas engole” e “tudo enfim estraga”. O tempo é um inimigo voraz e fatídico e nada resiste à sua acção destrutiva. O que é interessante nesta lista de danos é que o sujeito consegue sintetizar este temor em dois versos: “Da trémula velhice à mocidade / Lhe vivem tão sujeitos os humanos”, mostrando que do berço à cova, tudo e todos o temem.

Quando se fala na transitoriedade ou na irreversibilidade do tempo, estabelecemos, de imediato, novos diálogos intertextuais, que enriquecem a poética de Paulino Cabral. Desde logo, lembramo-nos da proximidade temática e retórica com a lírica camoniana, na sua vertente maneirista: o eu lamenta as duras penas do Tempo e do Fado. Por outro lado, é inevitável voltar à Antiguidade Clássica, recuperando o pensamento de Virgílio, que, nas suas *Geórgicas*, nos diz “Sed fugit interea fugit irreparabile tempus” (2019, III, 284), ou seja, o tempo é fugidio, é rápido e é irrecuperável; o tempo é o devorador da beleza e dos tempos felizes e, como está sempre à espreita, projecta uma angústia permanente, pela razão da antevisão da decadência.

Esta referência à efemeridade do belo articula-se, muito proximamente, com a questão do corpo, vítima predilecta deste assaz inimigo do ser humano. Diz-nos o eu poético que “O tempo voraz nos despedaça: / Roubou-me o brio do peito, ao rosto a graça, e nada me deixou de realidade” (I,183). A sua imagem física está modificada,

---

<sup>31</sup> D. Gaspar de Bragança, de quem se refere Paulino Cabral, parece ter sido o segundo dos meninos de Palhavã, tendo sido designado Arcebispo Primaz de Braga. Nasceu em 1716 e faleceu no mesmo ano de Paulino Cabral, 1789.

dissemelhante da imagem que considerava autêntica, experimentando, inquestionavelmente, as consequências do envelhecimento físico.

Neste contexto, Miguel Tamen observou que há nos poemas da velhice um “claro substracto fisiológico”, onde “não é jovial o tom dominante” (1983, p. 45). Encontramos, com efeito, um “realismo descritivo” (Pontes, p. 471) da corporeidade, que se conjuga com uma expressão poética tonante e desbocada dos sentimentos, pela consciência aguda da impossibilidade de escapar à passagem do tempo, à roda da Fortuna, ao Destino, ao Fado.

Isabel Medeiros Alves (2011) refere que “Corpo e tempo entrecruzam-se no devir do envelhecimento, e das formas desse entrecruzamento nascerão várias velhices” (p. 24). Ora, este binómio conceptual ocupa algum espaço poético no drama jazentiano, nomeadamente nestes poemas, onde não existe outra alternativa que não seja a decadência. Não há propriamente “outras velhices” nesta poética mais árida de Paulino Cabral, nem espaço para a metafísica ou para Deus.

Em Jazente, a degenerescência física, consequência dos efeitos do tempo, tende a ser apresentada de forma muito dramática. Como vimos na “Controvérsia”, o eu revolta-se contra o Tempo e cataloga as consequências físicas da senectude. No poema II,70 lamenta: “Subjuga o tempo indómitos pescoços, / e com dente voraz, perpétua fome, / Nos arranca, nos traga, e nos consome / Os cabelos, a pele, a carne, os ossos”. No poema II,72, semanticamente próximo (“Nos arranca, nos rói, traga, e consome / Os cabelos, a carne, a pele, os ossos”), revolta-se contra “O Tempo apurador dos membros nossos” que tudo destrói “Para dar alimento à própria fome”.

Nesta insurreição do eu, não é utilizada uma linguagem metafórica ou eufemística para descrever os diversos sintomas e manifestações do corpo envelhecido. Destacamos, a este propósito, o recurso ao assíndeto que enfatiza os efeitos do tempo:

Despedaça, desfaz, devora e come,  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos?  
(II, 70)

Desbarata, destrói, desfaz, consome  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos.  
(II,72)

Voltando ainda, muito rapidamente, à “Controvérsia”, nos dois únicos poemas em que Paulino Cabral fala da velhice em 1ª pessoa, a descrição dos sintomas físicos é igualmente impressionável, pelo que optamos por citar as seguintes quadras:

Já, Teodoro, o cabelo me embranquece,  
Parte me cai, e parte se arrepiã,  
Encrespa-se-me o rosto, e principia  
O Tempo a declarar que me anoitece.

Tarda-me a mão, a planta se entorpece,  
À vista dos meus olhos se desvia;  
Tudo me enfada, tudo me enfastia,  
E tanto que até Nize me aborrece  
(II, 78)

Eu nunca imaginei, que em mim se visse  
Despovoada a boca, e calva a frente:  
E posto em termos tais, que finalmente  
Imagem da infeliz velhice.  
(II 80)

No poema I,183, o eu despede-se de Nize, pois na sua idade (“lustros doze” ≈ 60 anos) “Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa, / É só resto infeliz da humanidade”, lamentando que nem o amor é competente na “larga idade”, como veremos em IV.3. Além dos conceitos de decadência e finitude, estes poemas exibem o cepticismo angustiado de um sujeito que rejeita a experiência da longevidade, na medida em que os seus efeitos são abomináveis e indesejáveis: deturpam o corpo, a beleza física e impossibilitam qualquer vislumbre de felicidade.

Note-se também, a este propósito, a preocupação reiterada com a mão, que nos faz lembrar Eugénio de Andrade: “tarda-me a mão” (II,78), “Torpe a mão” (I, 83), “tarda a mão” (I,228). Esta repetição poderá ter diversas funcionalidades, nomeadamente o sentido utilitário deste órgão, um sentido erótico ou expressar semanticamente o desalento de quem já não consegue escrever ou ter interesse pela poesia, como antes. A reflexão crítica que António Manuel Ferreira faz no seu estudo sobre o poeta portuense estabelece um paralelo com a visão da decadência que Paulino Cabral deixa transparecer nos seus versos. O crítico explica que a metáfora da mão que envelhece tem efeitos no “homem e nas suas circunstâncias existenciais”, pois na verdade “A mão que escreve, que acaricia, que estabelece o contacto com os seres e as coisas vai

permitindo o enfraquecimento dos elos que ligam, numa totalidade coesiva, o homem, o mundo e a poesia” (2005, p. 60):

O trabalho das mãos

Começo a dar-me conta: a mão  
que escreve os versos  
envelheceu. Deixou de amar as areias  
das dunas, as tardes de chuva  
miúda, o orvalho matinal  
dos cardos. Prefere agora as sílabas  
da sua aflição.  
Sempre trabalhou mais que sua irmã,  
um pouco mimada, um pouco  
preguiçosa, mais bonita.  
A si coube sempre  
a tarefa mais dura: semear, colher,  
coser, esfregar. Mas também  
acariciar, é certo. A exigência,  
o rigor, acabaram por fatigá-la.  
O fim não pode tardar: oxalá  
tenha em conta a sua nobreza.

Eugénio de Andrade, in *Ofício de Paciência*

Quer em Eugénio, quer em Paulino, a mão é o primeiro órgão a apresentar fadiga e a sentir o desgaste da vetustez, disseminando-se pelo resto do corpo.

Também é curioso perceber que há no sujeito jazentiano uma outra expressão que decorre do seu processo de revolta contra o declínio corporal e que, de alguma forma, propõe um novo diálogo intertextual com o canto, a claridade e a música que o Eugénio de Andrade também invocava muito nos seus versos. Nas descrições pungentes sobre a senescência, o clérigo amarantino emprega algumas expressões relacionadas com a música e com voz, apesar da sua tonalidade ser eminentemente disfórica, nestes poemas da velhice: “Ocultar quero a cítara sonora, Onde nunca mais veja a luz do dia” e “Rouca a voz, tarda a mão, e a ideia fria” (I,228); “Porque já rouca a voz, e a mão fria, / Perde, se canta, a doce melodia” (II, 159); “a voz se me enrouquece, / E não sustenta a melodia” (II,160).

Mais uma vez, fica bastante evidente o sentido fisiológico da senescência, embora cada composição poética seja varrida por uma angústia latente nesse sujeito

que tenta acomodar-se às suas perdas e que quer calar o seu canto (“Ocultar quero a cítara sonora”).

Numa outra perspectiva, esta recusa ao canto e à melodia alegre remete-nos novamente para a intertextualidade camonianiana. Nas redondilhas “Sôbolos rios que vão” (arquitexto do Salmo 137), há uma resignação letárgica do sujeito, que se remete ao silêncio do canto (“Nem na fruta cantarei / o que passo, e passei já, /nem menos o escreverei”) perante o “mal presente”, que é a terra do exílio (“antes moura (...) que cante” - Quintilha 32, Camões, 2012). A fragilização do corpo, a recusa ao canto e o não-lugar em que se tornou o presente, condenam o velho jazentiano ao silêncio, porque não se canta quando e onde não se é feliz.

Se é através do corpo que o homem experiencia uma parte da sua vida e sente o Outro, é natural que o sujeito faça um balanço pessimista do seu presente, através de um canto de revolta, notório em várias composições. No entanto, esse canto fragoroso vai perdendo o seu vigor ao longo da tessitura dos poemas, até se remeter ao silêncio, que constitui, a nosso ver, uma resignação do sujeito. Defrontamo-nos, portanto, com um eu envelhecido que se sente impotente e débil face à voracidade do Tempo. O seu discurso não dá seguimento ao rasgo inicial de alguns poemas, caindo na soturnidade e numa certa estagnação. Por esse motivo, os versos podem ser desconcertantes e desvelam um misto de revolta e letargia:

Dos anos a contínua concorrência,  
Pouco a pouco destrói todo o vivente.  
A fera mais robusta, gado, a gente,  
E a planta de mais forme corpulência.

Abate até dos montes a eminência:  
Gasta os duros metais: ultimamente  
Não há cousa no mundo tão valente  
Que forme contra o tempo resistência.  
(I,223)

Outro tópico relacionado com a vetustez corporal é o amante queixar-se de que o corpo o impossibilita de amar (veremos mais à frente). A enumeração destas perdas é acompanhada por descrições revoltadas contra as consequências do desvanecimento do erotismo (Tamen, 1983, p. 46), concomitantes com uma aceitação silenciosa, As

manifestações físicas da senectude são marcas acumuladas pelo passar do tempo, causadas pela sua crueza, confluindo no envelhecimento do corpo. No plano físico, o sujeito não se reconhece e rejeita o seu aspecto exterior e as suas feições, numa regularidade inesperada: “O aspecto de mim mesmo me horroriza” (I, 158); “Roubou-me o brio ao peito, ao rosto a graça, / E nada me deixou de realidade” (I, 183); “Esse tempo acabou; fica-te embora” (I, 203).

O envelhecimento do sujeito é de tal forma vivífico que se reifica num corpo que o leitor consegue visualizar. Neste plano mais fisiológico, o eu descreve a velhice como um processo que se entranha, que se torna *coisa* presente, uma pele da qual não ele se pode livrar, nem mesmo através da poesia, o veículo mais directo para exprimir o seu penar. O corpo é de tal forma caricaturado, nos poemas de Paulino Cabral, que se assemelha aos despojos de uma festa grandiosa, cujas sobras já ninguém quer: “Apenas me conserva por figura, / Que mereça por última decência / O nicho que lhe forma a sepultura” (I, 183). Há, por isso, um estranhamento, mas simultaneamente uma desapropriação do próprio corpo, que se encontra ao abandono.

Gostaríamos de mencionar ainda que a análise da fugacidade do Tempo traz à luz duas perspectivas pertinentes: por um lado, acalenta a ideia horaciana do “*carpe diem*”, em que se deve viver a vida com voracidade (ideia também herdeira do pensamento barroco), porque ela é curta e “*tempus fugit*”; por outro, esta análise da finitude do corpo confronta o eu com o arrefecimento do seu calor essencial (Aristóteles), até à caducidade da sua existência. O tempo e os “largos anos” trazem consigo o prémio envenenado da labilidade física e a conseqüente erosão do corpo.

Antes de finalizar, propomos um novo exercício de intertextualidade, regressando aos textos da Antiguidade Clássica, de forma a apreciar alguns exemplos de como a velhice foi igualmente depreciada, pelos males físicos e pela fragilidade que acarretava.

Se recuarmos até aos *Hinos Homéricos*, o “Hino a Afrodite V” confirma a ideia de que até os deuses abominavam a “funesta velhice”, como bem ilustra o mito de Títono, desenvolvido a partir do verso 219 (*apud* tradução de Lima, 2005):

Da mesma maneira, a Aurora de trono de ouro raptou Titono, da vossa raça, semelhante aos imortais. E foi pedir ao Crónida de nuvens sombrias que ele fosse imortal e vivesse eternamente. Zeus inclinou a cabeça e realizou o seu desejo. Que insensatez! Não pensou no seu espírito, a venerável Aurora pedir a juventude e afastar, para longe, a funesta velhice. (vv. 219-224)

O resultado deste pedido equivocado conduziu ao eterno envelhecimento do amante, que é abandonado depois de velho, por causa da vergonha sentida pela deusa.

Mas, depois que os primeiros cabelos começaram a branquear e se espalharam sobre a sua bela cabeça e a sua barba de raça nobre, afastou-se da sua cama a venerável Aurora. (...)

Mas se pudesses viver com esta beleza e este aspecto e ser chamado meu esposo, jamais a dor envolveria o meu coração forte. Mas a verdade é que a velhice cruel depressa te envolverá, implacável, que logo vem acompanhar os homens, funesta, penosa, e que os próprios deuses temem. (vv. 226-246)

Safo ensaiou um diálogo intertextual com o mito, ao enumerar os infortúnios da sua própria velhice: a perda da beleza, a diminuição das forças físicas, o surgimento dos cabelos brancos e a fatalidade do envelhecimento a que os humanos não podem fugir. O último fragmento deste poema foi encontrado em 2004 (fragmento P. Köln 21351, P. Oxy. XV 1787, fr. 58 PLF):

Vocês, crianças, as dádivas das Musas de colo violeta  
Estimem e a límpida lira, querida dos poetas:  
A mim o corpo que outrora era delicado, agora a velhice  
O atacou, de pretos se tornaram brancos os cabelos;  
pesado se me tornou o coração, as pernas não me suportam  
Essas antes leves na dança, como corças.  
Muitas vezes o lamento. Mas que se há-de fazer?  
Um humano que não envelheça é impossível de acontecer.  
Pois outrora, diziam, Titono, a Aurora de róseos braços, (...)  
Era belo e jovem; mas a ele colheu, com o tempo,  
cinzenta velhice, mesmo tendo uma imortal por esposa.

(Safo, 2012, p. 96)

Além de retratar a substituição das gerações dos velhos deuses pelas gerações mais jovens que usurparam o poder, Hesíodo vai personificar a “velhice funesta”, na sua *Teogonia*. A divindade “Geras” (Γῆρας) é filha da Noite (Nύξ) (que é filha do Caos), que

é mãe de outras abstrações divinizadas: o “Destino assustador”, “o negro Fim”, a Morte, o Sono, os Sonhos, as Moiras, as Keres, a Discórdia ou a Némesis, todos irmãos da “Velhice”. No fundo, são entidades muito pouco favoráveis ao mortal e com as quais ele se confronta, ao longo da sua existência (2005, vv. 116-133; v. 225). Os efeitos de “Geras” eram, por isso, temidos por todos, estando apenas os deuses livres da sua ação. N’ *Os trabalhos e os dias* (2005), Hesíodo designa a velhice como um dos males/castigos associados a Pandora, consequência da vingança de Zeus para com os homens (mito de Prometeu).

Entre os dramaturgos da tragédia, salientamos um excerto de *Édipo em Colono*, de Sófocles (Séc. V a.C.), que também amaldiçoa o Tempo com a sua mão pesada:

Édipo – Filho de Egeu caríssimo, somente aos deuses / não cumpre envelhecer nem conhecer a morte; o mais, tudo apaga o tempo onnipotente. / Fenece a força da terra, esvai-se a do corpo, / morre a confiança, germina a deslealdade, / e não é o mesmo espírito que passa entre os homens, / que se estimam, nem de uma cidade para outra. / Ora é amargo o que era doce, ora o será / de futuro, e de novo voltará a apreciar-se. (2003, p. 84, vv. 607-615)<sup>32</sup>

Por fim, recuperamos dois versos lancinantes de Mimnermo que, segundo Frederico Lourenço (2020), foi um dos grandes mestres arcaicos da elegia (séc. VII a.C). Segundo o tradutor, embora se conheçam poucos fragmentos, o poeta escreveu sobre “a caducidade da felicidade humana, o prazer do sexo, a transitoriedade da beleza física, a tristeza da velhice: nunca estes temas granjearam tocar-nos com tanta delicadeza e perfeição moral como os [seus] versos elegíacos” (p. 69):

(fr. 3 W)  
Homem que antes fora lindíssimo, quando passou a hora,  
Apesar de pai, nem para os filhos é honrado e amado.  
(2020, p. 73)

---

<sup>32</sup> Excerto traduzido pela Professora Maria Helena da Rocha Pereira, in *Hélade. Antologia de Cultura Grega*, 2003, p. 284.

## IV.2. O solilóquio da memória: A arte da melancolia

Como se morre de velhice

Como se morre de velhice  
ou de acidente ou de doença,  
morro, Senhor, de indiferença.

Da indiferença deste mundo  
onde o que se sente e se pensa  
não tem eco, na ausência imensa.

Na ausência, areia movediça  
onde se escreve igual sentença  
para o que é vencido e o que vença.

Salva-me, Senhor, do horizonte  
sem estímulo ou recompensa  
onde o amor equivale à ofensa.

De boca amarga e de alma triste  
sinto a minha própria presença  
num céu de loucura suspensa.

(Já não se morre de velhice  
nem de acidente nem de doença,  
mas, Senhor, só de indiferença.

Cecília Meireles, *Antologia Poética* (2002)

Além da deterioração física e da perda de energia vital, é comum aliar a senilidade a consequências do foro psíquico e emocional. A nosso ver, estas são “doenças” de outro nível e não apenas sintomas que dependem directamente das “doenças do corpo” de Miguel Tamen.

Quando relaciona Simone de Beauvoir e Vergílio Ferreira perante o tópico da velhice, Marie Helène Piwnik considera que, nas obras estudadas, a velhice implicava igualmente uma “debilitação afectiva, porque também o coração está infectado, porque a morte que espreita apaga os momentos felizes (...) e acarreta a indiferença” (2005, p. 32).

Noutro estudo literário sobre “*Ser Velho em As Visitas do Dr. Valdez de João Paulo Borges Coelho*” (2011), Isabel Medeiros Alves chama a atenção para um aspecto essencial neste tipo de investigação sobre a longevidade: “O tempo cronológico é irreversível, descartável; o tempo psicológico é ruminante, recorrente” (p. 22). É neste “invólucro” de emoção que o passado é carregado, o que nos permite revivê-lo

continuamente, “e não extirpá-lo da memória” (ibidem). As suas consequências, como veremos, podem ser deleitosas, porém aterradoras, já que a memória tem essa dupla capacitação.

Ao analisarmos o *corpus* de investigação, compreendemos anteriormente que um dos efeitos da passagem irreversível do Tempo é o enfraquecimento do corpo. Esta fragilidade, aliada a diversas perdas, provoca uma desagregação interior do sujeito, cujas manifestações poderão ser diversas, nomeadamente a miscelânea de sentimentos e sensações disruptivas como a solidão, o desânimo, a melancolia, o receio da morte e o confronto com o passado.

A experiência disfórica do velho jazentiano reclama, para si, estas doenças da *psiquê* (expressão da minha autoria, por relação à expressão de Tamen, 1983). Em primeiro lugar, se compararmos o poeta da facécia e da sátira fácil, o Abade “pintalegrete” frequentador dos salões literários do Porto (*vide* Cap. I), notamos que os poemas sobre a velhice adquirem uma espessura de intimidade distanciada da escrita sobre o quotidiano ou sobre a sociedade. O discurso poético sobre a velhice é um discurso carregado de “bordões” que associamos habitualmente às pessoas velhas: o discurso dos múltiplos padecimentos, o lamento pela decadência física e pela beleza perdida, passado que não volta atrás e a resignação.

Em Paulino Cabral, a escrita sobre a vetustez está imbuída desta fragilidade emocional, que traz à poesia um tom quase diarístico, não no sentido do quotidiano que vimos no estado da arte (Mourão-Ferreira, 2004), mas um registo diarístico confessional onde a dor é vertida (e, simultaneamente, alimentada). Não se trata aqui de equacionar se os versos são ou não autobiográficos, mas de apreciar o discurso poético *per se*. Como mencionou Miguel Tamen, o que ocorre nestes poemas é que “a velhice se converte em modo de escrever, em discurso” (1983, p. 4) e é aí que surge uma *persona vetula* e não necessariamente o eu biográfico do Abade de Jazente.

Existe, portanto, um presente de angústia e insatisfação que conflui com o tempo da memória, permitindo ao sujeito uma reflexão sobre o passado. Apesar de algumas composições se assemelharem a reflexões casuísticas, há uma consciência muito funda das mudanças que a idade operou (“Tudo se muda”, I,167). Uma das formas de *movere*

o leitor passa, então, pelo cotejo iterado das “Doces lembranças da passada glória” (I,187), tempo muito diferente do presente pesaroso em que “A trémula velhice me embaraça” (I,199).

No poema a seguir, a *persona lírica* faz um contraste exemplar entre o passado e o presente. Através da epígrafe, podemos, eventualmente, datar a composição no intervalo entre 1783 (data da resignação) e 1786 (data de publicação do tomo I), o que acontece muito raramente em *Poesias*.

*(Depois que o Autor renunciou o seu benefício.)*

Eu, que junto à Cabana, em que vivia,  
Tive uma rica Ermida: e afortunado  
Ovelhas tantas tive, que o montado  
Com elas branquejar alegre via:

Eu, que tive prazer, tive alegria,  
Tive nome entre os mais; eu desgraçado,  
De quanto tive agora despojado,  
Não tenho nada mais, que a noite, e dia:

Eu mesmo deixei tudo: e unicamente,  
A saudade nos cofres da memória  
Com disvelo guardei, mas imprudente;

Pois lendo nela a minha triste história,  
Me fazem ser mais duro o mal presente  
Doces lembranças da passada glória.  
(I,216)

Num tom de imitação arcádica aos modelos clássicos<sup>33</sup>, o poema faz-nos lembrar, uma vez mais, os cantos camonianos do exílio, que cantavam o “bem passado” e lamentavam o “mal presente”<sup>34</sup>. Este homem proscrito, porque envelhecido, vai construindo uma distopia (etimologicamente um lugar de dor e infelicidade), onde vai urdir um solilóquio, cujas evocações expressas em primeira pessoa revelam um sentimento de autocomiseração, o desespero desta condição, a fragilidade do corpo e

---

<sup>33</sup> Relembre-me, a este propósito, a “Dissertação Terceira” de Correia Garção (1982, pp. 131-138), que incentiva a imitação dos clássicos portugueses.

<sup>34</sup> Estas duas expressões, bastante usuais nos estudos camonianos, foram retiradas dos sonetos camonianos “Lembranças, que lembrais meu bem passado” e “Doces lembranças da passada glória” (Camões, 2012).

a solidão que sente na aldeia remota do Marão, rodeado da “gente bruta” que ali habita (I,158).

Nestes poemas da velhice, estão prementes sentimentos negativos em relação à decadência física, à ausência de esperança no futuro, ao tédio instalado, à ausência dos velhos hábitos (“O Jogo, o Amor, a mesa, as Musas belas”, I,138), à ausência de alteridade, à escassez de projetos de vida e à ausência de significado da sua vida, confluindo numa mundividência melancólica e de desamparo primordial, ao jeito freudiano. Encontramos uma profunda descrença nos benefícios que a velhice possa trazer, porque ela representa uma “antecâmara da morte” (Martins, 2005, p. 45). Este sujeito, um *homo melancholicus*, é um velho que vive exilado dentro de si, vivendo de um “mal de ausência”, de acordo com as palavras de Carlos André, em *Mal de ausência – o canto do exílio na poesia humanista* (1992), e Vítor Aguiar e Silva, no ensaio “As canções da melancolia: aspectos do Maneirismo de Camões” (1994).

A poetização da senectude, em Paulino Cabral, é exposta de forma merencória e angustiosa. A velhice está carregada de um cepticismo e de uma impotência (Pontes, p. 476) que se retroalimenta com o seu combustível essencial: a melancolia. Já Freud explicava que “A melancolia se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda a atividade” (2020).

O sujeito melancólico, agora iluminado por Saturno, inicia uma empreitada pelos recantos da memória, numa tentativa de resgatar o triunfo da vida jovial, recordando os prazeres e as exaltações que compunham a sua identidade. Do ponto de vista discursivo, este balanço é feito num tom pungente, sendo apresentada a contraposição e a concomitância destes dois tempos no mesmo poema, o que é bastante interessante do ponto de vista da construção poética do discurso da velhice. Senão vejamos:

Discreto Alberto, a tua mocidade  
Junta à minha velhice bem podia  
Formar uma terceira melodia  
Nem toda flor, nem toda austeridade.

O mundo então com grata novidade  
Talvez que os nossos versos ouviria;

Que o gelo meu, e o teu ardor faria  
Uma bem concertada variedade.  
(I,179)

O ritual da memória terá o papel essencial de presentificação do passado, na medida em que parece ser a única salvação do esvaziamento interior do sujeito. O refúgio nas recordações passadas torna-se um meio de escapar à decadência da velhice e de dar sentido e significado ao presente. A revisitação melancólica do passado, todavia, acarreta muito sofrimento, porque é através da memória que o eu jazentiano tenta recuperar a “perda originária da coisa amada”, como nos explica Aguiar e Silva, a propósito do Maneirismo camoniano: “a poesia da melancolia se apresenta como uma história de um tempo perdido, como a história de uma perda, de uma dissipação, de uma ausência” (1994, p. 223). E diz-nos Paulino Cabral: “Mas já hoje da guerra estropiado / Só conservo na vaga fantasia / Estas tristes memórias do passado” (I,102).

Este sujeito vetusto vive, portanto, num cárcere, desde logo o cárcere do corpo envelhecido, mas também num cárcere topográfico, representado por alguns *loci* poetizados:

Tudo o mais é deserto inabitado,  
Despenhos, precipícios, soledade,  
Que só pode oferecer comodidade  
Para algum infeliz desesperado.  
(...)  
E, então, estupefacto, mudo e quedo,  
Assim'estou com meus males aturdido;  
Qual junto de um penedo, outro penedo.  
(I,9)

O velho poético é, simultaneamente, vítima e testemunha, porque usa a sua *pena* (chamo à atenção para a polissemia do lexema) na criação poética: por um lado, para exorcizar a dor (*pena*) constante que sente, encontrando alguma serenidade; e por outro, para extravasar a melancolia sem refrigério que corrói o seu coração. Dito isto, a memória assume um papel catártico, assim como a poesia: “hoje a Poesia/ em lugar de esquentar-me me arrefece” (I,160).

A memória é, neste contexto, um espaço de contradição, porquanto o gozo do passado venturoso se opõe à irreversibilidade da condição do presente, onde o corpo

se degrada e a morte se aproxima. É este, aliás, um dos tópicos mencionados nas redondilhas de Babel e Sião, que vimos atrás (Camões, 2009, p. 101): há uma relação intrínseca entre o “mal presente” e o “bem passado”, desenhada por um caminho de errância melancólica entre estes dois tempos/lugares. Na formulação poética de Paulino Cabral, esse trilho entre dois pólos é um percurso árido e carregado de solidão, desesperos intensos, sombras e desistência da vida, como verificamos no poema a seguir:

De que serve viver se tanto custa?  
É toda uma tormenta a nossa idade;  
Louca na infância, vã na mocidade,  
E cheia de aflições na mais robusta.  
(...)  
Valha-nos Deus! Se toda a vida é pranto,  
Se acaba só na morte o seu tormento,  
De que serve viver, se custa tanto?  
(I,135)<sup>35</sup>

O eu lírico jazentiano vive, por conseguinte, entre os louvores do passado (“*Laudator temporis acti*”, defeito que Horácio aponta aos anciãos, em *Ars Poetica*, 173) e o horror da sua situação presente:

Quando vejo a idade submergida  
Passo no triste horror deste deserto;  
De negro luto o coração coberto  
Os olhos meus a lágrimas convida.  
(I,7)

Todo o campo lexical e semântico inerente à velhice está carregado de soturnidade, assim como as múltiplas enumerações dos males que a senectude acarreta, prevalecendo uma apreciação profundamente distópica: a sentimentalidade arrebatadora, os conflitos existenciais e o sentido agónico de vida, conjugados numa arte melancólica deveras expressiva.

Rosário Pontes sublinha que a poesia de Paulino Cabral apresenta “alguns acentos de fragilidade romântica”, destacando que “para lá dos acentos horacianos e da

---

<sup>35</sup> Parece-nos importante frisar que este é um dos poucos poemas onde são utilizados lexemas de índole religiosa: “Céu” e “Deus”.

defesa de um evidente epicurismo rústico, se observam sintomas de uma consciência aguda de um «mal de viver» (2002, p. 417), como vimos.

Na verdade, são muito frequentes os assomos sentimentais que arrebatam o sujeito jazentiano, o que, poeticamente, pode justificar quem defende que o poeta se afastou do registo da prescrição arcádica ou de algumas notas barrocas nos seus poemas da velhice. A expressão da autora pode resultar com alguma justiça, uma vez que a leitura de certas composições parecem remeter-nos para um “mal de viver” finissecular, semelhante à transição poética vivida no Maneirismo renascentista.

Nos trechos seguintes, o eu lírico evoca imagens de desespero e dor lancinante, num registo confessional e intimista que adensa o humor melancólico que se impregna no significado do que é ser velho, como se o corpo do ancião fosse tomando, paulatinamente, a postura da famosa gravura de Dürer: *Melancholia I* (1514).

Em nada encontro alívio: na Cidade  
Me enfada a confusão, e retirado  
Das montanhas me assombra a soledade.  
(I,7)

E é tão tenaz a dor que me trespassa,  
Que um instante de mim se não desvia.  
(I,21)

Que é tão mesquinha a humana sorte,  
Que para persuadir-me da verdade,  
Não basta a vida, é necessária a morte.  
(I,152)

Pois por mais que ele corra, e mais que faça,  
Nunca se pode extinguir o meu tormento.  
(I,223)

Eu, convertendo agora o riso em pranto,  
Arrastando os grilhões, como a mais gente.  
(II,114)

Embora não seja objecto de estudo nem a perspectiva que orienta o nosso trabalho, por considerarmos redutor encastrar um autor em determinado *lugar* periodológico, faz-nos sentido, neste momento, sintetizar alguma informação que alia o Abade de Jazente à nova “estética da sensibilidade” (Delille, 2006): o Pré-Romantismo.

Autores como Jacinto do Prado Coelho (1961a e 1985), António José Saraiva e Óscar Lopes (1975), António Manuel Machado (1979), e Zenóbia Collares Moreira (2000) ou Maria Manuela Delille (2006) estudaram o caso português e colocaram Paulino Cabral e João Xavier de Matos, seu companheiro da Arcádia Portuense (Lopes & Saraiva, 1975), numa primeira fase pré-romântica, transição poética que nem os próprios teriam consciência.

Jacinto do Prado Coelho (1970) defende a hipótese de que os elementos pré-românticos de João Xavier de Matos (não inclui no seu estudo o Abade de Jazente) viriam de um Barroco retardatário, impregnado de lirismo camoniano, veiculado pelas *Rimas* da Musa Negra de Pina e Melo. Na verdade, tanto João Xavier de Matos como Paulino Cabral viveram durante muitos anos do século XVIII, tendo curiosamente vindo a falecer no ano de 1789.

Álvaro Manuel Machado (1979) assinalou que o Pré-Romantismo português foi um produto híbrido sem grande alcance, uma vez que as influências estéticas se misturavam, sem qualquer doutrinação inerente, como aconteceu no Neoclassicismo ou no Romantismo do século XIX:

Destes elementos conjugados a partir de uma base de educação retórica que espartilha a criação poética do século XVIII, levando à imitação dos clássicos mesmo quando predominava uma exaltação grandiloquente dos sentimentos, nasce portanto o nosso pré-romantismo, produto híbrido e que na sua hibridez não chegou sequer a ter alcance mundial. (Machado p. 45.)

Com o distanciamento necessário para abordar estas questões periodológicas, não é difícil reconhecer que o Abade de Jazente, provavelmente impregnado pela reminiscência de uma poética camoniana maneirista, de uma poética barroca que ainda perdurou ao longo do século XVIII, e por um neoclassicismo prescritivo que lhe depurou da língua e a poesia, tenha transposto “os umbrais de um novo estilo literário, fundamentado numa estética dos sentimentos e da liberdade da expressão poética, que atravessaria, quase clandestinamente e inominado, todo o período neoclássico” (Moreira, p. 253). No fundo, e isto é que é verdadeiramente importante, o poeta teve o privilégio de beber da inestimável riqueza literária do século XVIII, criando uma forma singular de exprimir os motivos literários que o inspiravam.

Para finalizar, mencionamos que David Mourão-Ferreira sugeriu que a chegada da melancolia trouxe consigo “outra dimensão” e “outra espessura” à obra de Paulino Cabral, fazendo nascer uma “personagem” nova que faz um “desencantado balanço à sua vida” (2004, p. 309). O crítico aponta ainda que terá havido uma “alteração no discurso poético”, resultando nesta poesia emocional e introspectiva cujo teor reflexivo faltava à sua poesia de sociedade.

### IV.3. “Não posso mais” o Amor

*No ritmo surdo sem forma ainda  
de um verso,  
Surge um corpo aberto ao sol  
da minha mão.  
Pertença tão pouco ao meu  
corpo que nem sequer  
beije quem me entregava a boca.  
Que luz recusava assim  
por recear  
que de tão verde fora amargura?  
Como cheguei a isto, despido  
de quanto amei? Terias sido tu,  
que de tão jovem envelheceste?  
Diz, não digas nada. A ternura  
dirá o que não sabe o desejo.*

Eugénio de Andrade, *Poesia* (2017)

Se, em poemas de maior “claridade”<sup>36</sup> (I,12), o sujeito poético fazia-se acompanhar poeticamente por senhoras da sociedade, escrevendo poemas laudatórios às suas musas (Nize é a mais habitual), o velho jazentiano afasta agora todas as possibilidades de aproximação amorosa. O corpo envelhecido, anteriormente habitado pela alteridade, é agora um corpo onde habitam a solidão e a privação, corolário do declínio do erotismo<sup>37</sup>, em primeira mão, mas também de um esvaziamento das relações pessoais e sociais.

---

<sup>36</sup> Referência ao soneto “Tem hoje a nossa Língua tal decência”, onde, na chave de ouro, encontramos a expressão “O nome às cousas dou com claridade” (I,12).

<sup>37</sup> A este propósito, apontamos o grande interesse da obra de Ricardo Iacub (*Erótica y Vejez. Perspectivas de Occidente*, 2006), onde apresenta um estudo cronológico sobre a temática do erotismo e da velhice,

Como refere Schwertner (2020), no contexto deste plano afectivo que agora vamos analisar, “Uma extinção física [é] precedida da extinção social” (p. 207). O amor é, neste sentido, a renúncia mais difícil e a extinção mais complexa que o vetusto amante tem de vivenciar.

Para iniciar o enquadramento da nossa proposta de análise, citamos um poema de Mimnermo (século VII a.C) sobre o elogio do prazer (fr. 1 W):

O que é a vida? O que é o prazer, sem a dourada Afrodite?  
Que eu morra, quando estas coisas já não me interessarem:  
o amor secreto, as suaves ofertas e a cama,  
que são flores da juventude sedutoras  
para os homens e mulheres. Mas quando chega a dolorosa  
velhice, que faz até do homem belo um homem repulsivo,  
tristes preocupações sempre lhe moem os pensamentos  
e já não sente prazer em contemplar a luz do Sol,  
mas é odiado pelos rapazes e desonrado pelas mulheres.  
Assim áspera foi a velhice que o deus impôs.

(Mimnermo, 2020, p. 71)

Quando ocorrer a “degradação do corpo erótico” (Ferreira, 2005, p. 56), Mimnermo quer morrer, pois nada mais lhe interessa sem os prazeres de Afrodite. É impossível, no entanto, ao ser humano fugir à sua condição de efemeridade e à consequente degradação do corpo e do desejo.

Assim como o poeta grego deplora a velhice na sua relação com o erotismo, também Paulino Cabral dedicou muitos versos ao declínio da funcionalidade erótica do corpo e ao abandono dos prazeres do amor. Podemos começar por um poema em que o eu lírico faz uma retrospectiva da sua “história” com Nize, lamentando, no final, o presente desgostoso e a chegada da “lição dos desenganos”:

“Eu que cantei na verde mocidade  
Essa ardente paixão, que amor chama  
(...)  
Eu que da bela Nize o génio inquieto  
Quis me servisse no verdor dos anos  
(...)  
Eu, conduzindo enfim dos próprios danos

---

desde a Bíblia e outros livros sagrados, passando pela Antiguidade Clássica, assim como fez Simone de Beauvoir (1970) e Georges Minois (1999) para o tema da velhice. Numa segunda parte, aborda a revolução sexual na velhice.

Mudei de assunto, e em vez de um louco afecto  
Canto agora as lições dos desenganos.  
(I,3)

Segundo Miguel Tamen, “Ser velho é não ser capaz de ser amante ou dar voz ao corpo” (1985: 19). Com a perda da alteridade amorosa parece ocorrer um movimento inverso ao do amor: há um retorno à interioridade e, conseqüentemente, um desencanto em relação às expectativas do Amor e do desejo. O sujeito poético lamenta a diminuição do vigor físico e a ela se junta a perda de aptidão e vigor para a entrega amorosa.

Serão múltiplas as explicações do eu às figuras femininas sobre este assunto. Normalmente, os poemas encerram uma despedida/afastamento, utilizando um vocativo, seguido de argumentos que presentificam a sua condição:

Adeus, Nize gentil: a minha idade,  
Que já de lustros doze um pouco passa,  
Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa,  
É só resto infeliz humanidade”  
(I,183)

Adeus, Laura gentil, fica-te embora,  
E a novo adorador feliz te enlaça:  
Desfruta a mocidade, porque passa  
Depressa o tempo e tudo nos devora.

Eu de nada te sirvo: pois agora  
A trémula velhice me embaraça:  
E o ter zelos além da morte escassa  
Transcende a maior fé de quem se adora.  
(I,199)

Nestes dois poemas, são retomados também alguns temas anteriores sobre as perdas que a senescência foi acolhendo: desde logo, a degradação física da velhice; não podendo corresponder às funções amorosas, incita Laura a aproveitar a mocidade, de forma a encontrar alguém mais novo; e, mais uma vez, a insistência na adjectivação com uma carga negativa: “trémula velhice”.

Percebemos até agora que há um corpo que envelhece e apresenta maior fragilidade, havendo por isso um declínio do desejo e do comportamento erótico. Não obstante, existem poemas onde, apesar dessa recusa do corpo ao amor, está

conservado um anseio pelo erotismo. O corpo é que diz “não posso mais”, como salientou Miguel Tamen: “A degradação do corpo não foi seguida ou acompanhada de uma degradação do desejo” (1983, p. 46). No poema I,216, numa reflexão entre o passado e o presente, quando recorda as “Doces lembranças da passada glória”, o sujeito lírico cogita que “Eu mesmo deixei tudo: e unicamente / A saudade nos cofres da memória / Com disvelo guardei, mas imprudente”. No poema I, 228, encontramos uma igual ambivalência em relação ao declínio do desejo: “Musas, Adeus, que a vossa melodia / Não posso mais sofrer; foi tempo; agora / Ocultar quero a cítara sonora, / Onde nunca mais veja a luz do dia”.

As referências à decadência amorosa estão diluídas em múltiplos poemas, que descrevem igualmente o envelhecimento da mão, como vimos atrás. A mão é, ainda, o órgão por excelência da carícia e da proximidade com a amante. Depois da mão é o rosto que envelhece, até não ser reconhecido pelo próprio. O envelhecimento é um processo de corrosão lenta que retira ao corpo sensual as suas funções voluptuosas e, no lugar da beleza do passado, deixa um rasto de destruição e ruína.

Outro tópico ligado ao contraste entre a juventude e a senilidade é a referência de que tudo muda com o passar do tempo. O amor muda, os comportamentos alteram-se, o interesse amoroso também se vai desvanecendo e o próprio desenraizamento social do indivíduo vai sabotando a sua relação consigo, com o mundo e com os outros, como podemos ver nos seguintes poemas:

Musas, adeus e adeus eternamente;  
Porque já rouca a voz, e a mão fria  
Perde, se canta, a doce melodia,  
Rompe, se toca, a Cítara cadente.

Se algum tempo atenção me dava a gente,  
Se talvez com prazer Nize me ouvia,  
Tudo enfim acabou; porque a harmonia  
Depois da mocidade se desmente.

(II,159)

Se dos anos na flor prenda parece  
Na velhice é labéu; pois tarde, e fria  
Se trata afectos loucos enfastia,  
Se sábios desenganos aborrece.

Adeus, volto a dizer, e vos protesto  
De jamais invocar-vos; pois da idade  
Em paz passar desejo o triste resto.  
(II,160)

Ainda a propósito das mudanças que ocorrem, apenas relembramos mais uma quadra de um poema da “Controvérsia”, onde o eu jazentiano descreve os sintomas físicos do envelhecimento, mas simultaneamente caracteriza o seu estado de espírito de tédio e aborrecimento com os assuntos do amor:

Tarda-me a mão, a planta se entorpece,  
A vista dos meus olhos se desvia;  
Tudo me enfada, tudo me enfastia,  
E tanto que até Nize me aborrece.  
(II,78)

Para quem viveu o amor, a memória continua a ser o oásis para a lembrança da beleza do corpo e do amor passado, trazendo, contudo, a inevitável dor de que o “mal presente” não permite que o tempo volte atrás.

#### **IV.4. Morfologias da degradação: A contemplação da ruína**

Requiem por mim

Aproxima-se o fim.  
E tenho pena de acabar assim,  
Em vez de natureza consumada,  
Ruína humana.  
Inválido de corpo  
E tolhido da alma.  
Morto em todos os órgãos e sentidos.  
Longo foi o caminho e desmedidos  
Os sonhos que nele tive.

Miguel Torga, *Diário XVI* (2011)

Vimos até agora que a degenerescência inerente à anciania não só causa a decadência do corpo, que adocece e fica empobrecido nas suas funções orgânicas, como

motiva o declínio de funções psicológicas e emocionais, provocando, amiúde, um estado de melancolia, pessimismo e uma visão trágica da vida e da finitude.

Há, porém, um outro plano mais afectivo onde o desvanecimento da beleza física do sujeito e da amada, a conseqüente menor sociabilidade com o exterior e a inevitável degradação do erotismo constituem provas claras de que o corpo falha e o amor também. A velhice não apresenta, por isso, nada de absolutamente positivo, ainda que a sabedoria e a experiência sejam ocasionalmente elogiadas.

Nas composições poéticas sobre a senectude, a deterioração do corpo é tornada *espectacular*, nomeadamente através da superabundância de termos (verbos, adjetivos, enumerações assindéticas, metáforas, hipérboles...) que promovem uma sensação de um realismo quase grotesco. O corpo envelhecido e as suas fragilidades, a velhice e as suas nuances são expostos de forma tão crua que, neste contexto, “só a visão (*spectare*) pode representar o máximo sentido” (Tamen, 1985, p. 26). Há uma fealdade tornada aparatosa que se transforma em “espetáculo de uma degradação” (*ibidem*), como explicámos em IV.1.

O fracasso de um corpo, as rugas de um rosto, a degradação quase imoral do desejo, a experiência funda da melancolia e a memória de um passado que já não volta são “defeitos” trazidos à hasta pública, como se de uma profanação se tratasse, para que toda a gente contemple e despreze. É uma visão pessimista e desonrosa da condição da velhice humana, feita poesia.

Há, no entanto, outra particularidade existente nos poemas da velhice, que mais tarde é reconhecida nos estudos sobre o Pré-Romantismo (e, mais tarde, na formalização do Romantismo), que corresponde à simbiose entre a deterioração humana e a degradação externa da paisagem. Não é propriamente uma transcrição do ideário de Miguel Tamen, que inclui as “doenças da paisagem,” o que estamos a dizer. É fazer coincidir a suspeição de que interior e exterior estão ligados, através de um fio essencial que dá voz à dor pungente do poeta. A captação dessa degradação da paisagem tem efeitos e sugere sensações (como em Cesário Verde<sup>38</sup>, mais tarde) no

---

<sup>38</sup> Na sua poesia do real, Cesário Verde projectava no exterior o seu interior ou vice-versa. *Vide* poema “Contrariedades” ou outros poemas em que descreve a cidade de Lisboa.

estado de espírito do sujeito, que escolhe os locais mais recônditos e inóspitos para fazer as suas meditações soturnas e os seus monólogos com a natureza. No caso do Abade amarantino não é efectivamente difícil transpor esta conflito, uma vez que passou grande parte da sua vida nas faldas do Marão, com tudo o que tinha de bom e de mau.

Nestes poemas da velhice, encontramos uma expansão gradual da degradação, que vai tomando proporções colossais: a velhice corrompe a mão, o rosto e a restante corporalidade, mas também corrompe a intimidade, o espaço doméstico, as pessoas à volta (a “gente bruta” do Marão), as relações sociais, *latu sensu*, o espaço exterior e a própria natureza. Há um lastro de deterioração que se anuncia, como se de um líquido a espalhar se tratasse. Há um *locus horrendus* que se vai instalando, para que se possa erguer a “plenitude da solidão” (Machado, 1979, p. 25) e a plenitude da melancolia. O poema seguinte demonstra este crescendo que o eu vai descrevendo, paulatinamente:

Aqui, onde me trouxe o fado duro  
Para aqui passar a vida o triste resto,  
É tudo um espectáculo funesto,  
Em que a vista apascento, o peito apuro.

Do Marão carregado o forte muro,  
E dos penhascos o medonho gesto,  
Um que me prende, outro com que molesto,  
Seja aos meus passos este albergue escuro.

Aqui só por instinto se governa  
A gente bruta: aqui feroz me avisa  
Da brenha fera, a serpe da caverna.

Aqui todo o meu mal me martiriza,  
Que até, para fazer-me mágoa eterna,  
O aspecto de mim mesmo me horroriza.  
(I,158)

A composição subsequente confere igualmente uma espetacularidade na descrição da natureza, exibindo inclusive uma espécie de apologia do selvagem, muito cultivada por Rousseau (p. 24).

Aqui, onde o Marão das nuvens perto,  
E onde a Estígia água regurgita,  
O cume empina, as fraldas precipita,  
Medonho à vista, ao passo sempre incerto.

Aqui, onde somente encontra aberto  
O caminho do lobo, quando a brenha agita;  
E onde apenas pobremente habita  
O rústico Cultor deste deserto.

(II,52 – poema da “Controvérsia”)

Qualquer um dos poemas apresentados ostenta uma certa “performatividade” do eu e uma dramaticidade, que é percebida através de uma encenação “espectacular”, cuja cenografia está carregada de elementos funestos e de uma atmosfera sombria. Estas imagens, que podem ser percebidas noutros poemas não estão integrados no *corpus* investigativo constituem uma autêntica distopia, que, como vimos, etimologicamente significa um lugar de dor e infelicidade.

É visível, portanto, uma tensão (ou uma simbiose) entre a fealdade e a soturnidade do ambiente externo com o processo de decadência externa e interna do sujeito, numa expressão poética claramente exagerada e hiperbólica. O “*locus horrendus*” assinala a corrupção do ambiente, que se convulsiona, e a sentimentalidade do eu, que também se exacerba. O mundo exterior e o mundo interior identificam-se como lugar de desterro e inquietação, e a aura crepuscular, acentuada pela teatralidade da exibição da dor, acrescenta um tom elegíaco à figuração do escurecer da vida, como percurso irreversível e prenúncio da morte certa.

Importa ainda salientar que uma das características da nova sensibilidade é o pendor descritivo que não era habitual numa época de arcadismo, como vimos a propósito da “poesia do quotidiano” (Mourão-Ferreira, 2003). Nestes poemas da velhice, há um tumulto interior que domina o sujeito, enfatizado pelo cenário do poema e descrito de forma subjectiva e lúgubre, sem doutrinas e sem filosofias.

Algumas composições, porém, apresentam uma *persona* lírica ligeiramente diferente, que se despede do mundo de forma mais resignada e desenganada. Aí encontramos o velho mais conformado e conselheiro sentencioso:

Do mundo enganador desabusado,  
Dizer-lhe quero adeus; porque é loucura  
Avistando tão perto a Parca dura,  
Viver dos seus enleios ainda atado.

Fique-se embora pois; todo o cuidado  
Me deve a prevenção da sepultura;  
Pois, bem que tarde já, sempre é ventura  
Ao menos morrer desenganado.

Acabem-se os projectos de vaidade;  
Rompam-se os da ambição; e dê-se um corte  
A quanto for estorvo da piedade.

Mas ah! Que é tão mesquinha a humana sorte,  
Que para persuadir-se da verdade,  
Não basta a vida, é necessária a morte.  
(I,152)

Neste encalce, relembremos a sugestão dos “estados intermédios” que Miguel Tamen apontou para cada doença, de onde se percebe a arquitectura poética destas morfologias da degradação: “o corpo não morre logo, envelhece; as coisas não se aniquilam logo: elas, por exemplo, perdem sentido; as paisagens não se desorganizam logo: elas, por exemplo, arruinam-se. Por isso posso dizer que se constata uma considerável complacência na degradação” (Tamen, 1983, p. 34), ou seja, há uma “retórica da dor” (p. 39) reiterada pelo poeta, através de uma linguagem “não só impressionante, excessiva, de tintas violentas, capaz de traduzir fiel, imediatamente o fluir subjectivo (...) e a declamação espectacular” (Coelho, 1959, p. 4).

Tendo por base este enquadramento, destacamos ainda que, nesta poesia da senectude, há um edifício retórico que parece romper com os géneros em voga ou, pelo menos, parece experimentar a combinação de liberdades poéticas, provavelmente derivadas das múltiplas estéticas literárias amplamente usadas ao longo do século XVIII e nos séculos anteriores.

Em primeiro lugar, a dramaticidade de alguns poemas alimenta resquícios de uma evidente mundividência barroca. Por outro lado, a relação com a morte, por exemplo, passou a ter um tratamento poético diferenciado neste tempo de transição, engajando, uma vez mais, uma combinação de tradições literárias, neste caso reminiscências dos períodos maneirista e barroco (Ramon, 2020, p. 365). Se no Barroco subsistia uma meditação profunda e religiosa sobre o sentido de vida, de modo que, “no seu termo, apenas o corpo morresse, libertando o espírito para a possibilidade da

reunião com Deus” (p. 367) e para a salvação, nos assomos poéticos da transição, a morte é identificada como o alívio para os padecimentos da vida, pelo que o tema religioso está praticamente ausente, como fomos comprovando nas composições analisadas. A morte representa libertação e despojamento total.

Do Maneirismo e do Barroco poderá ter sido herdado o gosto pelo tétrico e pelo lúgubre, que coincidem “naquilo que estes sentimentos têm de excessivo e macabro” (p. 375). Se em Camões, é explorada a dor insuportável que pede a libertação pela morte, no seiscentismo a morte é lembrada pelas metáforas da fugacidade do tempo (as sepulturas, as caveiras, a rosa ou o relógio), associando a vida à degenerescência e à ruína. A grande diferença é que, no período barroco, houve uma atitude didática e um cariz ético-religioso muito profundo, de onde eram retiradas as lições do desengano (p. 375), lexema frequentemente utilizado pelo abade de Jazente e Teodoro de Sá Coutinho como sinónimo de sabedoria ou salvação (“Ditada a lição dos longos anos, / Quando se sabe é que se morre” - I,117), ou seja, quando vem o desengano é que vem a morte.

Como proposto anteriormente, na linguagem poética das composições da velhice, não há um laivo de espiritualidade ou redenção religiosa, um rasgo de metafísica ou uma visão optimista que enquadre a vida após a morte. A consciência da fugacidade da vida e do envelhecimento desvalido conduzem o sujeito da “transição” à melancolia profunda, ao isolamento e à crescente ligação à natureza.

Em síntese, podemos afirmar que há, nos poemas da velhice de Paulino Cabral, uma ameaça permanente de ruína, uma ameaça de desintegração e fragmentação do edifício humano, representada pelo corpo que envelhece e pelas manifestações negativas que essa degradação acarreta. A própria figura do velho é apresentada com um semblante de espectro e ruína humana, confrontando invariavelmente a *persona* lírica com o carácter contingente e passageiro da vida e a irreversibilidade do Tempo. Fruto ou não de uma nova “retórica da sensibilidade”, há nestas composições poéticas uma inquietude muito grande e uma conflitualidade em permanência. No fundo, assistimos à deterioração contínua de um sujeito que perdeu a crença racionalista do homem do iluminismo, encontrando-se perdido do paraíso onde já viveu um dia (há,

neste entendimento, uma proximidade conceptual muito grande com a melancolia maneirista camoniana, descrita por Vítor Aguiar e Silva - 1994).

Para terminar, parece-nos ainda importante reconhecer a esterilidade do conflito do eu com a sua velhice. Em quase todos os poemas examinados, além da dor dilacerante, da melancolia profusa e de um certo comprazimento neste estado, o leitor não encontra uma proposta, uma tomada de decisão ou uma resolução por parte da *persona vetula*. Nesta configuração subjectiva da velhice e do mundo, não há pedidos de ajuda ou de resgate a enumerar: existe, pelo contrário, um ensimesmamento do eu, um solilóquio cada vez maior, a perduração do tempo da sombra e conseqüente fuga da luz, a imobilidade e a estagnação, apanágio de uma velhice “trémula” (I,199), melancólica, desértica e crepuscular.

## CONCLUSÃO

### Jazente, um poeta de charneira

A água pura dos poços  
que a alma teve  
leva já lodo à superfície:  
e o escuro tempo da velhice  
e nós tão moços.

A água tormentosa  
que alma agora tem  
cai de meus olhos tristes:  
ó tempo, ó tempo alegre,  
onde é que existes?

Carlos de Oliveira, *Poesias* (1962)

Os poemas que compõem a nossa “Antologia da velhice” formam um conjunto heterogêneo que possibilitou, no seu todo, efectuarmos uma reflexão crítica sobre a poetização da senescência na obra de Paulino Cabral, a partir de diferentes perspectivas.

Assim como na Antiguidade ou na própria Bíblia, a figuração da senioridade em *Poesias* é uma matéria bastante controversa e ambivalente, oscilando habitualmente entre duas mundividências polarizadas: por um lado, a “hipótese degenerativa que vê o processo de senescência como um processo patológico” e, por outro, a “hipótese mais evolutiva em que envelhecer não é forçosamente comparável a uma doença” (Cambron-Goulet & Monteils-Laeng, 2018).

Da análise temática até aqui empreendida, concluímos que a recorrência do *tópos* da velhice tem relativa importância no cômputo geral da obra poética jazentiana, no entanto, nunca saberemos se os poemas da velhice de Paulino Cabral representaram ou não a assunção de um “estilo tardio”<sup>39</sup> que o tenha feito poetizar tão lugubrememente as agruras da sua velhice. Pelos motivos expostos, assim como pela ausência de datação das suas composições e as zonas cinzentas da sua história pessoal, em momento algum cedemos à tentação do biografismo fácil, uma vez que a senectude se constituiu, no

---

<sup>39</sup> “A ideia de ‘estilo tardio’ é oriunda de um ensaio inacabado de Theodor W. Adorno sobre as últimas obras de Beethoven (escrito em 1934 e publicado em 1937). Nesta primeira formulação, aliás muito devedora da teoria estética do próprio Adorno, o ‘estilo tardio’ é sobretudo uma reação do artista e da sua criação à proximidade da morte” (Silva, p. 145). O autor estudou o “estilo tardio” em Herberto Hélder.

nosso entender, como um tema poético, não resultando apenas de eventuais queixumes confessionais de índole auto-biográfica.

A presente investigação teve como primeira tarefa “isolar” para depois “coligir”. Numa primeira abordagem, cada poema foi analisado minuciosamente, no sentido de perceber se existia um eu lírico inequivocamente velho ou se ali estava figurado o tópicos da velhice, nas suas múltiplas dimensões. Deste estudo preambular, foi constituída uma “Antologia da Velhice”, a partir da qual foram estabelecidas duas linhas de análise distintas, que compreenderam os Capítulos III e IV: no primeiro, a velhice é examinada a partir dos poemas da “Controvérsia” e, no segundo, o *tópos* é observado a partir dos restantes poemas da Antologia.

A “Controvérsia” mereceu um destaque especial, na medida em que todo esse conjunto poético é dedicado à “larga idade”, tratando-se de um jogo poético que lembra a poesia ao desafio, muito apreciada nas sociabilidades literárias do século XVIII. Partindo do pressuposto de que Paulino Cabral e Teodoro de Sá Coutinho se conheceram nos encontros literários promovidos por D. José Maria da Fonseca e Évora (Figueiredo, 1931, p. 253), é natural que esta disputa poética tenha sido iniciada nesse contexto, tendo durado algum tempo.

Nesta peça poética, deparamo-nos com dois sujeitos que oferecem visões cabalmente antagónicas sobre a vetustez, assunto dirimido ao longo de 60 poemas. No mesmo capítulo, examinámos estes dois padrões de velhice: se, por um lado, o sujeito mais jovem abomina a velhice e associa-a à decrepitude e ao declínio das funções corporais, valorizando a mocidade (modelo aristotélico); por outro, o velho Teodoro quer tranquilizar o interlocutor, afirmando que nem tudo é assim mau, porquanto possui uma vida feliz, confortável, com saúde, sabedoria e muito profícua no amor, apesar dos seus “setenta anos”.

Num primeiro momento (III.1), o sujeito jazentiano poetiza a senescência, através de um olhar intersubjectivo, apontando a “larga idade” do Outro e rejeitando esse lugar de horror que obsessivamente descreve. Num segundo momento (III.2), o sujeito poético de Sá Coutinho assume uma performance poética que nos recorda os anciãos de Platão e Cícero (Céfalo e Catão-o-Velho). A *persona lírica* de Sá Coutinho tem

a capacidade de olhar para fora de si e demonstrar, através de sentenças, conselhos e alguma ironia, que “quanto mais a idade nele [Homem] cresce, / mais se vê nas Ciências sublimado”. Apesar da clara herança do platonismo que reconhece a superioridade do intelecto (do espírito, no engajamento cristão) sobre o mundo sensível das aparências, é provável existir aqui um legado barroco.

Quando Teodoro sublinha que a velhice não deve proporcionar medos (“Para ti, guarda o medo; (...) os desenganos / Da minha idade tenho no meu gesto” – II,47), pretende alertar o amigo e o leitor de que devemos cuidar das alegrias e do saber, preparando assim a morte que já é certa. Esta forma desenganada de enfrentar a vida e a longevidade, ao mesmo tempo que incita uma atitude reflexiva e de ensinamento moral, do ponto de vista religioso, propõe igualmente uma atitude hedonista e de fruição da vida, para que, mediante a consciência da fugacidade da mesma, o homem use o tempo que tem, entre o “berço” e a “tumba”<sup>40</sup>, para preparar a sua salvação (Ramon, 2020). Esta é, aliás, a conclusão deste inquietante poema barroco:

À fragilidade da vida

Esse baixel nas praias derrotado  
Foi nas ondas Narciso presumido;  
Esse farol nos céus escurecido  
Foi do monte libré, gala do prado.

Esse nácar em cinzas desatado  
Foi vistoso pavão de Abril florido;  
Esse Estio em Vesúvios encendido  
Foi Zéfiro suave, em doce agrado.

Se a nau, o Sol, a rosa, a Primavera  
Estrago, eclipse, cinza, ardor cruel  
Sentem nos auges de um alento vago,

Olha, cego mortal, e considera  
Que és rosa, Primavera, Sol, baixel,  
Para ser cinza, eclipse, incêndio, estrago.

Francisco de Vasconcelos

---

<sup>40</sup> Referência a outro poema de Francisco de Vasconcelos.

No Capítulo IV, os restantes poemas da “Antologia da velhice” fazem emergir uma *persona* lírica muito diferente daquela que construía poemas satíricos ou burlescos sobre comportamentos sociais, poemas aos seus cães, à caça, à bonomia da vida rural ou poemas de teor amoroso à sua Nize e outras musas. Há uma evidente descontinuidade, uma desconstrução desse arrebatamento, quase pueril, existente nas suas composições mais “claras” e imediatas.

De entre as composições analisadas no Capítulo IV, reconhecemos um eu poético reflexivo e introspectivo, predominantemente melancólico, desadaptado e fatalista, que, apesar de alguma monotonia semântica (Tamen, 1985), consegue propor uma diversidade de dimensões gerontológicas, em torno da tematização negativa da senescência. No sentido de juntar as pontas soltas e recriar uma nova visão que articulasse todas essas categorias conceptuais, construímos um *modelo de análise*, através do qual foi possível esboroar e dilatar o conceito de velhice, de forma a poder tratar literariamente o campo lexical que o compõe.

Os níveis de análise propostos constituíram os quatro subpontos do Capítulo: a transitoriedade da vida, a irreversibilidade do Tempo e a degradação do corpo (IV.1.); as questões ligadas à afectação interior do sujeito, o problema da memória, a solidão e a melancolia (IV.2.); a velhice e a “deserção de Eros”<sup>41</sup> (IV.3.); e, por fim, a experiência da velhice como espaço de deterioração e ruínas, espelho do desespero egótico do sujeito lírico (IV.4.).

Esta cartografia da senioridade mostrou-nos que, na poesia de Paulino Cabral, este *tópico* é disseminado desde a mais ínfima experiência do sujeito lírico: no corpo, na relação com o outro, no espaço doméstico e no espaço externo, contaminando tudo à sua volta. Neste sentido, a poesia da velhice é, por vezes, uma experiência visual deveras truculenta, no tocante à descrição da degenerescência a que estão votado o corpo, o interior do eu e as “paisagens”.

De entre os vários eixos temáticos emergentes, salientamos o papel da memória como nostalgia do tempo passado. Embora seja habitual o eu rememorar as “glórias

---

<sup>41</sup> Expressão utilizada por António Manuel Ferreira, numa análise das figurações da velhice, na poesia de Eugénio de Andrade (2005, p. 57).

passadas,” contrapondo o “mal presente” de privação e sofrimento, a memória tem igualmente o papel essencial de presentificar a ausência. Ao lembrar, ao invocar o passado, a memória é o instrumento mediador que garante um significado à experiência vivida. Por esse motivo, ela tem a potencialidade de celebrar e glorificar o tempo perdido que é, normalmente, um tempo de amor, um tempo de juventude e alteridade, um tempo de vitalidade, onde não havia solidão, sombras ou silêncio. Não obstante, o espaço poético é, quase sempre, um lugar de sentimentos fortes e disruptivos, onde quem vence é a fatalidade do presente: a incapacidade do corpo que envelheceu, a melancolia em que o sujeito se vê mergulhado, a fatídica e assustadora proximidade da morte e o sentimento de insegurança que triunfa sobre o racionalismo iluminista.

Por todas as evidências que conjugámos até este ponto, podemos afiançar que as *Poesias* do Abade de Jazente apresentam uma visão poliédrica que conjuga múltiplas perspectivas inerentes à tematização da velhice e múltiplas tendências estéticas que resultam no seu ecletismo e liberdade poética. Se em alguns momentos, os críticos descobrem uma feição neoclássica que *inutilia truncat*, noutros são encontrados resquícios conceptuais de um barroco tardio ou de um maneirismo onde a linguagem poética disseminava uma descrição desanimada da existência, traduzida em grandes soluções de amargura.

Neste entendimento, Álvaro Manuel Machado considera que poetas como o Abade de Jazente foram herdeiros de uma “estética da transição”, na medida em que “o pré-romantismo em Portugal é precisamente o contrário desta múltipla tentativa de pureza estética renovadora europeia. Acumulação de lugares-comuns classicizantes com restos de retórica de barroquismo e exercícios de um estilo pretensamente a imitar por vezes Rousseau” (1979, p. 40). Parece evidente a interferência e a coexistência de vários códigos poéticos epocais na linguagem e na *technê* de Paulino Cabral, mas acima de tudo é relevante a liberdade poética e a insubordinação às prescrições metaliterárias, que hoje podemos observar nas composições de Paulino Cabral, o que representa, a nosso ver, uma das suas maiores riquezas literárias.

Como referiu Maria Luísa Malato Borralho, “parece-nos óbvio que se torna necessário visitar os nossos autores setecentistas, independentemente de eles

estarem ou não de acordo com a nossa imagem do século XVIII, lendo-os, na medida do possível, sem os rótulos periodológicos” (2004, p. 75). Ora, um dos grandes objectivos da nossa investigação passou, precisamente, por visitar e trazer à luz um poeta setecentista menos conhecido, de uma forma livre de inscrições literárias, mesmo que em alguns momentos tenhamos procedido a interpretações ou incursões às estéticas epocais.

Acrescentamos ainda que os poemas desta “Antologia da velhice” recriam a ideia de que envelhecer é, sobretudo, uma experiência multidimensional e a sua figuração poética é, de facto, caleidoscópica. Se, em alguns versos, a “larga idade” equivale a “saber de experiência feito”, superioridade moral e autoridade consequente sobre os mais novos (*vide* sonetos de Teodoro de Sá Coutinho), noutros a senescência corresponde a um sofrimento atroz, associado a perdas múltiplas, conduzindo à inação e ao desejo de morte. Se, em algumas composições, envelhecer é tentar preservar a luz promissora dos dias bons, apesar das nuvens dissonantes, noutras, porém, a vida longeva é uma sombra tenebrosa nos dias tristes, onde somente a memória permite recordar os dias claros.

Como frisámos anteriormente, não há, na poesia examinada, um projecto de redenção ou exaltação. A irresolubilidade do conflito do eu jazentiano com a sua “larga idade” conduz a uma espécie de exílio interior, onde apenas há espaço para a vivência da dor, da frustração, do tédio e da melancolia. Ao invés de elaborar uma resolução positiva ou dar um significado à fatalidade dramática da velhice, o sujeito acaba por demonstrar que não existe uma tese para a velhice, ou melhor, perante a inevitabilidade da degradação imposta pela idade, qualquer tese é, efectivamente, dispensável. A *persona loquens* chama a si o direito da “liberdade negativa” hegeliana, o direito de dizer não à sublimação da dor, porquanto ela é, segundo o filósofo, um “privilégio das naturezas vivas” (Hegel, 2018, p. 255).

Se olharmos para as *Poesias* como um todo, e tendo em conta o jogo ficcional que inspirou as sociabilidades literárias setecentistas, compreendemos que Paulino Cabral construiu uma poética extremamente eclética. A partir do exercício de uma reescrita poética incessante, Paulino Cabral criou uma série de “eus ficticiais” ou

*personae fictae* que mudavam consoante as circunstâncias e que serviam os propósitos da própria poesia, como o fizeram Cesário Verde ou Fernando Pessoa (Macedo, 2017). Neste sentido, o poeta-Abade foi um verdadeiro poeta de charneira, que alinou a sua escrita à procura de novos mundos poéticos, ao mesmo tempo que questionava, vociferava e exprimia laboriosa e repetidamente a sua dor de envelhecer.

Por mais “insignificantes”, repetidas ou desactualizadas que possam ser algumas reflexões poéticas de Paulino Cabral, as suas *Poesias* reivindicam hoje um lugar de originalidade na história literária do século XVIII português, numa época em que os gostos literários mudaram com uma frequência pouco comum. Ao versejar tão abertamente sobre os problemas da ancianidade, discutindo e apontando fragilidades, dores ou anseios, o Abade de Jazente problematizou algumas questões que ainda hoje são debatidas nos tratados de Gerontologia.

O contributo dos seus poemas para os estudos do Pré-Romantismo português (e outros), em especial estes poemas examinados, escapou aos propósitos e à extensão deste estudo, no entanto fica a percepção de que este afinamento estético, como opção metodológica, poderá abrir portas a futuras investigações.

Como dissemos no Antelóquio, a literatura tem, por todas as razões apontadas, esta particularidade simples e essencial: ao mesmo tempo que efabula, cabendo na ordem do ficcional, ela tem a enorme responsabilidade de nos inquietar, levantar questões e fazer encarar os problemas da vida humana, trazendo à luz argumentos, trajetórias e vivências que mediatizam o real (Cabral, 1989). No caso concreto deste estudo, as figurações da velhice nas composições jazentianas permitiram-nos calcorrear outros lugares, conhecer diferentes práticas literárias, observar realidades históricas menos conhecidas e, acima de tudo, desinquietar o espírito crítico, porquanto a velhice é, a nosso ver, um tópico de extrema pertinência, em todas as suas vertentes.

Para finalizar, reconhecemos ainda o papel catártico que a *literatura da velhice* pode consubstanciar, na medida em que permite repensar a longevidade e olhar demoradamente o Outro cuja “mão (...) envelheceu” (Andrade, 2017, p. 525). Mais do

que nunca, a literatura, e em especial a poesia, é hoje necessária, urgente, porque é herdeira de um passado que merece ser lembrado, e exemplar, porque projecta o nosso futuro como Humanidade.

## BIBLIOGRAFIA

### A. FONTES PRIMÁRIAS

#### 1. Obras de Paulino António Cabral

##### 1.1. Obras integrais e suas edições

CABRAL [de Vasconcellos], Paulino António (1786) *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos, Abade de Jazente*. Ed. Bernardo António Farropo. Na officina de Antonio Alvarez Ribeiro (*editio princeps*).

\_\_\_\_\_ (1787). *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos, Abade de Jazente*. Tom. II. Ed. Bernardo António Farropo. Na officina de Antonio Alvarez Ribeiro (*editio princeps*).

\_\_\_\_\_ (1837). *Poesias de Paulino António de Vasconcellos, Abade de Jazente*. (2 volumes). Rolland Editor. Tipografia Rollandiana (2ª edição).

JAZENTE, Abade de (1909). *Poesias. Revistas, anotadas, e seguidas de um estudo biographico-literario sôbre o Poeta por Júlio de Castilho*. (Vol. I e II, Colecção António Maria Pereira, nº 70). Livraria Editora (3ª edição).

\_\_\_\_\_ (1985) *Poesias. Texto integral da 1ª edição*. Com um ensaio de Miguel Tamen. INCM (4ª edição).

CABRAL [de Vasconcellos], Paulino António (2009) *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos, Abade de Jazente* (2 volumes). Câmara Municipal de Amarante (*edição facsimilada*).

##### 1.2. Antologias de Paulino António Cabral

CABRAL, Paulino António (1944). *Paulino António Cabral. Poesias*. Coligidas, prefaciadas e anotadas por Mário Gonçalves Viana. Livraria Figueirinhas.

\_\_\_\_\_ (2019). *40 sonetos. Paulino António Cabral. Abade de Jazente..* Organização e seleção de Maria Luísa Malato. Centro de Estudos Amarantinos / FLUP.

JAZENTE, Abade de (1983). *Poesias do Abade de Jazente.* Num Roteiro organizado e anotado por Miguel Tamen. Editorial Comunicação.

### **1.3. Antologias que incluem poemas de Paulino António Cabral**

BARROS, Pedro (1989) (Org.). *Paulino António Cabral. O Abade de Jazente.* Junta de Freguesia da Lomba / Comissão das Comemorações do Bicentenário da Morte de Paulino Cabral (10 poemas).

CORREIA, Natália (1966) (Org.). *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica (dos Cancioneiros Medievais à Actualidade).* Edição de Fernando Ribeiro de Mello (2 poemas).

CUADRADO, Perfecto E. (1998). *Poesia portuguesa do século XVIII. Estudo e antologia.* Edicións Laiovento (24 poemas).

FANHA, José, & José Jorge Letria (Orgs.) (2002). *Cem sonetos portugueses.* Selecção, organização e introdução de José Fanha e José Jorge Letria. Ed. Terramar (2 poemas).

GARCIA, José Martins (1975). *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica – séculos XVIII-XIX.* Edições Afrodite.

LOBO, Domingos (2007) (Org.). *Exaltação do Prazer. Antologia Poética Portuguesa - Erótica, Burlasca e Satírica do Século XVIII.* Selecção, prefácio e notas de Domingos Lobo. Veja (2 poemas).

MOREIRA, Zenóbia Collares (2000b) *A poesia pré-romântica portuguesa.* Natal / Brasil: Central de Cópias (8 poemas).

MOURA, Vasco Graça (2006) (Org.). *365 Poemas que Falam de Amor.* Quetzal (2 poemas).

REIS-SÁ, Jorge, & LAGE, Rui (Orgs.) (2009). *Poemas Portugueses. Antologia de Poesia Portuguesa do Séc. XIII ao Séc. XXI.* Porto Editora (15 poemas).

## 2. Obras com outra autoria

ANDRADE, Eugénio de (1968). *Daqui Houve Nome Portugal (antologia de verso e prosa sobre o Porto organizada e prefaciada por Eugénio de Andrade)*. Editorial Inova.

ARISTÓTELES (2002). *Petits traités d' histoire naturelle*. Les belles lettres.

\_\_\_\_\_ (2005). *Retórica*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

BOURDIEU, Pierre (1996). *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Papyrus Editora

BRANCO, Camilo Castelo (1879). *Cancioneiro Alegre*. Typ. De A. J. da Silva Teixeira, Cancellaria Velha. <https://cafemateiro.files.wordpress.com/2013/02/camilo-castelo-branco-cancioneiro-alegre-1879-portugal.pdf>.

CAMÕES, Luís de (2012). *Lírica de Luís de Camões. Antologia*. Apresentação crítica, seleção, notas e glossário de Maria Vitalina Leal de Matos. Caminho.

CÍCERO, Marco Túlio (2009). *Da velhice*. Sociedade Editora de Livros de Bolso, Lda.

\_\_\_\_\_ (2018). As últimas fronteiras do bem e do mal. In *Textos Filosóficos*. Fundação Calouste Gulbenkian.

CORREIA, Natália (1999) (Org.). *Antologia de poesia portuguesa erótica e satírica (dos Cancioneiros Medievais à Actualidade)*. Antígina Frenesi.

FREUD, Sigmund (2020). *Luto e Melancolia*. Lebooks Editora.

GAMA, Arnaldo (1935). *Um motim há cem anos*. Livraria Tavares. Edição Popular.

GARÇÃO, Pedro António Correia (1982). Dissertação Terceira. In *Obras Completas*. Texto fixado, Prefácio e Notas por António José Saraiva, Vol. II, Prosas e Teatro, 2.ª ed. (pp. 131-138). Livraria Sá da Costa.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (2018). *Ciência da Lógica: 3. A doutrina do conceito*. Editora Vozes e Editora Universitária São Francisco.

HESÍODO (2005). *Teogonia. Trabalhos e Dias*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

LOURENÇO, Frederico (2020). *Poesia grega. De Hesíodo a Teócrito*. Quetzal.

MIMNERMO (2020). [O que é a vida? O que é o prazer, sem a dourada Afrodite?]. In Frederico Lourenço. *Poesia grega. De Hesíodo e Teócrito* (p. 70). Quetzal

O' NEILL, Alexandre (1965). Autocrítica. In *Feira Cabisbaixa* (pp. 262-266). Editora Ulisseia.

\_\_\_\_\_ (2008). A carestia vem de longe mas quem a sente hoje somos nós... In *Já cá não está ninguém* (pp. 166-167). Assírio & Alvim.

PLATÃO (2012). *A República* (13ª edição). Introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Fundação Calouste Gulbenkian.

SAFO (2012). [Vocês, crianças, as dádivas das Musas de colo violeta. In CARVALHO, Sofia (2011). *Representações e hermenêutica do Eu em Safo. Análise de quatro poemas*. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. [https://www.academia.edu/6895235/Representa%C3%A7%C3%B5es\\_e\\_Hermen%C3%AAutica\\_do\\_Eu\\_em\\_Safo\\_-\\_an%C3%A1lise\\_de\\_quatro\\_poemas](https://www.academia.edu/6895235/Representa%C3%A7%C3%B5es_e_Hermen%C3%AAutica_do_Eu_em_Safo_-_an%C3%A1lise_de_quatro_poemas)

SÉNECA (1991). *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado Campos. Fundação Calouste Gulbenkian.

\_\_\_\_\_ (2005). *Da brevidade da vida*. Coisas de Ler Edições.

VERGÍLIO (2019). *Geórgicas* (8ª edição). Tradução de Gabriel A. F. Silva. Ed. Cotovia

## **B. FONTES SECUNDÁRIAS**

AAVV (2014). Igreja de Santa Maria de Jazente / Amarante. In *Rota do Românico* (Tomo I). Centro de Estudos do Românico e do Território, pp. 317-331. [https://www.rotadoromanico.com/media/documents/Monografia\\_V1.pdf](https://www.rotadoromanico.com/media/documents/Monografia_V1.pdf).

ABOIM, Sofia (2013). Ser velho: percepções e dimensões do envelhecimento. In: P. A. Silva, & F. C. Silva (Eds.). *Ciências sociais: vocação e profissão. Homenagem a Manuel Villaverde Cabral* (pp. 589-613). Imprensa de Ciências Sociais.

ABREU, Luís Machado de (2005). A velhice como cesura. In António Manuel Ferreira (coord.). *A luz de Saturno. Figurações da velhice* (pp. 7-13). Universidade de Aveiro.

ALVES, Cristiane da Silva (2016). *Novos tempos, vozes antigas: os narradores velhos na narrativa ficcional brasileira do século XXI (ou de como ficou difícil ouvir os velhos ou de como a ficção enfrenta o tabu da velhice)*. [Tese de Doutorado em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório institucional da UNB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1894>.

- \_\_\_\_\_ (2021). As mulheres velhas (r)existem: algumas notas sobre a velhice feminina e sua presença na literatura brasileira do início do século XXI. *Anuário de Literatura*, 26, 01-15. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/78526>.
- ALVES, Isabel Maria Medeiros (2011). *Ser Velho em As Visitas do Dr. Valdez, de João Paulo Borges Coelho*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Línguas e Culturas da universidade de Aveiro]. RIA - Repositório institucional da Universidade de Aveiro <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/6876/1/TESEFINAL.pdf>.
- ANDRADE, Francisco Miranda (1979). O poeta Paulino Cabral. *Revista de História*, vol. 02, 283-296. <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id1230id2230&sum=sim>.
- ANDRIEU, Bernard (2004). *A Nova Filosofia do Corpo*. Tradução de Elsa Pereira. Instituto Piaget.
- ARÈS, Philippe (1981). *História Social da Criança e da Família*. Editora Guanabara.
- \_\_\_\_\_, & George Duby (Dirs.) (1990). *História da Vida Privada. Do Renascimento ao Século das Luzes* (Vol. III). Afrontamento.
- BARROS, Pedro (1989) (Org.). *Paulino António Cabral. O Abade de Jazente*. Junta de Freguesia da Lomba / Comissão das Comemorações do Bicentenário da Morte de Paulino Cabral.
- \_\_\_\_\_ (2019). 300 Anos é muito tempo! In Maria Luísa Malato. *40 Sonetos Paulino António Cabral*. Centro de Estudos Amarantinos / FLUP.
- BASTO, A. de Magalhães (1955a). A modo de introdução. In Balbino Carvalho. *Paulino António Cabral (Um poeta amarantino do Século XVIII)* (pp. 7-13). Martins & Irmão Lda.
- \_\_\_\_\_ (1955b). Falam velhos manuscritos: Paulino António Cabral. Sacerdote e Poeta. In Balbino Carvalho. *Paulino António Cabral (Um poeta amarantino do Século XVIII)* (pp. 15-20). Martins & Irmão Lda (Texto originalmente publicado n' *O Primeiro de Janeiro*, de 07-05-1943).
- \_\_\_\_\_ (1955c). Falam velhos manuscritos: Paulino e as Valongueiras. In Balbino Carvalho. *Paulino António Cabral (Um poeta amarantino do Século XVIII)* (pp. 21-26). Martins & Irmão Lda (Texto originalmente publicado n' *O Primeiro de Janeiro*, de 14-05-1943).

\_\_\_\_\_ (1955d). Falam Velhos Manuscritos: Paulino Cabral e os meus leitores. In Balbino Carvalho. *Paulino António Cabral (Um poeta amarantino do Século XVIII)* (pp. 27-31) Martins & Irmão Lda (Texto originalmente publicado n' *O Primeiro de Janeiro*, de 21-05-1943).

BEAUVOIR, Simone de (1970). *A velhice. A realidade incómoda* (Vol. I). Difusão Europeia do Livro.

\_\_\_\_\_ (1970). *A velhice. As relações com o mundo* (Vol. II). Difusão Europeia do Livro.

BORRALHO, Maria Luísa Malato (2002). O espírito e a letra. Eixos conceptuais do movimento neoclássico português. In CASTRO, Francisco Lyon (ed.). *História da Literatura Portuguesa. Da Época Barroca ao Pré-Romantismo*. Volume 3 (pp. 279-317). Publicações Alfa.

\_\_\_\_\_ (2004). Porque é que a História esqueceu a Literatura Portuguesa do Século XVIII". In *Literatura e História. Actas do Colóquio Internacional Literatura e História*. Vol. 1 (pp. 65-85). Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BOURBON, Marion (2018). Quand vieillir, c'est vivre: la vieillesse comme expérience chez Sénèque. *Cahiers des études anciennes*, Numéro LV: "La Vieillesse dans l'Antiquité, entre déchéance et sagesse", 181-195. <https://journals.openedition.org/etudesanciennes/1029>.

BRANDÃO, Júlio (1923). Os últimos versos do Abade de Jazente. In *Poetas e Prosadores. À margem dos livros* (1ª série). Livraria Cruz.

CABRAL, António (1989). A significação na poesia do Abade de Jazente. In Pedro Barros (Org.). *Paulino António Cabral. O Abade de Jazente* (pp. 70-82). Junta de Freguesia da Lomba / Comissão das Comemorações do Bicentenário da Morte de Paulino Cabral.

COELHO, Jacinto Prado (1970). *Poetas Pré-Românticos*. Atlântida.

CALDAS, Célia P. (2007). Teorias sociológicas do envelhecimento. In Matheus Papaleo Netto (org.). *Tratado de Gerontologia* (pp. 77-84). Atheneu.

CAMBRON-GOULET, Mathilde, & MONTEILS-LAENG, Laetitia (2018). [Introduction]. *Cahiers des études anciennes*. Numéro LV: "La Vieillesse dans l'Antiquité, entre déchéance et sagesse", 7-16. <https://journals.openedition.org/etudesanciennes/1029> .

- CARLOS, Luís Adriano (1989). A hipérbole de Jazente. In Pedro Barros (Org.). *Paulino António Cabral. O Abade de Jazente*. (pp. 59-69). Junta de Freguesia da Lomba / Comissão das Comemorações do Bicentenário da Morte de Paulino Cabral.
- CARVALHO, Ana Seíça (2017). Sobre o envelhecimento: visões de Marco Túlio Cícero e de Vergílio Ferreira num esboço comparatista. In Cristina Pimental e Paula Mourão (coord.). *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura. Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa*, Volume III (pp. 323-332). Campo da Comunicação / CEC Centro de Estudos Clássicos.
- \_\_\_\_\_ (2021). A memória prospectiva na casa-corpo em *Para Sempre* de Vergílio Ferreira. In Joaquim Pinheiro (coord.). *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos Interdisciplinares*, Vol. II (pp. 163-172). Centro de Desenvolvimento Académico. Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3491>.
- CARVALHO, Balbino (1955). Conferência lida no Salão Nobre da Câmara Municipal de Amarante, em 9 de Maio de 1943. (pp. 35-66). In *Paulino António Cabral (Um poeta amarantino do Século XVIII)*. Martins & Irmão Lda.
- CASTILHO, Júlio (1909). “Estudo sobre a vida e Obras do Abade de Jazente, Paulino António Cabral” In *Poesias. Revistas, anotadas, e seguidas de um estudo biographico-literario sobre o Poeta por Júlio de Castilho*, Vol. II. (Colecção António Maria Pereira, nº 70) (pp. 198-246. Livraria Editora.
- CASTRO, Maria Leonor (2013). *Figurações da velhice nos romances Em Nome da Terra e a máquina de fazer espanhóis*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga]. *Veritati* - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13771/1/Tese%20Leonor.pdf> .
- CIDADE, Hernâni (1987). *Lições de cultura e literatura portuguesa (Vol 2). Da reacção contra o formalismo seiscentista ao advento do Romantismo. Ensaio sobre a crise mental do século XVIII*. Coimbra Editora.
- COELHO, Jacinto Prado (1959). A Musa Negra de Pina e Melo e as Origens do Pré-Romantismo Português. In *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de letras (tomo VII). Academia das Ciências de Lisboa.
- \_\_\_\_\_ (1961). As confidências do Abade de Jazente. In *Problemática da história literária* (pp. 121-125). Edições Ática.

- \_\_\_\_\_ (1985) (Dir.). Cabral, Paulino António. In *Dicionário de Literatura*, 1º volume A-M (pp. 131-132). Livraria Figueirinhas.
- CUADRADO, Perfecto E. (1998). *Poesia portuguesa do século XVIII. Estudo e antologia*. Edicións Laiovento.
- CURADO, Manuel (2022). O Médico Lopo Serrão e a Velhice: Subsídios para uma História da Velhice na Cultura Portuguesa. In John Greenfield, & Francisco Topa. *Matura Idade. Considerações sobre a Velhice*. CIRCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
- DEBORD, GUY (2017). *A sociedade do espetáculo*. Contraponto
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2006). A Marquesa de Alorna – Um a discípula sensível das Luzes Europeias. In *Século das Luzes, Portugal e Espanha, o Brasil e a região do Rio da Prata* (pp. 212-231). Ibero-Amerikanisches Institut PK.
- FARROPO, Bernardo António (1786). Prólogo. In *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos, Abade de Jazente*. Na officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
- \_\_\_\_\_ (1787). Prólogo. In *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcelos, Abade de Jazente*. Na officina de Antonio Alvarez Ribeiro.
- FERRAZ, Maria de Lourdes A. (2003). Da Arcádia ao Romantismo: a poesia entre o drama e a narrativa. In *Alcipe e a sua época* (pp- 11-18). Colibri / FCFA.
- FERREIRA, Alberto (1980). *Perspectiva do Romantismo Português*. Litexa Portugal.
- FERREIRA, António Manuel (2005). Eugénio de Andrade: Figuras da melancolia. In *A luz de Saturno. Figurações da velhice* (pp. 53-66). Universidade de Aveiro.
- FIALHO, Maria do Céu (1996). Édipo em Colono. O testamento poético de Sófocles. *Humanitas*, Vol. XLVIII. Universidade de Coimbra, 29-60 [https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas48/04\\_Fialho.pdf](https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas48/04_Fialho.pdf).
- FIGUEIREDO, Carla Edina Costa de (2006). *Juventude e Velhice na Narrativa de Branquinho da Fonseca*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro]. RIA – Repositório institucional da Universidade de Aveiro. <https://ria.ua.pt/handle/10773/4987>..
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1927). Los independientes. In *Historia de la Literatura Portuguesa* (pp. 220-221). Editorial Labor, S. A.

- \_\_\_\_\_ (1931). Capítulo IV. Os independentes. In *História da Literatura Clássica. Continuação da 2ª ephoca: 1580-1756. 3ª ephoca: 1756-1825* (III volume. 2ª edição, revista) (pp. 252-254). Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C.ª (filhos).
- \_\_\_\_\_ (1944). Os independentes. In *História Literária de Portugal (séculos XII – XX)* (pp. 292-305). Editorial Nobel.
- FILIPE, Raquel (2010). *O legado clássico em Bocage – A elegia erótica latina e os sonetos amorosos bocageanos*. [Tese de Doutoramento em Literatura, Universidade de Aveiro]. RIA Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. [https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3759/1/tese\\_raquel\\_filipe.pdf](https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3759/1/tese_raquel_filipe.pdf).
- FONSECA, António (2012). Desenvolvimento psicológico e processos de transição-adaptação no decurso do envelhecimento. In Constança Paúl, & Óscar Ribeiro. *Manual de Gerontologia: aspectos biocomportamentais, psicológicos e sociais do envelhecimento* (pp. 95-106). Lidel.
- FONSECA E SÁ, Maria Irene da (2021). A velhice nos romances de José Saramago. In Joaquim Pinheiro (coord.). *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos Interdisciplinares*. Vol. II (pp. 103-115). Centro de Desenvolvimento Académico. Universidade da Madeira, <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3491>.
- FRAZÃO, Fernanda & BOAVIDA, Maria Filomena (1983). Cabral, Paulino António. In *Pequeno Dicionário de Autores de Língua Portuguesa* (pp. 63-64). Amigos do Livro Editores.
- FURTADO, Carlos Sá (2019). *Velhice e Sociedade. Uma excursão pela História*. Lápis de Memórias.
- IACUB, Ricardo (2006). *Erótica y Vejez. Perspectivas de Occidente*. Paidós.
- \_\_\_\_\_ (2009). Deconstrucción de la erótica de la vejez en Occidente. *Kairós Gerontologia*. Número Especial 5 - Diversidade: Subjetividade, Cultura e Poder. FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 23-43. <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2665>
- \_\_\_\_\_ (2013). Por que investigar aspectos positivos na velhice? Contribuições para uma mudança de paradigma. *Publicatio UEPG Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes*. Número 21 (2). UEPG, 271-281. <https://revistas.uepg.br/index.php/humanas/article/view/6123>.

- IACUB, Ricardo & Arias, Claudia J. Arias (2015). Aspectos positivos en la investigación y intervención con personas mayores. [Número Especial 20] *Revista Kairós Gerontologia*, 18, Temático: "Aspectos positivos en la vejez. Cuestiones teóricas", 1-13.  
[https://www.researchgate.net/publication/308662313\\_Aspectos\\_positivos\\_en\\_la\\_investigacion\\_e\\_intervencion\\_con\\_personas\\_mayores](https://www.researchgate.net/publication/308662313_Aspectos_positivos_en_la_investigacion_e_intervencion_con_personas_mayores).
- Leão, Manuel (1999). Livros, livreiros e impressores portuenses do século XVIII. *Humanística e Teologia*, nº 20(1). Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Porto, 61-123.  
<https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1999.6752>.
- LIMA, Célia Joaquim da Silva (2005). *Hino Homérico a Afrodite: Estudo Introdutório, Tradução do Grego e Notas*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro]. RIA – Repositório Institucional da Universidade de Aveiro.  
<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/2761/1/2005001750.pdf>.
- LIMA, Susana Moreira de (2008). *O outono da vida: trajetórias do envelhecimento feminino em narrativas brasileiras contemporâneas*. [Tese de Doutoramento em Literatura e Práticas Sociais, Instituto de Letras da Universidade de Brasília]. RIUnB - Repositório Institucional da Universidade de Brasília.  
[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1894/1/2008\\_SusanaMoreiraLima.BAK.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1894/1/2008_SusanaMoreiraLima.BAK.pdf).
- LOPES, Maria Antónia (2016). Sociabilidades de salão no Porto setecentista na obra do Abade de Jazente". In AAVV. *Touros, Tragédias, Bailes e Comédias - Espectáculos e divertimentos em Portugal no século XVIII* (pp. 102-11). Centro de Estudos de Teatro da FLUL. <http://www.tmp.lettras.ulisboa.pt/cet-publicacoes/cet-edicoes-online/cet-actas>.
- LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha (1994). *O livro e a leitura no Porto no século XVIII*. Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.
- MACEDO, Hélder (2017). *Camões e outros contemporâneos*. Editorial Presença.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1979). *As Origens do Romantismo em Portugal* (Coleção Biblioteca Breve, Volume 36). Instituto de Cultura Portuguesa.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1996a). *Do Romantismo aos Romantismos em Portugal. Ensaios de tipologia comparativista*. Editorial Presença.

- \_\_\_\_\_ (org.) (1996b). Jazente, Abade de. In *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Editorial Presença.
- MAGALHÃES, Isabel Allegro de (2013). Poesia II: da Arcádia ao Pré-Romantismo. Nota Prévia. In *História e Antologia da Literatura Portuguesa. Século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian
- MAIA, Cristina (1999). A livraria da Congregação do Oratório do Porto (1765). (Conferência proferida na BPMP, a 12 de Novembro de 1997, integrada nas Comemorações do V Centenário dos Primeiros Livros Impressos no Porto). *Bibliotheca Portucalensis*, II série, 11/12., 62-81. [https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12441/3/CAP\\_CristinaMaia\\_1999.pdf](https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/12441/3/CAP_CristinaMaia_1999.pdf)
- MALATO, Maria Luísa (Org.) (2019). Paulino António Cabral... In *40 sonetos Paulino António Cabral*. Amarante: Centro de Estudos Amarantinos.
- MARINHO, José Castelo Branco (1989). Paulino Cabral – um chichisbéu?. In Pedro Barros (Org.). *Paulino António Cabral. O Abade de Jazente (87-92)*. Junta de Freguesia da Lomba / Comissão das Comemorações do Bicentenário da Morte de Paulino Cabral.
- MARTINS, J. Cândido (2000). *Para uma leitura neoclássica e pré-romântica. Contexto histórico-cultural. Do Arcadismo ao Pré-Romantismo*. Editorial Presença.
- \_\_\_\_\_ (2005). Sol de inverno: Em nome da Terra, de Vergílio Ferreira – velhice, memória e consciência do corpo. In António Manuel Ferreira (coord.). *A luz de Saturno. Figurações da velhice* (pp. 39-51). Universidade de Aveiro.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (2012). Apresentação crítica. In Luís de Camões. *Lírica de Luís de Camões. Antologia*. Apresentação crítica, seleção, notas e glossário de Maria Vitalina Leal de Matos (pp. 13-61). Caminho.
- MEIRELES, Maria Adelaide de Azevedo (1981). A actividade livreira no Porto no século XVIII (Contribuição para o seu estudo). *Revista de História*, vol. 4, 7-22. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6527.pdf>.
- \_\_\_\_\_ (1995). *Os livreiros no Porto no século XVIII. Produção e Comércio*. Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas.
- MELO E CASTRO, E. M. (1989). O Abade na pista do pícaro. In Pedro Barros (Org.). *Paulino António Cabral. O Abade de Jazente (48-58)*. Junta de Freguesia da Lomba / Comissão das Comemorações do Bicentenário da Morte de Paulino Cabral.

- MINOIS, Georges (1999). *História da velhice no ocidente*. Teorema.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva (1995). Abade de Jazente. In *Biblios. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, Vol. 1 (pp. 1-3). Editorial Verbo.
- MOREIRA, Zenóbia Collares (2000a). *O Pré-Romantismo Português*. Central de Cópias.
- \_\_\_\_\_ (2000b). *A poesia pré-romântica portuguesa*. Central de Cópias.
- MOURÃO-FERREIRA, David (2004). O Abade de Jazente e a poesia do quotidiano. *Colóquio Letras*, nº 168-169, Julho-Dezembro de 2004, 305-310. <https://xdata.bookmarc.pt/gulbenkian/cl/pdfs/168/PT.FCG.RCL.8785.pdf>.
- NOGUEIRA, Carlos (2012). A poesia portuguesa erótica e satírica do século XVIII: Do Abade de Jazente a Bocage e a Lobo de Carvalho. *Luso-Brazilian Review*. Volume 49, Número 2, 172-187. <https://www.jstor.org/stable/23359009>.
- OLIVEIRA, Fernando Matos (2008). *Poesia e Metromania. Inscrições setecentista (1750-1820)*. [Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Estudo Geral. Repositório Científico da UC. [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/8546/6/FMO\\_tese.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/8546/6/FMO_tese.pdf).
- PAULA, Marcelo Ferraz (2013). A rude ternura do ancião: Maturidade e velhice na poesia de Carlos Drummond de Andrade. *Revista Moara*, nº 39, jan.-jun-2023. Universidade Federal do Pará, 127-149. <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1573>
- PEREIRA, Firmino (1914). A Fonte da Arca e o Abade de Jazente. In *O Porto d'outros tempos. Notas históricas. Memórias. Recordações* (257-298). Livraria Chardron, de Lelo & Irmão.
- PEREIRA, Maria Helena da R. (2003). *Hélade. Antologia de Cultura Grega*. Porto: Edições ASA.
- \_\_\_\_\_ (2012). Introdução. In PLATÃO. *A República* (13ª edição). Introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira (pp. V-LVI). Fundação Calouste Gulbenkian.
- PIMENTA, Moura (1996). (Org.). *Poesia Dos Séculos XVI, XVII e XVIII*, Col. História da Literatura) (pp. 117-120). Editores Reunidos, Lda e RBA Editores.

- PINHO, Sebastião Tavares (2005). Gerontologia e Literatura: o tema da velhice desde Cícero a Lopo Serrão. In António Manuel Ferreira (coord.). *A luz de Saturno. Figurações da velhice* (pp. 217-228). Universidade de Aveiro.
- PINTO, Joana Carneiro, & PINTO, Helena Recebo (2021). *Envelhecimento. Dimensões e Contextos*. UCP Editora.
- PIWNIK, Marie Helène (2005). Simone / Sandra: Simone de Beauvoir e Vergílio Ferreira perante a velhice. In FERREIRA, António Manuel (coord.). *A luz de Saturno. Figurações da velhice* (pp. 29-37). Universidade de Aveiro.
- PONTES, Maria do Rosário (2002). A Academia Portuense: O abade de Jazente e João Xavier de Matos. In CASTRO, Francisco Lyon (ed.). *História da Literatura Portuguesa. (Volume 3). Da Época Barroca ao Pré-Romantismo* (pp. 469-484). Publicações Alfa.
- QUEIROZ, António José (2014). Paulino António Cabral, abade e poeta (1719-1789). *Palavra Comum. Revista galega lusófona de artes e letras* (s.p.). <https://palavracomum.com/paulino-antonio-cabral-abade-e-poeta/>.
- \_\_\_\_\_ (2019) Abade de Jazente (1719-1789). *Jornal Vila Meã*. Edição 224. Julho 2019, 3. [https://jornalvilamea.pt/wp-content/uploads/2019/05/JVM\\_Julho\\_small.pdf](https://jornalvilamea.pt/wp-content/uploads/2019/05/JVM_Julho_small.pdf).
- RAMADA CURTO, Diogo (2007). *As gentes do livro: Lisboa, século XVIII*. Biblioteca Nacional de Portugal.
- RAMON, Micaela (2020). «Vive do teu fim mais cuidadosa / Pois sabes que o teu fim é tão preciso»: Representações literárias da morte na poesia barroca portuguesa. In Paulo Alves, Maria José Figueiredo, Eugénia Abrantes Magalhães, Fernando Magalhães, Benedita Santiago Neves, Porfírio Pinto e Bruno Venâncio (Org.). *A Morte: Leituras da Humana Condição*, vol. I (pp. 365-377). Paulinas Editora
- REIS, Carlos (2008). *O conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários* (2ª edição). Coimbra: Almedina.
- \_\_\_\_\_, & PIRES, Maria Natividade (1999). Introdução. In *História Crítica da Literatura Portuguesa*, Vol. V (pp. 13-25). Editorial Verbo.
- REYES, Alfonso (1997). "Teoría de la antología". In *Obras completas de Alfonso Reyes* (pp. 137-141) Fondo de Cultura Económica.

- RODRIGUES, Andreia de Freitas (2020). Dürer e o Tema da Melancolia. *NAVA - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens*, v.3, n.1, ago./jan. 2017/2018 (pp. 33-51). Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/28038>
- SANTOS, Nuno Costa (2016). Há 50 anos, a indecência de Natália Correia libertou-nos. *Observador*, 28 de dezembro de 2016. <https://observador.pt/especiais/ha-50-anos-a-indecencia-de-natalia-correia-libertou-nos/>.
- SARAIVA, António José, & Lopes, Óscar (1975). A Arcádia Portuense: o abade de Jazente e João Xavier de Matos. In *História da Literatura Portuguesa* (694-696). Porto Editora Lda.
- SCHWERTNER, Marcia Regina (2020). Os espaços da velhice: Interdisciplinaridade e olhares ficcionais (Brasil e Portugal). [Tese de Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da UP. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/128617/2/413150.pdf>
- SILVA, Inocêncio Francisco (1862). Paulino António Cabral de Vasconcellos". In *Dicionário bibliográfico português*, Vol. VI (pp. 358-359). Imprensa Nacional.
- SILVA, Rui Guilherme (2021). A arte sem mestre: 'Estilo tardio' em Herberto Helder e outros poetas. In Joaquim Pinheiro (coord.). *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos Interdisciplinares*. Vol. II (pp. 141-151). Centro de Desenvolvimento Académico. Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/3491> .
- SILVA, Vítor Aguiar e (1994). As canções da melancolia: aspectos do Maneirismo de Camões. In *Camões: Labirintos e Fascínios*. (pp. 209-228). Cotovia.
- \_\_\_\_\_ (1997). Pré-Romantismo. In Buescu, Helena Carvalhão (Coord.). *Dicionário do Romantismo Literário Português* (pp. 438-441). Editorial Caminho.
- SIMÕES, Maria João (2005). Velhice dos estereótipos de velhos: Ironia em O'Neill e Mário de Carvalho. In António Manuel Ferreira (coord.). *A luz de Saturno. Figurações da velhice* (pp. 67-76). Universidade de Aveiro.
- SOARES, Fernando (1952). *O Abade de Jazente*. Edição de Autor (Papeleria e Tipografia Leixões). Separata do Jornal "Escola Remoçada".

SPAGGIARI, Barbara (2001). L'êpître en vers de Lima Brandão à l'Abade de Jazente. In Anne-Marie Quint (Dir.). *Le conte et la lettre dans l'espace lusophone*, Cahier n° 8 (75-92). Presses de la Sorbonne Nouvelle.

TAVARES, Laís Nadai, & Silva, Lucia Cecilia da (2019). A velhice e a exterioridade: o olhar do outro na velhice, uma compreensão existencial. *Revista Kairós-Gerontologia*, Número 22 (1). FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 405-419.

TOPA, Francisco (2009). Ecos italianos na poesia do Abade de Jazente. In TOPA, Francisco e MARNOTO, Rita (orgs.). *Nel mezzo del cammin: actas da Jornada de Estudos Italianos em honra de Giuseppe Mea*. (pp. 261-270). sombra pela cintura.

\_\_\_\_\_ (1998). *Para uma reedição completa da obra de dois poetas setecentistas esquecidos: Paulino António Cabral e Teodoro de Sá Coutinho – inventário de fontes testemunhais dos seus poemas*. Edição de Autor. <http://web.letras.up.pt/ftopa/Livros/Para%20uma%20reedi%C3%A7%C3%A3o-Paulino%20e%20Teodoro.pdf>.

TEIXEIRA, Gil Clemente (2022). Ver a Madura Idade com o Olhar Épico de Camões. In John Greenfield, & Francisco Topa. *Matura Idade. Considerações sobre a Velhice*. CIRCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

VIANA, Miguel Gonçalves (1944). “Ensaio Preambular”. In *Paulino António Cabral. Poesias. Coligidas, prefaciadas e anotadas por Mário Gonçalves Viana* (pp. 5-86). Livraria Figueirinhas.

WOODCOX, Adam (2018). Aristotle's Theory of Aging. *Cahiers des études anciennes*. Número LV: “La Vieillesse dans l'Antiquité, entre déchéance et sagesse”, 65-78. <https://journals.openedition.org/etudesanciennes/1029>.

### **C. COMUNICAÇÕES ORAIS EDITADAS**

AMADO, Nuno (2019, Maio, 11) *300 Anos do Abade de Jazente*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante. <https://www.youtube.com/watch?v=W6Xp7c0ZrVE>

BARROS, Pedro (2019, Maio, 11) *300 Anos do Abade de Jazente*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante. <https://www.youtube.com/watch?v=fv15tKDVf4c>

BARTOLOMEI, Teresa (2019, Maio, 11). *300 Anos do Abade de Jazente*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante.

<https://www.youtube.com/watch?v=W6Xp7c0ZrVE>

MEIRIM, Joana (2019, Maio, 11) *300 Anos do Abade de Jazente*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante.

<https://www.youtube.com/watch?v=W6Xp7c0ZrVE>

MEXIA, Pedro (2019, Maio, 11) *300 Anos do Abade de Jazente*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante.

<https://www.youtube.com/watch?v=W6Xp7c0ZrVE>

ROSA, Susana (2019, Maio, 11). *300 Anos do Abade de Jazente*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante.

<https://www.youtube.com/watch?v=W6Xp7c0ZrVE>

TAMEN, Miguel (2019, Maio, 11). *Conferência*. Conferência e mesa-redonda: 300 Anos do Abade de Jazente, Amarante.

<https://www.youtube.com/watch?v=01uwvFrLNk>

#### **D. ENTREVISTAS EDITADAS**

ARENDR, Hannah (1964, Outubro, 28) *Não preciso que concordem comigo*. Entrevista: "Zur Person: Hannah Arendt". [Programa "Zur Person", exibido em 28.10.1964 pelo canal alemão ZDF, detentor dos direitos autorais da entrevista original]

<https://www.youtube.com/watch?v=F4i0W7ItXtw>

#### **E. LEGISLAÇÃO**

ALVARÁ Régio de D. Maria de 14 de Dezembro de 1789. Regia Officina Typographica. In 4º, 3 fls. [Manda entregar na Secretaria do Tribunal da Real Meza da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros o Tomo II de Poesias do Abade de Jazente, publicado em 1787, para ser expurgado de algumas Obras escandalosas e por todos todos os títulos indignas da luz pública]

# ANEXOS

Anexo A – Alvará Régio de D. Maria I (14 de Dezembro de 1789)



**D**ONA MARIA por Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, d'aquém, e d'além mar, em Africa Senhora de Guiné, da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, &c. Faço saber aos que este Edital virem, que tendo sido apresentada no Meu Tribunal da Real Meza da Commisão General sobre o Exame, e Censura dos Livros a Tragi-Comedia, intitlada : *O Pastor Fiel do Cavalheiro Guarino, traduzida do Italiano por Thomé Joaquim Gonzaga*: E que havendo obtido d'elle licença para ser impressa, em consequencia dos necessarios exames a que procedeo, e que fizeram parecer ao mesmo Tribunal, que nesta Traducção muito superior áquellas, que se achão impressas nas Linguas Franceza, e Castellhana, algumas expressões escandalosas, e malsoantes de hum, ou outro Interlocutor, estavam por outras suppridas, modificadas, e corrigidas: Depois de estampada em o presente anno na Regia Officina Typografica, e começar a correr a dita Obra, Me constou, que algumas Pessoas de mais delicada consciencia se offendião da sua lição: E querendo Eu, e devendo evitar toda, e qualquer occasião, que possa escandalizar as Pessoas timoratas, ou promover de algum modo a licença, e corrupção dos costumes, de cuja pureza tanto depende a felicidade não só es-

piritual, mas tambem a temporal dos meus Vassallos: Mando, que nenhuma Pessoa, de qualquer Estado, e Condição que seja, possa ter, ou conservar o sobredito Livro, e que entregue todos os seus Exemplares na Secretaria da mesma Real Meza da Commissão Geral no preciso termo de trinta dias contados da publicação deste, para nella serem supprimidos, debaixo das penas, que estabelecem as Minhas Leis contra os que retem, imprimem, espalhão, ou divulgão Livros sem licença, e por Mim prohibidos.

É porque sendo igualmente apresentado ao dito Meu Tribunal o pequeno Livro, intitulado: *Restauração da Disciplina, ou emendas, que devem fazer-se no Baptisterio, e Ceremonial dos Sacramentos, escrito pelo Padre Francisco Alvares Victorio, impresso, e reimpresso em Lisboa com algumas Dissertações Pratico-Sacramentaes tendentes ao mesmo fim; por hum Ministro do Altar zeloso da perfeição Ecclesiastica; obteve tambem licença para correr, impresso em o presente anno na Officina da Academia Real das Sciencias, por não se propôr nelle seu Author a emenda, ou alteração de Ceremonia, ou de Rito algum determinado, ou approvedo pela Igreja: E isto não obstante, tem chegado á Minha noticia, que á vista de hum titulo tão diffuso, e arrogante, como he o que tem o dito Livro, muitas Pessoas timoratas tem entendido, que seu Author pertende nelle emendar, ou alterar os Ritos, e Ceremonias, que o mencionado Baptisterio transcreve, e são mandadas praticar pela Igreja na Administração dos Sacramentos: Desejando Eu obviar, e occorrer á menor suspeita em materia de tanta ponderação: Sou Servida prohibir, e supprimir o dito Livro, intitulado: *Restauração da Disciplina, ou emendas, que devem fazer-se no Baptisterio, e Ceremonial dos Sacramentos*: E Mando outrossim, que nenhuma Pessoa o possa reter, e que no mesmo termo de trinta dias, depois da data deste, faça entregar na Secretaria da mesma Real Meza todos os seus Exemplares, debaixo das penas affima comminadas.*

E porque finalmente me constou, que no segundo tomo da Obra, intitulada: *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos,*

los , *Abbade de Fazente* , impressa na Cidade do Porto no anno de mil setecentos oitenta e sete na Officina de Antonio Alvares Ribeiro , se havião clandestinamente introduzido algumas Obras escandalosas , e por todos os titulos indignas da luz pública : Sou Servida pelos mesmos motivos ponderados Ordenar , que o dito segundo tomo seja entregue na Secretaria da mesma Real Meza no preciso termo de trinta dias , para ser expurgado das ditas Obras , e poder depois correr : Ficando aliás prohibida toda , e qualquer Pessoa de vender , reter , ou por qualquer modo espalhar o mesmo Livro sem estar expurgado , debaixo das penas já comminadas. A Rainha Nossa Senhora o mandou pelo seu Tribunal da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame , e Censura dos Livros. Dado em Lisboa aos quatorze de Dezembro de mil setecentos oitenta e nove. Felix José Leal Arnau o fez escrever.

*D. M. PRINCIPAL ABRANCHES P.*

*José Thomaz de Aquino Barradas o fez.*

Na Regia Officina Typografica.

## Anexo B: Antologia de poemas sobre a velhice (Abade de Jazente)

### COMPOSIÇÕES EXTRAÍDAS DE *POESIAS*, TOMO I (1786)

Eu que cantei na verde mocidade  
Essa ardente paixão, que amor se chama;  
Que a tanto homem de bem, que a tanta Dama,  
Tira o repouso, e rouba a liberdade:

Que cantei desse Nume sem piedade  
As setas, o carcás, e aquela chama,  
Que abrasa aos Sábios, que os heróis inflama;  
Que acende até no trono à Majestade:

Eu que da bela Nize o génio inquieto  
Quis me servisse no verdor dos anos  
Aos versos meus de principal objecto;

Eu, conduzido enfim dos próprios danos,  
Mudei de assunto, e em vez de um louco affecto  
Canto agora as lições dos desenganos.

I, 3

Quando contemplo o tráfico da vida  
No bulício da Corte sempre incerto,  
Parece-me esta Aldeia um Céu aberto,  
Livre de tanto engano, e tanta lida.

Quando vejo a idade submergida  
Passo no triste horror deste deserto;  
De negro luto o coração coberto  
Os olhos meus a lágrimas convida.

Em nada encontro alívio: na Cidade  
Me enfada a confusão, e retirado  
Das montanhas me assombra a soledade.

Não tem mais que afligir-me o duro fado;  
Pois me faz com cruel contrariedade  
Que viva em toda a parte magoado.

I, 7

Enquanto to permite a mocidade,  
Teu Pai disfarça, tua Mãe consente,  
E enquanto, Nize a moda o não desmente  
Nos brincos gasta a flor da tua idade.

joga, dança, conversa, e a variedade,  
Que causa tanta prenda, assombre a gente;  
Deixa-te ver, que o Século presente  
Hoje chama ao pudor rusticidade.

Os corações de quem te aplaude enlaça:  
Desfruta o tempo: e tem por aforismo  
Que o gosto é fugitivo, a sorte escassa.

Engolfa-te de amor no doce abismo;  
Busca o prazer; a vida alegre passa;  
Logra-te enfim; que o mais é fanatismo.

I, 16

Enxuga o pranto, ó Nize; e sossegado  
Afouta mostra o rosto belo à gente;  
Que um sucesso no mundo tão frequente,  
Não deve ser por ti tão lamentado.

Tinha de ser: torne-se a culpa ao fado:  
Tudo se esqueça, e viva-se contente;  
Que em parte se confessa delinquente,  
Quem não sabe ocultar o seu cuidado.

Não tens que recear; que à mocidade  
Se perdoa um descuido; e sendo bela,  
Até se lhe disfarça uma maldade.

A honra é nome vão, que só disvela  
As rústicas vilãs: e a nossa idade  
Toma os casos de amor por bagatela.

I, 18

Passa um minuto, um quarto, uma hora; um dia,  
Uma semana, um mês, e um ano passa;  
E é tão tenaz a dor, que me traspassa,  
Que um instante de mim se não desvia.

Torna o Sol a girar, e a, tirania  
Torna outra vez da minha sorte escassa;  
Sem que o tempo, que as penhas adelgaça,  
Lhe possa amolentar a rebeldia.

Corre um lustro, uma idade e finalmente  
Corre uma vida; e a pena que me apura,  
Em tanta duração se não desmente:

É sempre a mesma; entendo, que procura,  
Se acaso além da morte um peito sente,  
Descer também comigo à sepultura.

I, 21

Senhora Nize, a verde mocidade  
Já lhe tem dito adeus, tenha paciência;  
Porque Dama não há, que resistência  
Saiba fazer dos anos à crueldade.

Tudo o tempo destrói: e esta verdade  
Principia a chorar vossa Excelência;  
Quando não, meta a mão na consciência,  
E mostre a certidão de sua idade.

Deixe-se pois de entrar nas Danças altas,  
De assembleias, de jogos; finalmente  
De ouvir Cadetes, e escutar Peraltas.

Olhe que já por si murmura a gente;  
E lhe diz que depois de certas faltas,  
O ter sobras de amor fica indecente.

I, 59

*(Fala da ruína da ponte de Amarante.)*

Esta que vês, Amigo, parte em terra,  
Parte no rio, e parte inda pendente,  
Foi ponte, que cingiu larga corrente,  
E agora nas areias se soterra:

Célebre foi, e qual robusta serra,  
Na espádua dura suportou valente  
A planta bruta, o tráfego da gente,  
E o trânsito das máquinas de guerra:

Na duração dos Séculos remotos  
Venceu de mil enchentes o ameaço,  
E susteve o furor dos terremotos:

Mas hoje para aviso em Mapa escasso,  
Esses penedos te apresenta rotos:  
Contempla um pouco; e volta atrás o passo

I, 93

Sem causa a Infância ri, sem causa chora:  
Incauta se despenha a mocidade;  
Sacode o jugo, e nela a liberdade,  
A caça, o jogo, o amor, tudo a namora.

Das honras o varão se condecora;  
Tudo é nele ilusão, tudo vaidade:  
Junta Tesouros a avarenta idade;  
Diz mal do nosso, e ao tempo andado adora.

Tormento é toda a vida, é toda enganos:  
Quando uns affectos vence a novos corre,  
E tarde reconhece os próprios danos:

Porque enfim se a prudência nos socorre,  
Ditada na lição dos longos anos,  
Quando se sabe, então é que se morre.

I, 117

De que serve o viver, se tanto custa?  
É toda uma tormenta a nossa idade;  
Louca na infância, vã na mocidade,  
E cheia de aflições na mais robusta.

Um chora, outro lamenta, outro se assusta  
Da fortuna à mais leve tempestade;  
E se chega a velhice, é sem piedade  
Submetida ao rigor da sorte injusta.

Parece que por seu divertimento  
O Céu nos faz penar, inda que santo,  
Sem nos deixar de alívio um só momento.

Valha-nos Deus! Se toda a vida é pranto,  
Se acaba só na morte o seu tormento,  
De que serve o viver, se custa tanto?

I, 135

O Jogo, o amor, a mesa, as Musas belas  
Roubaram-me o melhor da mocidade:  
Esta se vai passando, e a séria idade  
Principia a tratar-me coco cautelas.

Diz-me que as cartas rompa; que as Donzelas  
Deixe viver em santa honestidade;  
Que seja sóbrio; e colha a gravidade  
Do vagabundo engenho as soltas velas.

Tudo é bom; mas que importa haver mudança,  
Se os anos trazem novos precipícios  
Nas honras, na vanglória ou na esperança?

Entra o fausto fazendo desperdícios,  
Roubos a usura, crimes a vingança,  
E emendam estes os primeiros vícios?

I, 138

*(Fazendo anos o Sereníssimo Senhor D. Gaspar, Primaz de Braga.)*

Tudo o tempo destrói: a Terra alaga,  
As águas seca, os ares evapora;  
O fogo extingue, e até onde o sol mora  
Manchas fabrica, e a clara luz lhe apaga.

Dos míseros mortais a sorte vaga  
É que mais acomete; e de hora, em hora,  
Peitos penetra, corações devora,  
Vidas engole, e tudo enfim estraga.

Da trémula velhice à mocidade  
Lhe vivem tão sujeitos os humanos;  
Que o giro ele é que ordena à sua idade.

Só os heróis se isentam dos seus danos;  
Pois logram durações da eternidade,  
Como Gaspar as logra nos seus anos.

I, 146

*(Aos anos do dito Sereníssimo Senhor D. Gaspar.)*

Do mundo enganador desabusado,  
Dizer-lhe quero adeus; porque é loucura,  
Avistando tão perto a Parca dura,  
Viver dos seus enleios inda atado.

Fique-se embora pois: todo o cuidado  
Me deve a prevenção da sepultura;  
Pois, bem que tarde já, sempre é ventura  
Ao menos o morrer desenganado.

Acabem-se os projectos da vaidade;  
Rompam-se os da ambição; e dê-se um corte  
A quanto for estorvo da piedade.

Mas ah! Que é tão mesquinha a humana sorte,  
Que para persuadir-se da verdade,  
Não basta a vida, é necessária a morte.

I, 152

Aqui, onde me trouxe o fado duro  
Para passar da vida o triste resto,  
É tudo um espectáculo funesto,  
Em que a vista apascento, o peito apuro.

Do Marão carregado o forte muro,  
E dos penhascos o medonho gesto,  
Um me prende, outro faz com que molesto  
Seja aos meus passos este albergue escuro.

Aqui só por instinto se governa  
A gente bruta: aqui feroz me avisa  
Da brenha a fera, a serpe da caverna.

Aqui todo o meu mal me martiriza;  
Que até, para fazer-me mágoa eterna,  
O aspecto de mim mesmo me horroriza.

I, 158

Tudo se muda: o génio unicamente  
Em ser constante nos mortais porfia,  
Connosco a vir ao mundo principia,  
Connosco morre, e nunca se desmente.

Ele as paixões na idade mais florente,  
Ele as acende na velhice fria:  
É sempre o mesmo, e em nada se varia  
Por mais que à vida a duração se aumente.

Dissimula-se sim, mas qualquer hora,  
Apesar da mais rígida cautela,  
Nos entrega cruel, e as faces cora.

Assim o antigo ardor, que me atropela,  
Assim me incita, ó Nize, a que inda agora  
Te adore amante, e te celebre bela.

I, 167

Discreto Albino, a tua mocidade  
Junta à minha velhice bem podia  
Formar uma terceira melodia,  
Nem toda flor, nem toda austeridade.

O mundo então com grata novidade  
Talvez que os nossos versos ouviria;  
Que o gelo meu, e o teu ardor faria  
Uma bem concertada variedade.

Vibrando tu da Cítara canora  
As fibras prateadas, mais cadente  
Saíra a minha voz do peito fora.

Mas que há-de ser! se chego de repente,  
E apenas deste albergue posso agora  
Mandar-te esse Soneto por presente.

I, 179

Adeus, Nize gentil: a minha idade,  
Que já de lustros doze um pouco passa,  
Torpe a mão, tarda a planta, a vista escassa,  
É só resto infeliz da humanidade.

Tudo o mais foi despojo da impiedade,  
Com que o tempo voraz nos despedaça:  
Roubou-me o brio ao peito, ao rosto a graça,  
E nada me deixou de realidade.

Apenas me conserva por figura,  
Que mereça por última decência  
O nicho que lhe forma a sepultura.

Enfim não posso mais: a minha ausência  
Outro pode suprir; que a formosura  
Nunca se satisfaz de uma aparência.

I, 183

Ó Vós, que fostes Ninfas algum dia,  
E hoje Matronas sois, vós que me ouvistes  
Ora casos alegres, ora tristes  
Cantar de amor com doce melodia:

Vós, que um prudente pai, vós que uma tia,  
Que o marido iludir talvez me vistes,  
E por sinal que às vezes vos sorristes  
De alguns estratagemas que lhe urdia:

Vós, deixai-me esquecer: e por piedade  
Consenti que da vida transitória  
Discorra em paz na decadente idade.

Riscaí os meus sucessos da memória;  
Que às vezes são motivo da saudade  
Doces lembranças da passada glória.

I, 187

Adeus, Laura gentil, fica-te embora,  
E a novo adorador feliz te enlaça:  
Desfruta a mocidade, porque passa  
Depressa o tempo, e tudo nos devora.

Eu de nada te sirvo; pois já agora  
A trémula velhice me embaraça;  
E o ter zelos além da morte escassa  
Transcende a maior fé de quem se adora.

Não falta gente moça; eu te confesso,  
Que produz grande cópia a nossa idade,  
Em quem podes lograr melhor sucesso

Elege um entre mil, enche a vontade,  
Pois tens onde escolher; eu só te peço,  
Que a dar-me um sucessor não seja Abade.

I, 199

Adeus; já basta, Amor: a mocidade  
Te of'reci por primeiro sacrifício;  
E depois a razão, e o desperdício  
Por último te fiz da longa idade.

O dever, o decoro, a dignidade;  
Tudo arrisquei para te ver propício;  
E se a honra salvei do precipício,  
Foi mais que favor teu, do Céu piedade.

Por teu respeito enfim delirei tanto,  
Que eu mesmo celebrei com voz sonora  
O motivo infeliz do próprio encanto.

Que queres mais de mim? Que eu inda agora  
A lira pulse, e te consagre o canto?  
Esse tempo acabou; fica-te embora.

I, 203

*(Depois que o Autor renunciou o seu benefício.)*

Eu, que junto à Cabana, em que vivia,  
Tive uma rica Ermida: e afortunado  
Ovelhas tantas tive, que o montado  
Com elas branquejar alegre via:

Eu, que tive prazer, tive alegria,  
Tive nome entre os mais; eu desgraçado,  
De quanto tive agora despojado,  
Não tenho nada mais, que a noite, e dia:

Eu mesmo deixei tudo: e unicamente,  
A saudade nos cofres da memória  
Com disvelo guardei, mas imprudente;

Pois lendo nela a minha triste história,  
Me fazem ser mais duro o mal presente  
Doces lembranças da passada glória.

I, 216

Dos anos a contínua concorrência  
Pouco a pouco destrói todo o vivente,  
A fera mais robusta, gado, a gente,  
E a planta de mais firme corpulência.

Abate até dos montes a eminência:  
Gasta os duros metais: ultimamente  
Não há cousa no mundo tão valente,  
Que forme contra o tempo resistência.

Por mais reparos que a cautela traça,  
Ele sempre caminha; e a passo lento  
Torres destroça, e muros despedaça.

Eu só do seu domínio vivo isento;  
Pois por mais que ele corra, e mais que faça,  
Nunca pode extinguir o meu tormento.

I, 223

*(Na mesma Academia.)*

Musas, adeus, que a vossa melodia  
Não posso já sofrer; foi tempo: agora  
Ocultar quero a cítara sonora,  
Onde nunca mais veja a luz do dia.

Rouca a voz, tarda a mão, e a ideia fria  
Querem que eu vá desta assembleia embora:  
Sábios tem ela Alunos; e eu de fora  
Lhe ouvirei novos modos de harmonia.

O objecto dela é grande; e na verdade  
Esforços requeria mais que humanos  
Em uma acção de tanta autoridade.

Mas se eu não posso mais; aos Céus sob'ranos  
Rogarei que por bem da nossa idade  
A Fénix conte de Gaspar os anos.

I, 228

## COMPOSIÇÕES EXTRAÍDAS DE POESIAS, TOMO II (1787)

### “CONTROVÉRSIA ENTRE PAULINO CABRAL DE VASCONCELOS E TEODORO DE SÁ COUTINHO DE AZEVEDO A RESPEITO DA IDADE”

AOS ANOS DE TEODORO DE SÁ COUTINHO.  
ROMANCE ENDECASSÍLABO

Que será Santos Deuses, que não posso  
Hoje a fruta afinar? Movo, tempero,  
Componho em modos mil os lábios rudes,  
E nada sei tocar, e nada acerto!  
O sopro, que o seu côncavo penetra,  
Parece o rouco som dum arvoredado,  
Quando o Noto, agitando as tempestades,  
Assobia medonho nos desertos.  
Nada posso afinar: tudo discorda;  
A fruta, o peito, a boca, o sopro, os  
dedos.  
Que será? Quem o sabe? sempre o Fado  
Estorvos acrescenta nos empenhos.  
Hoje *que* dum amigo alguns instantes  
Os ouvidos queria achar atentos,  
Felicitando harmónico os bons anos,  
Que formam hoje o círculo primeiro.  
Hoje me deixa a fruta; hoje discorde  
De todo enrouqueceu: que sortilégio  
Dizei-me, ó Musa, lhe embaraça agora  
A doce melodia dos seus ecos?  
Não sou ingrato ó Musas; bem recorde  
Que foi dádiva vossa este instrumento,  
Que o Douro algumas vezes suspendia,  
Que movia outras vezes os penedos.  
Bem me lembro, que estrada abri patente  
Por meio desta fruta em muitos peitos,  
Que Amor circunvalou de mil durezas,  
Para que fossem Troias dos desejos.  
Confesso, que esta fruta (inda por isso  
Lhe estampo agora agradecidos beijos)  
Confesso, que o rigor da minha Nize  
Alguma vez deixou menos severo.  
Tudo confesso, ó Deuses; mas que  
importa?  
Se muda a fruta está, quando pretendo  
Mostrar ao Sábio Amigo em mil cadências,  
Que de dar-lhe os bons anos não me  
esqueço?

Tomai, ó Musas, pois a vossa prenda,  
Outra vez a aceitai; eu vo-la entrego;  
Que deve rejeitar-se o benefício,  
Que não pode ser útil nos disvelos.  
Tomai a recebê-la; porque julgo  
Poupareis desta sorte um sacrilégio.  
Mas ah! vós não quereis? Agora vede,  
Que maior desacato vos cometo.  
Vem tu cá, fruta ingrata, que contigo,  
Antes de castigar-te, falar quem.  
Quanto deves àquele Sábio amigo,  
Para cujo louvor muda te vejo?  
Ele o primeiro foi, que destramente  
Me ensinou a inspirar-te o doce alento:  
Ele te enobreceu, ele te aplaude:  
E tu deixas seu nome hoje em silêncio?  
Ele foi quem só pode libertar-te  
Do patíbulo infame, onde pendendo  
Por funesto cordel, foste da gente  
Espectáculo triste em outro tempo.  
Ele foi quem do rústico Carvalho  
Te soube desatar piedoso, e destro,  
Esgalhando a vergonha, que sustinha  
Do teu côncavo buxo o leve peso.  
Do teu libertador, do Sábio Amigo,  
Do Mestre, dos aplausos, dos obséquios,  
De tudo enfim te esqueces? Vai-te, vai-te,  
Vergonhoso instrumento dos meus erros.  
Vai-te ao chão fica agora submergida  
Nesse mísero canto sujo, e feio,  
Onde sem lustre algum, sem honra estejas  
Na torpe habitação do esquecimento.  
Fica aí, onde nem por teus buracos  
Se digne de passar o leve vento:  
Fica aí onde Aracne só te encubra  
Com sua frágil teia o rude aspecto.  
Fica aí ... Mas que faço? A culpa é minha:  
Tens razão em calar-te. Eu me arrependo:  
Eu torno a levantar-te, amada fruta,

E deste meu furor perdão te peço.  
Tens razão, pois daquele Sábio amigo  
Os bons anos precisam de algum plectro,  
Onde tocasse Orfeu; onde provasse  
A voz, e a melodia o mesmo Febo.

Tens razão em calar-te: anos tão grandes  
Os felicite a Cítara de Homero.  
Mas tu, querida fruta, te contenta  
Com saber abrandar de Nize o génio.

#### ÁRIA

Para o tempo, que os devora,  
Deixa, ó fruta, deixa os anos:  
Aos enleios, aos enganos  
Outra vez torna de Amor.  
Outra vez de Nize agora,  
Outra vez lhe move o peito:  
Causa nele um tal efeito,  
Que lhe abrandes o rigor.

II, 13-18

#### AOS ANOS DE TEODORO DE SÁ COUTINHO. ROMANCE ENDECASSÍLABO

Conversemos um pouco, meu Teodoro,  
Nas mudanças do mundo. Nada fica  
No próprio ser, que a velha Natureza  
Deu às cousas da máquina roliça.  
Tudo se altera; nada é perdurável:  
Faz o mundo mudanças tão vadias,  
Que o mais ligeiro Inglês as não pudera  
Executar no passo de uma giga.  
Muda-se o vento: vemos pelas torres,  
Que não têm persistência as suas  
grimpas:  
Por uma parte o Norte frio bufa;  
Por outra o quente Sul nos assobia.  
Muda-se o mar, pois muda de  
carrancas  
Mais vezes, do que morde as penhas  
frias;  
Ou quando encapelado rouco berra,  
Ou quando sossegado alegre brinca.  
Muda-se a Terra, aonde nos parece,  
Que tudo nela o próprio centro firma;  
Pois com seus terremotos tragadores

Tomba montanhas, mármoreos derriba.  
Muda-se enfim também o Céu distante,  
Que incorruptível fez o Estagirita;  
Pois vemos novos Astros, e Cometas  
Jogar o esconde-esconde lá por cima.  
Mas deixemos as Físicas, Teodoro,  
Sempre incertas. Um pouco moraliza  
Comigo nas mudanças, que notaste  
Nas mais grandes, e firmes Monarquias.  
Tu viste em Portugal (és já bem velho!)  
Mudar-se, na catástrofe de um dia,  
De um para outro Irmão o Ceptro  
Augusto,  
O Poder, os Palácios, a Rainha.  
Tu viste a grande Casa de Castela  
Passar para Borbon; e todavia  
Da poda, que se fez na rama da Áustria,  
Inda agora presumo, que suspiras.  
Tu viste a sucessão da Grã Bretanha  
Passar aos Protestantes, toda a vida  
Ficando o Cavalheiro de S. Jorge  
A jogar pelo mundo a bugalhinha.

Tu viste na Polónia três Monarcas,  
Na Rússia uma mudança tão temida,  
Um Sucessor já posto na Suécia,  
Hoje sobre a Curlândia mil intrigas.  
Tu viste o Grão Senhor ficar deposto,  
Na Pérsia o Koulikan, e lá na China  
Governarem os Tártaros, aonde  
Três mil anos reinou outra família.  
Tu viste em sessenta anos tais  
mudanças,  
Mortes, batalhas, roubos e conquistas,  
Que parece mais fácil sucederem,  
Que em outro tanto tempo referi-las.  
Só tu (tens bons sessenta, meu  
Teodoro)  
Só tu nunca mudas; pois ainda  
Aos afagos das Musas folgazonas  
Nessa idade caduca te arrebitas.  
Só tu, outra vez digo, te não mudas;  
Pois inda fazes versos, quando as iras  
Do tempo engolidor te despovoam  
Os dentes, o cabelo, a força, a vista.  
Não só folgas, mas bebes na taberna,  
Quando por velho já me parecia,  
Que trocavas os diques de Hipocrene  
Pelas torneiras húmidas da pipa.  
Inda montas no Pégaso, correndo  
Por toda essa montanha bipartida:  
Pois olha, que o caminho é bem  
custoso,  
E a besta não consente felistrias.  
Suponho, que também nela montaste,  
Por fazer mais depressa uma tal Silva,  
Que apareceu com gosto dos ouvintes  
Na nossa Episcopal Academia.  
Só nela censurei, (valha-te Apolo)  
Que afectando as burlescas melodias,  
Viesses com os pífaros agrestes  
Enrouquecer o som das minhas liras.  
Só nela censurei um par de versos,  
Em que tu por Poeta me apelidas,  
Bem que não claramente; pois  
douravas  
A pílula da hipócrita harmonia.  
Os poetas têm parte de Divinos;  
Haver não pode neles mediania:  
Pois será desvario do compasso,

Tratar cousas imensas por medida.  
Para ser bom Poeta é necessário,  
Que um furor arrebate a fantasia:  
Para ser mau, supõe-se logo falta  
No discurso, que estólido se anima.  
Com que fim, meu Senhor, por doudo  
ou tolo,  
Em me chamar poeta, me avalias.  
Em qualquer dos extremos, que me  
ponhas,  
A pulha não é tal, que se digira.  
E mais, quando por consequência justa  
Me vens a chamar tolo; pois sabida  
A maior, de não ser eu bom Poeta,  
A conclusão qualquer rapaz a tira.  
Antes tu me tratasses como doudo,  
Que dessa sorte tanto o não sentira;  
Que o perder-se o discurso por  
sublime,  
É cousa, que mil vezes acredita.  
Contudo à sacra imagem da Amizade  
Sacrificava a dor da ofensa minha;  
Porque visse uma vez o mundo  
exemplos  
De acções tão raramente acontecidas.  
Calei-me; mas porém, como buliste  
O correio passado nas feridas,  
Hei-de gritar, não tem remédio: arre.  
Hei-de gritar, não tem remédio: irra.  
Ora pois tu não queiras, que nós ambos  
Demos que conversar do mundo às  
línguas;  
Que o ser das gentes fábula é loucura,  
A não ser por acções esclarecidas.  
Não façamos mais versos: vê que  
Homem  
(Homero basta só que te repita)  
Por despido, e por cego, na velhice  
Um Cupido barbado parecia.  
Os mais exemplos calo; porque basta  
O que acabo de expor: as doutas cinzas,  
Se tem por Mausoléus firmes  
memórias,  
Também tem por Padrões tristes  
ruínas.  
Eu por mim dou-te a mão: eu te  
protesto

De não fazer mais verses, bem que a  
linda  
. . . . outra vez faça arrastar-me  
O dourado grilhão, que me prendia.  
Inda que Procissões haja em  
Monchique,  
E me peçam Romances, e Letrinhas,  
Loas de Santa Clara, e de S. Bento  
Árias Italianas, ou Latinas:  
Inda que mil funções o Bispo tenha,  
Inda que muitos partos a Sobrinha,  
Inda que o Conde faça noventa anos,  
Inda que haja faraó de Senhoritas:  
Inda que bufe ao lume a servilheta,  
A quem dei uma capa de ratina;  
E me dê outra vez jocoso assunto  
À minha alegre, rústica, Tália.  
Inda que a Valongueira desenvolva  
À reata me traga, inda que as filhas  
Daquele, que lá mora no teu bairro,  
Tornassem a morar minhas vizinhas.

Inda que me pedisse a Irmã do ....  
Para a moda da Fofa três cantigas:  
Inda que dessa terra, me influíssem  
Do Tâmega as correntes cristalinas.  
Enfim, inda que amor ao carro atado  
Me tornasse a levar, não poderia  
Tirar-me do propósito de nunca  
Tornar mais a beber na Cabalina.  
Eu para a Lomba vou, amada pátria,  
Que o ser monte não rompe a simpatia  
Dos suaves grilhões, com que nos  
prende  
O sítio, onde passamos a puerícia.  
Das árvores virentes, que algum tempo  
Plantaram meus Avós (porque me sirva  
Agora a grata sombra, que primeiro  
Dos séculos passados foi fadiga,)  
Pendente deixarei a fruta doce,  
E também o frautim de travessia,  
Por castigo do mal, que tem tocado,  
Nas forquetas dos ramos suspendidas.

Estas, que vês aqui, ó Caminhante,  
Enforcadas nos ramos de um Carvalho,  
Um tempo das Camenas agasalho,  
Hoje da gente escândalo constante:

Estas, que vês de pálido semblante,  
Serem dos mochos hórrido espantalho,  
De Délio um tempo harmónico trabalho,  
Hoje o exemplo de estragos de um amante.

Estas, que vês aqui amortecidas,  
Um tempo suspensão do Deus menino,  
Hoje dos ares grossos só feridas:

Estas, que vês, por mísero destino,  
Desse verde patíbulo estendidas,  
Estas foram as frutas de Paulino.

II, 19-27

## RESPOSTA DE TEODORO DE SÁ COUTINHO.

SILVA

Para que, meu Paulino,  
Queres, com temerário desatino,  
Mostrar na antiguidade das Histórias  
As penosas memórias  
Da minha antiguidade?  
Para que arrastas tanta imensidade  
De casos sucedidos,  
De que tenho atroados os ouvidos,  
Se isto não faz ao caso do teu conto?  
Pois o principal ponto  
Da tua arenga toda,  
Que o teu discurso a mim mal  
acomoda,  
É mostrar-me a velhice  
Na douda parvoíce,  
Com que me fazes ser, e aos mais  
amigos  
Testemunhas de casos tão antigos?  
Se velho no princípio me chamaras,  
O trabalho pouparas  
De andares mendigando antiguidades,  
Para mentir verdades,  
Que o mundo sábio já tanto aborrece;  
Porque velho só é quem o parece.  
Ora supõe, que eu tenho os meus  
sessenta,  
E tu só quinze tens: então que intenta  
Mostrar-me a tua Musa impertinente?  
Ser velho sem calor? Tu moço ardente?  
Assim é: porém ouve-me uma história,  
Que me está latejando na memória.  
Entrou pois, de um certame na  
ocorrência,  
Um velho com um moço em  
competência:  
Ria-se o moço, e o velho mais sisudo  
la vencendo, ia logrando tudo;  
Flor, e fruto colhia no que obrava,  
E os frutos sazouava;  
Sendo assim tanto a tempo o que dizia,  
Que em todo o tempo flores produzia.  
O moço, convertendo em ira o riso,  
Frenética a razão, turbado o siso,  
Contra o velho calúnias mil formava,

E o rosto com os anos lhe manchava.  
Mas o velho, zombando da arrogância,  
Da facécia, da raiva, e petulância,  
Com plácido semblante,  
Com voz jocunda, e ânimo constante,  
Repousando em si mesmo, e em si  
todo,  
Lhe falou livremente deste modo:  
Sabei, menino, que na minha terra,  
Onde a lei da razão pura se encerra,  
E onde sem desabono  
O seu dá cada um sempre a seu dono,  
Têm assentado os homens de talento,  
Por discreto, e cabal conhecimento,  
Que um burro de quinze anos se  
experimenta  
Ser mais velho, que um homem de  
sessenta:  
E assim saibei, rapaz, por esta conta  
Que em vós, e mais, que em vós, um  
velho monta.  
E por ir de uma vez logo às do cabo,  
Dito isto, lhe voltou mui sério o rabo.  
Não sei a que respeito  
Me subiu esta imagem ao conceito.  
Sou velho, e sobre velho também  
tonto:  
Porém tu, que és rapaz, e que és mais  
pronto,  
Enquanto lhe penetras a medula,  
Pé ante pé irei na tua mula  
Entrando pelo centro do Parnaso,  
Porque me não pressinta o Grão  
Pegaso,  
E dos altos relinchos ao estrondo,  
Não saia de si fora o Deus redondo.  
Assim sem mais, nem mais, montado  
nela,  
Chegarei a par dele com cautela,  
E, sem ser conhecido,  
Serei, por ir na mula, bem ouvido;  
E tu, com seres tolo,  
Sei, que és o Fr. Gaspar do Deus Apoio.

Pedir-lhe-ei, que mande  
expressamente,  
Que nunca faças versos de repente;  
E outrossim, que te mande em alto  
brado,  
Que sempre faças versos de pensado.  
Item, quando a . . . . nha armar a teia,  
Lhe faças dois versinhos à candeia;  
E também de Monchique às Procissões  
Farás sempre Romances, e Canções:  
E que faças às Claras, e às escuras  
Em verso setecentas diabruras;  
E árias para S. Bento peregrinas  
Italianas, Gregas, e Latinas.  
Item mais, que às funções do teu  
Prelado  
Sempre vás, mas que seja em pé  
quebrado,  
Nos partes da Sobrinha não se escusa,  
Que faça de Lucina a tua Musa;  
E quando ela também de parto esteja,  
Para que todo o mundo o excesso veja,  
Que assim como estiver, ou nua, ou  
crua,  
Saia correndo c'ó seu parto à rua.  
Item, que quando o Conde fizer anos,  
Que serão outros tantos desenganos,  
Ao som de um rouco, e fúnebre  
instrumento,  
Lhe cantarás aos anos um memento.  
E às Senhoritas todas  
Em faraós, em funções, bailes e bodas,  
Faças a tua Cópia, ou Madrigal,  
Como der, e vier, ou tal, ou qual.  
Item, que à servilheta do vizinho,  
Por quem andaste sempre mui tolinho,  
E sem Júpiter ser, nem ela Europa,  
Transformado te vi por ela em 'stopa,  
Teus versos faças sempre, que é  
preciso,  
Inda andando confuso, andar com siso.  
Que a essas Valongueiras,  
Que andam metendo formas de  
arrieiras,  
Em verso chulo, em métrico desgarre  
Dirás uma vez xó, outra vez arre:  
E se a voz dos orneios no sussurro

Se perder, poderás em voz de burro  
Também metrificar,  
Que vem a ser o mesmo, que zurrar.  
Item, que às do meu bairro Ninfas belas  
Farás versos; porém com tais cautelas,  
Que de todo há-de encher tuas  
medidas,  
E as Sílabas terão bem aferidas:  
E que à moda da Fofa, a Irmã do . . . .  
Três mil cantigas faças só por só,  
Tão claras, tão brilhantes, tão cadentes,  
Que escureçam do Tâmega as  
correntes.  
Item, que ao carro atado  
Sejas em corpo, e alma arrebatado  
Ao cume desse outeiro,  
Que é bipartido até pelo traseiro;  
Para que ali sem réplicas, e escusas,  
Beijes os nove cus das nove Musas:  
E feita esta novena,  
Ao som da frauta, em doce cantilena,  
Venhas, como quem zomba,  
A buscar por teu pé a pátria Lomba,  
Aonde nos Carvalhos,  
Em vez de frutas acharás bugalhos,  
Por castigo fatal, douto escarmento  
Do teu louco, e errado pensamento.  
Isto lhe pedirei, e sem conselho,  
Espero a condescendência do bom  
velho;  
Por que tem procederes mui honrados,  
E juízo por cima dos telhados:  
É teu Amigo enfim, isso te basta;  
E é por Pai, e por Mãe de boa casta.  
Ora, certo tu já no bom despacho,  
Podes sem nojo algum, ou sem  
empacho,  
Fazer versos com mãos, e mais com  
pés,  
já que estás no teu tempo, e no teu  
mês;  
Porque seria asneira conhecida,  
Deixares de ganhar a tua vida  
Por este honrado modo.  
Coitados dos Conventos, e de todo  
O pobre padecente namorado,  
Que, para dar em verso o seu recado,

Te não tiver a ti, e a mim também.  
Não sei que tem, Amigo, o fazer bem!  
Do próximo à fatal necessidade  
Acudir é de Apoio caridade;  
E eu, e tu bem sabemos os aumentos,  
Que logramos por tais merecimentos.  
À vista do que, logo eu mesmo esgalho

O ramo do Carvalho,  
Em que as frutas suspensas, e  
enforcadas  
Estavam a morrer sentenciadas.  
E enquanto a liberdade lhes prometo  
Lê tu de teu vagar esse Soneto.

Já não verás, alegre Caminhante,  
As frutas de Paulino em um Carvalho;  
Pois das Ninfas do Tâmega agasalho  
Serão sempre, em suave som constante.

Já não verás com pálido semblante,  
As que foram de amor doce espantalho;  
As que do amante, e lânguido trabalho,  
Em eco repetiram só o amante.

Já não verás de todo amortecidas  
Aqueles prendas, com que o Deus menino  
Curava de seus golpes as feridas.

Já não verás, por fúnebre destino,  
Por esses verdes ramos estendidas,  
E enforcadas as frutas de Paulino.

II, 28-37

*(De Paulino Cabral à idade de Teodoro de Sá.)*

Quando apenas das mãos do Omnipotente  
Tinha do Mundo a Máquina saído,  
O Tempo novamente produzido,  
Se mostrou contra os homens inclemente.

Dos primeiros mortais foi lentamente  
As vidas devorando endurecido;  
Depois, barbaramente enfurecido,  
Em pouco espaço engole a mais da gente.

Só tu, Teodoro, eterna resistência  
Lhe soubeste fazer: da mocidade  
Conservas sempre a cândida aparência.

Comunica-nos pois tal raridade;  
Ou dize onde aprendeste essa ciência,  
Faremos imortal a nossa idade.

II, 38

*(Resposta de Teodoro de Sá.)*

Três anos uma seve inteira dura,  
Por mais que o lavrador se sirva dela:  
Um cão três seves dura, se a cautela  
O livrar da pedrada, que o procura.

Dura um burro três cães, se a desventura  
Chagas lhe não abrir da albarda, ou sela:  
Três burros dura um homem na mais bela  
Disposição, que a sorte lhe segura.

Como queres pois ter, dize Paulino?  
Aquele duração, aquele aspecto,  
Que o homem tem por graça do destino?

Três de ti durarei, e eu te prometo,  
Que sempre me hão-de ver moço, e menino,  
Tu Paulino, teu filho, e mais teu neto.

II, 39

*(De Paulino.)*

Ó Vós, que um tempo fostes Ninfas belas,  
Hoje tardas Avós, caducas Tias,  
Que me ouvistes com leves melodias,  
Cantar do vosso amor as bagatelas:

Vós, que me vistes com subtis cautelas,  
Velando as noutes, e dormindo os dias,  
Evitar rondas, iludir espias,  
Escarar muros, e assaltar janelas:

Vós, ficai-vos em paz, e cubra embora  
Um eterno silêncio estas, que choro,  
Memórias vãs da juvenil Aurora.

Basta-me só, que a ver-me com decoro  
Dançar com vossas Netas inda agora,  
Diga alguma de vós – Olha o Teodoro!

II, 40

*(Resposta de Teod.)*

Pastando a relva mole andava um dia  
A mais bela manada de jumentas,  
Umas de cor escura, outras cinzentas,  
A quem um burro calvo, amor fazia.

A este que as rondava, e que as seguia,  
Disse uma das mais novas – Tu que intentas?  
Tendo corrido já tantas tormentas,  
Inda o corpo te pede hoje folia?

Sim (diz o burro) eu sigo o meu destino;  
Que suposto dos quinze a idade choro,  
Para brincar convosco sou menino.

Pois (diz outra) se em quinze inda há namoro,  
Bem podemos dizer – Olha o Paulino!  
Quando alguma disser – Olha o Teodoro!

II, 41

*(De Paul.)*

A Tenra Meninice se endurece  
Com as pausas do tempo, e a Mocidade,  
Perdendo o mimo da primeira idade,  
Os dourados cabelos escurece.

A viril Robustez nos fortalece,  
Mas rouba a gentileza uma ametade:  
Sábua a Velhice é mestra da verdade;  
Mas falta a vida, assim que se conhece.

Assim por graus nos vem buscando a Morte,  
De cuja eterna lei se não isenta  
Dos míseros mortais a triste sorte.

Eu somente sei um, que ousado intenta  
Perverter esta lei; pois sempre forte,  
Parece moço, e passa de setenta.

II, 42

*(De Teod.)*

Entra o homem no Mundo, e seu pecado  
Chora logo, suposto o não conhece;  
Porém a Unção Sagrada o fortalece  
Da corrupção do pó, de que é formado.

Dos singelos discursos desatado,  
Em mais altas ideias se enobrece;  
E quanto mais a idade nele cresce,  
Mais se vê nas Ciências sublimado.

Que muito é pois, que um homem de setenta  
Te pareça inda moço, se esta idade  
As vigorosas forças lhe acrescenta?

O que me faz pasmar, (falo a verdade)  
É que um burro de quinze inda experimenta  
A mesma força, a mesma actividade.

II, 43

*(De Paul.)*

Dos bons anos, Teodoro, eu só queria  
Uma entrada feliz anunciar-te;  
Porém temo, que chegue a desgostar-te.  
O que aos mais é motivo de alegria.

No júbilo comum eu não devia  
Imaginar razões de magoar-te;  
Mas gosto tão geral não há, que parte  
Da sorte não funeste a tirania.

Calemos pois; que é louco o que recorda  
Do mal, que é sem remédio, os tristes danos,  
A quem se vê do precipício à borda:

Pois fora indiscrição dos desenganos,  
Na cadeia ao ladrão falar em corda,  
E a quem se vê já velho, nos bons anos.

II, 46

*(De Teod.)*

Eu aceito os bons anos, sem que o susto  
De poder desgostar-me, me entristeça;  
Que suposto, que velho te pareça,  
Conto setenta e seis, forte, e robusto.

Para ti guarda o medo; pois é justo,  
Que dos quinze a lembrança te estremeça:  
Porque é bem, que o seu dano reconheça.  
Quem sentiu da atafona o giro adusto.

A mim nunca me pode ser molesto  
Esse reparo teu: os desenganas  
Da minha idade tenho no meu gesto.

Mas louvo-te com termos sempre urbanos,  
Não fales em corda; se um cabresto  
A ruína tem sido dos teus anos.

II, 47

*(De Paul.)*

Teodoro, a Vida é breve, e a Sorte escassa,  
O Tempo tragador, e finalmente  
A idade, que parece mais florente,  
Logo se murcha, e pouco a pouco passa.

Depois, sujeita às iras da desgraça,  
A mais firme se vê, e a decadente  
A cada instante o duro golpe sente,  
Com que a Morte cruel nos ameaça.

Por fim segue-se aquela noute escura,  
Que os olhos tapa a todos os humanos,  
Noute infeliz, que eternamente dura.

Então, para troféus dos desenganas,  
Tudo se vai sumir na sepultura,  
Excepto sempre os teus compridos anos.

II, 48

*(De Teod.)*

Paulino, estas imagens da verdade,  
Que pinta a tua voz sempre eloquente,  
Parece, que as anima um zelo ardente,  
E são véus com que encobres a maldade.

Mas se queres pregar com liberdade,  
Lava a sobrepeliz; pois diz a gente  
Que algumas nódoas tem, e não consente  
Repreensões sem exemplo a nossa idade.

O teu Sermão ao vivo representa  
Da morte o desengano: e era cordura,  
Que a ambos nos lembrasse esta tormenta:

Pois sabes por discreta conjectura,  
Que se perto da morte andam setenta,  
Os quinze à borda estão da sepultura.

II, 49

*(De Paul.)*

Aqui, onde o Marão das nuvens perto,  
E aonde a Estígia água regurgita,  
O cume empina, as fraldas precipita,  
Medonho à vista, ao passo sempre incerto:

Aqui, onde somente encontra aberto  
Caminho o lobo, quando a brenha agita;  
E aonde apenas pobremente habita  
O rústico Cultor deste deserto:

Aqui, onde um regato, que iracundo  
À penha golpes dá, ao tronco abanos,  
Salta do monte, e forma um vale fundo:

Aqui, na habitação dos desenganos,  
Deixando o jogo, apostrofando o mundo,  
Contemplo de Teodoro os largos anos.

II, 52

*(De Teod.)*

Inda do frio Inverno a dura fronte  
Queima os Campos; e o gado espavorido,  
Como o prado da relva vê despido,  
Em queixosos balidos busca o monte.

Inda o Tâmega inchado, e a turva fonte  
Muda o som doce em áspero ruído;  
E do fundo do vale ao monte erguido  
Nada alegre se vê no Horizonte.

Inda teima Paulino nos enganos  
De querer (quando a idade me apresenta)  
Mostrar-me da velhice os desenganos.

Mas se com reflexão pouco violenta  
Contar quer a ruína dos meus anos,  
Mais contará em quinze, que em setenta.

II, 53

*(De Paul.)*

De bárbaro Cultor, do curvo arado  
O Campo, onde foi Tróia, hoje se fende:  
Hoje entre brenhas mísero se estende  
O despojo de Mênfis destruído.

Hoje ao muro de Elisa arruinado  
Árabe pescador a Cimba prende:  
Hoje é escola o Liceu, onde se aprende,  
Que tudo está sujeito à lei do Fado.

Nestes sacros exemplos, que a vaidade  
Já debilmente na lembrança anima;  
(Que até memórias traga a antiguidade)

Nestes destroços do remoto clima  
Aprende a recear a larga idade:  
Toma tabaco, fala à tua Prima.

II, 54

*(De Paul.)*

Renova a pele a esquelética Serpente,  
A pena a Águia, as pontas o Veado,  
As flores o jardim, a relva o prado,  
O bosque a folha, as águas a corrente.

Renasce o Mundo, e em cada Abril florente,  
De novas produções condecorado,  
Parece, que inda há pouco foi formado  
Pela Suprema Mãe do Omnipotente.

Não caduca com tanta antiguidade:  
Os anos conta, os séculos numera,  
E afronta sem pavor a Eternidade.

Assim dos Orbes se sustenta a esfera;  
E assim, Teodoro, a tua longa idade  
Nunca envelhece, é sempre Primavera.

II, 58

*(De Teod.)*

Qualquer homem, que conta setenta anos,  
Robusto pode ser, forte, e valente;  
Mas um burro de quinze apenas sente  
Do chicote os vergões, da espora os danos.

Um homem de setenta sem enganoso  
Forças tem, filhos faz, brincos consente;  
Mas um burro de quinze, é só patente  
Cemitério de moscas, e gusanos.

Sempre as partes do homem são fecundas,  
Mas as do burro desiguais, e toscas;  
Umhas amáveis sempre, outras imundas:

Aquele mostrará rugas, ou roscas,  
Este com espravões, chagas profundas,  
Um sempre com vigor, outro com moscas.

II, 61

*(De Paul.)*

Oh! como devagar o tempo passa  
Na solidão de uma pequena aldeia!  
Inda até para aquele, que receia  
Do importuno credor a espera escassa.

Amanhece, e apesar daquela graça,  
Com que a primeira luz o Sol ateia,  
Lhe parece a manhã comprida, e feia,  
A quem pesado, e só, não tem, que faça.

É cada dia um ano: e tanto dura  
Da noute negra a escura soledade,  
Que inda apesar do sono, é sem mensura.

Eu só lhe posso dar com certa idade,  
Cujos anos já servem de figura  
Para nos explicar Eternidade.

II, 62

*(De Paul.)*

Meio século o tempo devorado  
Com tanto estrago tem, que a mocidade  
Já não recorda em tanta antiguidade  
De seus Avós o nome sepultado.

Mas, Teodoro, só tu tens apostado  
Desafiar a mesma Eternidade,  
Tendo parte feliz na nossa idade,  
Nascendo lá no século passado.

O tempo tudo estraga, mais valente  
Que o rápido, e sulfúreo Meteoro;  
Porém tu lhe resistes igualmente:

Nele o violento, em ti o forte adoro,  
A força, a resistência; finalmente  
Tudo me pasma. Ó tempo! Ó Teodoro!

II, 64

*(De Paul.)*

Um ano mais, Teodoro, principia  
A dividir o século presente:  
A metade acabou, outra igualmente  
Toda a posteridade desafia.

Foi larga a duração, mas todavia  
Breve memória apenas nos consente:  
Grande espaço correu, já se não sente;  
Enfim passou, parece-nos um dia.

Assim nos foge o Tempo. Afortunado  
Do Sábio, que desfruta o valor puro  
Do círculo das horas apressado.

Feliz mil vezes tu, que já maduro,  
Colhendo desenganos do passado,  
Dás ao mundo lições para o futuro.

II, 66

*(De Paul.)*

Teodoro, ei-la lá vem, que a fantasia  
Nem sempre há-de enganar-me; é ela, é ela,  
Que te vem procurar, seca, amarela;  
E por sinal que a curva fouce afia.

Traz consigo o pavor, traz a agonia,  
E tudo quanto aos homens atropela:  
Despedaça, desfaz, consome, rela,  
E leva quanto encontra à campa fria.

Não tens que lhe fazer, que o mais valente  
Não sabe resistir à lei da sorte:  
Os olhos tapa pois, inclina a frente.

Mas ah!, que digo? ela suspende o corte;  
Ela passa adiante, e finalmente  
Os teus anos respeita, e foge a Morte.

II, 68

*(De Paul.)*

Subjuga o Tempo indómitos pescoços,  
E com dente voraz, perpétua fome  
Nos arranca, nos traga, e nos carcome  
Os cabelos, a pele, a carne, os ossos.

Mas que muito, se os mármoreos mais grossos  
Na duração dos séculos consome?  
Despedaça, desfaz, devora e come,  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos?

Enfim, Teodoro, as nossas mocidades  
Engolem pouco a pouco sem demência  
O dia, o mês, os anos, as idades.

Nada pode fazer-lhes resistência:  
E se tu queres ver estas verdades,  
Tira a peruca, apalpa, e tem paciência.

II, 70

*(De Paul.)*

O Tempo apurador dos membros nossos,  
Para dar alimento à própria fome,  
Nos arranca, nos rói, traga, e consome  
Os cabelos, a carne, a pele, os ossos.

Até mordendo os mármore mais grossos,  
Pelos bocas dos séculos os come;  
Desbarata, destrói, desfaz, consome  
Torres, Templos, Pirâmides, Colossos.

Sorver o Mundo inteiro enfim procura;  
Porque apesar dia sua permanência,  
Abate, quebra, rompe, e desfigura.

Mas em Teodoro encontra resistência;  
Pois com ter quinze lustros, nele dura  
O brio, a força, o ânimo, a potência.

II, 72

*(De Teod.)*

Que importa que do Tempo a edacidade  
Das Torres arruíne a arquitectura,  
Se o homem de setenta anos procura  
Vencer de seus estragos a impiedade?

Mas não assim o burro, cuja idade  
O Tempo sempre aos quinze desfigura;  
E se apenas três lustros vivo dura,  
Ao quarto desfalece sem piedade.

Resiste pois o homem, que é valente,  
Às inquietas paixões do Tempo irado  
Com valor sempre firme, e permanente.

Morre o burro dos quinze estropiado,  
Sem ter memória alguma do presente,  
Nem conservar lembranças do passado.

II, 73

*(De Paul.)*

Aqui, pois mo permite a soledade  
Deste mudo deserto, aonde habito,  
Aqui, douto Teodoro, premedito  
Do Tempo na pasmosa imensidade.

Lembro-me então da tua longa idade:  
Os lustros conto, os séculos repito;  
Até que pouco a pouco no infinito  
Me vou perder da escura Eternidade.

É tudo um Mar Oceano profundo,  
Aonde a mais afouta fantasia  
Tomar não pode inda nas praias fundo.

Oh! queira o Céu, que em santa companhia  
Os anos, que te aplaudo cá no mundo,  
Não pareçam no Céu menos, que um dia.

II, 74

*(De Teod.)*

Não digas, não, que é muda soledade,  
Essa, 6 Sábio Paulino, aonde moras;  
Pois com tua presença a condecoras,  
Fazendo de um deserto uma Cidade.

Nem te lembras da minha longa idade,  
Se a tua com razão nunca melhora;  
Deixa correr os meus dias, e horas,  
Sempre atento à mortal fragilidade.

Só te peço por termo derradeiro,  
Que vendo-te no Céu livre de enganos,  
Porque enfim pela idade hás-de ir primeiro;

Nessa posse de gostos soberanos,  
Esquecido da pena, e do tinteiro,  
Só te lembres de mim, não dos meus anos.

II, 75

*(De Paul.)*

Já, Teodoro, o cabelo me embranquece,  
Parte me cai, e parte se arrepiã,  
Encrespa-se-me o rosto, e principia  
O Tempo a declarar que me anoitece.

Tarda-me a mão, a planta se entorpece,  
A vista dos meus olhos se desvia;  
Tudo me enfada, tudo me enfastia,  
E tanto que até Nize me aborrece.

Enfim tenho alcançado, ó caro amigo,  
Que a estação dos tardios desenganos  
Me bate à porta, e vem lutar comigo.

Triste pensão dos míseros humanos!  
Que todos... mas tem mão, não é contigo,  
Que a velhice não entra nos teus anos.

II, 78

*(De Teod.)*

Agora, que de neve se embranquece  
Aquele monte, e o burro se arrepiã,  
É chegado o Inverno: principia,  
Paulino, a ver que cedo te anoitece.

Se o rosto encrespa, a planta se entorpece,  
Se tarda a mão das Musas te desvia;  
Se já teu canto ia todos enfastia,  
E até Nize de ouvir-te se aborrece;

Agora sim, agora, ó sábio amigo,  
É tempo de abraçar os desenganos,  
Que o Tempo a todos dá: mas não comigo.

Vai-te enfim despedindo dos humanos;  
Que a velhice cruel entra contigo,  
E nunca tens de a ver nestes meus anos.

II, 79

*(De Paul.)*

Eu que tanto, ó Teodoro, um tempo disse  
Dois grandes anos teus, que impertinente  
Tantos versos lhes fiz, até que à gente,  
Sofrimento faltou, com que me ouvisse.

Eu nunca imaginei, que em mim se visse  
Despovoada a boca, e calva a frente;  
E posto em termos tais, que finalmente  
Imagem fosse da infeliz velhice.

Mas foram pragas tuas, ou crueldade  
Do rude Tempo, que me tem contado  
Já mais de meio século de idade.

Nada me falta mais, que ao duro Fado  
O resto consagrar da humanidade:  
Ah! Teodoro, Teodoro, estás vingado.

II, 80

*(De Teod)*

Que tarde, meu Paulino, resplandece  
Na tua boca a cândida verdade?  
Tarde sim; porém sempre a longa idade  
De sábias instruções nos prevalece.

Que estás arrependido me parece  
De me insultar com tanta impiedade:  
Eu tudo te perdoo, que a piedade  
Mais que a vingança as almas enobrece.

Vai-te em paz, e se lá no Elísio prado  
Vires Nestor, pergunta-lhe se assenta  
Qual de nós já mais anos tem contado.

Escuta-lhe o seu voto humilde, atenta,  
E verás que te diz o velho honrado  
Que os teus quinze são mais que os meus setenta.

II, 81

*(De Paul.  
à morte de Teodoro de Sá)*

Enfim, Teodoro, enfim a escura sorte  
Te abateu como aos mais endurecida;  
Talvez para elevar desvanecida  
O instrumento cruel do triste corte.

Quis a fouce provar contigo, e forte  
Executando o golpe enfurecida,  
Acabou de mostrar que a maior vida,  
Inda que tarde, se sujeita à morte.

Mas deixa, alma feliz, que por vanglória  
Se jacte a Parca ao resto dos humanos,  
De que de ti logrou falsa vitória:

Pois tu, para evadires os seus danos,  
Não menos que no Templo da memória  
Abrigaste com tempo a dos teus anos.

II, 91 – **último poema da “Controvérsia”**

**[FIM DA “CONTROVÉRSIA”]**

**“SONETOS DE PAULINO CABRAL DE VASCONCELOS”**

Agora sim falar pretendo ousado,  
Depois que só me resta a sepultura;  
Porque enfim pouco ou nada se aventura,  
Quando já se receia a lei do Fado.

De lustros dezasseis, que tenho andado,  
Não há mais que esperar, que a morte dura,  
E tanto mais do golpe me segura,  
Quanto mais o pressinto avizinhado.

Paga-se tudo pois; e por piedade  
O Mundo ou me respeite, ou me suporte  
Por devida atenção à larga idade:

Já que é tão infeliz a humana sorte,  
Que para claro abono da verdade  
Não basta a vida, é necessária a morte.

II, 99

Nize, eu não posso mais, e a minha idade  
Já não resiste à tua gentileza,  
Porque em mim já desmaia a natureza,  
E em ti inda te alenta a mocidade.

Enquanto eu pude, e tive actividade,  
Nenhuma exp’rimentou em mim tibieza;  
E se queres saber esta certeza,  
Tua avó te dirá toda a verdade.

Pergunta-lhe o que fiz, e a valentia  
Com que do ardente amor acompanhado  
Nas campanhas de Vénus combatia:

Mas já hoje da guerra estropiado,  
Só conservo na vaga fantasia  
Estas tristes memórias do passado.

II, 102

*(Recitado)*

Eu, que me ri na flor da mocidade,  
Dessa ardente paixão, que a honra infama,  
Que a tanto homem de bem, que a tanta dama  
Mancha o decoro, e rouba a liberdade:

Que me ri desse Nume sem piedade;  
Que com profano ardor, com voraz chama  
Abrasa aos Sábios, aos Heróis inflama,  
E acende até no Trono a Majestade:

Eu, que me ri do Amor, eu finalmente,  
Que lhe chamei rapaz, e um louco encanto,  
Que delírios produz no mais prudente:

Eu, convertendo agora o riso em pranto,  
Arrastando os grilhões, como a mais gente,  
Adoro a Nize; e a palinódia canto.

II, 114

Eu como, eu bebo, eu durmo, e a vida passo  
Ora bem, ora mal, como sucede:  
Tomo tabaco, e chá; e se mo pede  
O génio alguma vez, eu Nize abraço:

Às vezes jogo, às vezes versos faço,  
Que mais que a arte a natureza mede:  
E talvez por saber como procede  
Em se mover o Sol, círculos traço.

Alguma vez me agrada a soledade,  
Outras vezes a nobre companhia;  
E desta sorte vou passando a idade:

E espero assim que venha a morte fria  
Com o manto da eterna escuridade  
Encobrir-me de todo a luz do dia.

II, 140

Musas adeus, e adeus eternamente;  
Porque já rouca a voz, e a mão fria  
Perde, se canta, a doce melodia,  
Rompe, se toca, a Cítara cadente.

Se algum tempo atenção me dava a gente,  
Se talvez com prazer Nize me ouvia,  
Tudo enfim se acabou; porque a harmonia  
Depois da mocidade se desmente.

Tudo me falta enfim; o engenho, a Arte,  
E tudo o mais, que ao peito dos humanos  
O vosso Apolo, quando quer, reparte:

E apenas só conservo nos meus anos  
O vigor para dar, inda que tarde,  
Documentos fiéis de desenganos.

II, 159

Musas adeus, que a voz se me enrrouquece,  
E não sustenta a vossa melodia:  
Acabou-se esse tempo; hoje a Poesia  
Em lugar de esquentar-me me arrefece.

Se dos anos na flor prenda parece,  
Na velhice é labéu; pois tarde, e fria  
Se trata affectos loucos enfastia,  
Se sábios desenganos aborrece.

Adeus volto a dizer, e vos protesto  
De jamais invocar-vos; pois da idade  
Em paz passar desejo o triste resto.

Deixemos esse emprego à mocidade;  
Que eu não quero à mais gente ser molesto  
Quer eu cante de Amor, quer da verdade.

II, 160